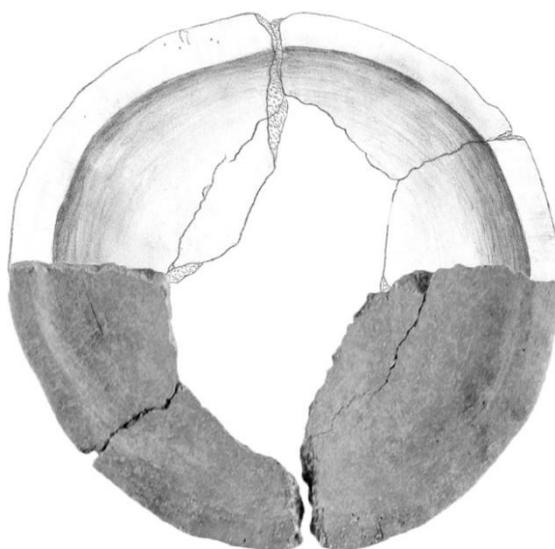


**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**O REPERTÓRIO CERÂMICO DA SALA Nº 1 (VIDIGUEIRA).  
NA SEQUÊNCIA NEOLÍTICO FINAL A CALCOLÍTICO DO ALENTEJO MÉDIO**

**VOLUME 1**



**LUÍS CONSTANTINO BORGES RENDEIRO**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**2014**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**O REPERTÓRIO CERÂMICO DA SALA Nº 1 (VIDIGUEIRA).**  
**NA SEQUÊNCIA NEOLÍTICO FINAL A CALCOLÍTICO DO ALENTEJO MÉDIO**

**VOLUME 1**

Tese orientada pela Professora Doutora Ana Catarina Sousa

**LUÍS CONSTANTINO BORGES RENDEIRO**

**Dissertação de Mestrado em Arqueologia**

**2014**

## AGRADECIMENTOS

Demonstrar o reconhecimento que é devido, às pessoas que de alguma forma desempenharam um papel preponderante na laboração deste trabalho, acaba sempre por ser tarefa complexa. Não porque uns merecem mais do que outros, simplesmente porque todos merecem o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço à Prof<sup>a</sup> Doutora Ana Catarina Sousa, a sua total disponibilidade, bem como a sua paciência, por vezes titânica, de orientar e levar a bom porto esta tese. A excelência da sua observação crítica, e frontalidade com que apontou os caminhos a tomar na elaboração desta tese, foram de certa maneira desafiantes, mas ao mesmo tempo empolgantes e enriquecedores. Grato fico também, pela forma como se dedica à docência e à frontalidade com que aborda as temáticas, e que me incutiu ao longo do meu percurso académico a ter uma visão crítica, mas humilde. A sua exigência e a sua capacidade para mostrar que todos podemos aprender, e desenvolver o nosso conhecimento, moldou a minha percepção e modo como vejo a Arqueologia. A si muito obrigado.

E porque a quem de direito se reconhece o seu valor, não posso de deixar de agradecer a quem devo muito do meu percurso académico, ao Prof. Doutor Victor S. Gonçalves. Que não há muito tempo aceitava um grupo de estudantes, na qual eu fazia parte, como grupo de voluntários na UNIARQ. Começando a minha vida arqueológica com os mesmos materiais aos quais viria a estudar para esta tese, da Sala nº1. Agradeço a confiança de que depositou neste aluno inexperiente, e da fasquia que elevava de ano para ano, nas escavações e nos trabalhos de laboratório que me incumbia. Aos 5 anos de escavações, trabalhos de campo, prospeções, trabalhos de laboratório, e docência que sempre fez questão em efectuar de maneira constante e compreensiva, agradeço. E principalmente por me faze perceber o valor de trabalho em equipa, de aprender com os erros, e de principalmente compreender que por muito cientistas que sejamos, também somos acima de tudo pessoas. À disponibilidade em ceder os materiais arqueológicos da Sala nº1, e que serviram de base desta tese, obrigado.

Aos meus colegas, agradeço, e não querendo esquecer de nenhum, começo pelo Marco Andrade, pela sua sempre directa opinião e ajuda presente. Ao Rui Mataloto, pelas informações trocadas e pela ajuda a lembrar as então longínquas escavações de Sala nº 1. À Ana Olaio, que além de esta matéria ser aquém da sua preferência, sempre se aprontou a auxiliar. Não me posso esquecer dos restantes que me marcaram neste longo caminho de aulas, escavações, laboratório, mas também de aprendizagem e camaradagem, a eles o meu obrigado.

Por último, e porque a se trata do meu pilar basilar, à minha esposa Paula. Simplesmente porque é causadora de todo este percurso, e que em palavras seria complicado expressar tamanha gratidão. Pela sua compreensão, pelo seu sacrifício, e acima de tudo pela força que me deu para nunca desistir. Ao meu filho David, que apenas com 4 anos me mostrou que nunca é tarde para seguirmos os nossos sonhos, e que nestes últimos anos cresceu e me ensinou que só somos diferentes se deixarmos que nos vejam como tal.

A ti Paula, e a ti David – Obrigado!

## RESUMO

**Palavras-chave:** *Sala nº1, Recipientes Cerâmico, Neolítico final-Calcolítico, Alentejo Central.*

O trabalho aqui proposto tem como objectivo central, a realização de análises ao conjunto dos recipientes cerâmicos pertencentes ao povoado da Sala nº1. Repertório esse, que se baseou no acervo retirado do sítio arqueológico Sala nº1, intervencionado pelo Professor Victor S. Gonçalves (1988, 1989 e 1995).

As análises e descrições efectuadas foram sempre norteadas para a tentativa de estabelecer uma sequência de formas que se pudesse verificar quanto à sua normalização e frequência nos contextos presentes ao povoado da Sala nº1. Traduzindo nessa realidade, a diacronia transversal entre os estratos arqueológicos pertencentes ao Neolítico final e os estratos pertencentes ao Calcolítico.

Tendo sempre como parâmetros de análise, as metodologias e critérios descritivos dos recipientes cerâmicos, presentes nos trabalhos publicados sobre as realidades cronológicas semelhantes no Sul de Portugal. O próprio conjunto de recipientes cerâmicos aqui analisado foi submetido a essas metodologias, com fim de obter primordialmente as formas e as tipologias a que pertencem. Nesse sentido procurei criar um quadro de referência local e regional, e posteriormente coloca-lo num enquadramento geral do Neolítico final e início do Calcolítico do Alentejo Médio, tentando verificar as similitudes nos quadros tipológicos existentes, como os estabelecidos por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Sendo este um estudo que abrange um tempo cronológico de praticamente 1500 anos, premiei através da amplitude dos contornos que moldaram esta análise, algumas perspectivas possíveis. Quer ao nível das tipologias, quer ao nível das estratégias de ocupação do território, aplicáveis para o espaço e o tempo em análise.

Verificando a realidade escassa nos contextos alentejanos (publicados), em que a cultura material se integra numa estratigrafia e cronologias com uma diacronia semelhante à do povoado da Sala nº1. Tentei integrar este povoado num estudo que não sendo comparativo, tivesse essa componente em relação às tipologias e formas cerâmicas identificadas.

Procurou-se dar ênfase à realidade artefactual das taças carenadas, e à sua possível evolução para formas mais adaptáveis ao uso e consumo quotidiano das comunidades contemporâneas das fases Calcolíticas do povoado.

## ABSTRACT

**Key-words:** *Sala nº1, ceramic vessels, late Neolithic-Chalcolithic, Central Alentejo*

The central objective of this proposed study is to analyze the ceramic vases belonging to the repository from Sala nº1 settlement. This repository, is based on the collection from Sala nº1, that were removed from the archaeological site, where Professor Victor S. Gonçalves intervened in 1988, 1989 and 1995.

The analyses and descriptions were guided by the attempt to establish a sequence of shapes that could verify their normality and attendance as presented in the settlement of Sala nº1. Translating this reality is the diachronic cross between archaeological strata belongs to the Late Neolithic and the Chalcolithic.

Maintaining the analysis parameters, the methodologies and descriptive methods of ceramic vessels, similar to studies done in chronological realities similar to southern Portugal, are published and suitably referred in this study. The analysis of the collection of ceramic vessels was submitted to these methodologies to obtain primarily the shapes and the typologies to which they belong. Accordingly, I created a local and regional reference chart and, subsequently, place the collection in a general chart of Late Neolithic and early Chalcolithic of the Middle Alentejo. Furthermore the chart attempts to verify the typological similarities in the existing charts, such as those established by Carlos Tavares da Silva and Joaquina Soares.

Being that this is a study that expands a time period of nearly of 1500 years, the amplitude of the contours that have shaped this analysis allowed for some of the possible perspectives. Whether at the level of the typologies or the strategies of territorial occupation, I have applied space and time for my analysis.

The Alentejo contexts poses that the culture material is one stratigraphy and chronologies with a diachronic, which is similar in Sala nº1. I tried to include the same settlements in one study being not comparative would such component relative to the typologies and forms of the ceramics identified.

Giving an emphasis to the artifactual reality of the carinated bowls, and their possible progression to be more adaptable forms of our use and daily consumption of the contemporary communities of the phases of the Chalcolithic settlement.

## ÍNDICE DO VOLUME 1

### CAPÍTULO 1. METODOLOGIA:

1.1 - Apresentação.....	6
1.2- Métodos e práticas: .....	7
1.3 - Organização .....	8

### CAPÍTULO 2. O MEIO FÍSICO:.....

2.1. Localização geográfica e definição da área de estudo (Sala N.1. - Vidigueira) .....	10
2.2. - Orografia, Geologia, Hidrografia, Solos, Coberto vegetal e clima. ....	11
2.3- O aproveitamento e uso dos solos, e os recursos disponíveis: .....	13
2.4 - Enquadramento geográfico e a sua envolvimento num povoamento regional da Vidigueira: .....	18

### CAPÍTULO 3. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO: .....

### CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA DA OCUPAÇÃO: .....

4.1 - O <i>Locus</i> 1:.....	26
------------------------------	----

### CAPÍTULO 5. CULTURA MATERIAL .....

5.1. Uma perspetiva geral:.....	30
5.2. Cultura material - Recipientes cerâmicos:.....	33
5.3 Categorias e critérios descritivos.....	39
5.4. Definições e conceitos: enunciação da terminologia aplicada. ....	44

### CAPÍTULO 6. OS RECIPIENTES CERÂMICOS DE SALA Nº 1 .....

6.1 - O universo de análise. ....	47
6.2. Uma retrospectiva dos catálogos existentes para o 4º e 3º milénios a.n.e. no Centro e Sul de Portugal .....	49
6.3. Proposta de catálogo de formas para Sala nº 1 .....	56
6.3 - As taças carenadas: Neolítico final? .....	60
6.3.1 -Uma problemática ou a prova da sua metamorfose: .....	62
6.3.2- Os vários tipos de carena e a sua relação com o tamanho, o diâmetro e dimensão dos recipientes: .....	63
6.4- Os pratos, típicos do advento Calcolítico.....	64
6.4.1- Os vários tipos de prato e os bordos específicos .....	65
6.5 - As cerâmicas mamiladas.....	66
6.6 - As restantes formas presentes. ....	67
6.6.1 -A cerâmica decorada, presenças e ausências: .....	70
6.7 - Análise macroscópica das cerâmicas .....	72
6.7.1- Tipo de Cozeduras .....	75
6.7.2- Tratamento das superfícies .....	77
6.8 - Sala nº 1 e a sequência formal das cerâmicas: .....	79

### CAPÍTULO 7. A SALA Nº 1 NO 4º E 3º MILÉNIO DO CENTRO E SUL DE PORTUGAL.....

### CAPÍTULO 8. AS CONCLUSÕES POSSÍVEIS .....

### BIBLIOGRAFIA:.....

## CAPÍTULO 1. METODOLOGIA:

### 1.1 - Apresentação

A estrutura deste trabalho foi norteada para um estudo ao nível das formas e tipologias dos recipientes cerâmicos do povoado da Sala nº1, balizado entre a segunda metade do 4º milénio e a primeira metade do 3º milénio a.n.e. Este período é tradicionalmente designado pela comunidade arqueológica como pertencente ao Neolítico final e Calcolítico inicial – pleno. Ainda que para este debate não se traga os artificialismos destes termos, o facto é que a parca definição dos mesmos evidencie o artificialismo de designações rígidas (Sousa, 2010).

Trata-se de um povoado escavado por Victor S. Gonçalves em 1988, 1989 e 1995, agradecendo-se desde já a disponibilização do espólio e dos registos de campo para construção desta dissertação. Estas intervenções evidenciaram a presença de seis estratos de ocupação, cujas datações por radiocarbono, enquadraram entre finais do 4º milénio e meados do 3º milénio a.n.e.

Este projecto é baseado no acervo de 1062 fragmentos correspondentes a bojos, bordos e alguns fundos de recipientes cerâmicos, identificados e recolhidos, provenientes do *locus I* do povoado da Sala nº1.

A área geográfica em que se integra Sala nº 1, remete-nos não só para a visão geral das margens esquerdas e direitas de um Guadiana que “teimoso” encurva” junto ao povoado da Sala nº1, como também nos faz repensar num Alentejo de “ambientes” diferentes aos que hoje verificamos. O próprio rio transitava com mais vigor e as pastagens que circundariam o próprio povoado seriam bem mais verdejantes, albergando espécies faunísticas, hoje completamente ausentes da biodiversidade Alentejana, como é o caso dos Veados e dos Corços. Tal foi evidenciando pelo estudo dos restos faunísticos do povoado da Sala nº1, efectuados no âmbito do Seminário de Arqueozoologia sob a direcção de Cleia Detry.

Num âmbito cronológico de praticamente 1500 anos, a amplitude dos contornos da análise, premiou algumas perspetivas possíveis, quer ao nível das tipologias de cerâmica, quer ao nível das estratégias de ocupação do território, aplicáveis para o espaço e o tempo em análise.

Tendo isso em consideração, e assistindo a uma realidade parca em contextos alentejanos publicados, cuja cultura material esteja integrada numa estratigrafia e cronologias com uma diacronia semelhante à do povoado da Sala nº1, tentei englobar o mesmo povoado num estudo, que não sendo comparativo, tivesse essa componente em relação às tipologias e formas cerâmicas identificadas. Comparando-o com sítios como Castelo de Santa Justa, Corte de João Marques, Porto Carretas, Porto Torrão, Monte da Tumba, Povoado do Paraíso, que em conjunto abrangem desde do Alto Alentejo, até ao Alto Algarve Oriental, naquilo que seria uma interação regional e inter-regional do próprio povoado da Sala nº1. E sem esquecermos a Extremadura espanhola, nomeadamente locais como Papa Uvas, que certamente exprimem a tal comparação tipológica e formal quanto aos recipientes cerâmicos.

Mas falar de cultura material, será ter em conta antes de mais, a quantidade da mesma e a relação dessa com o próprio sítio em estudo. E como tal o caso da Sala nº1, o

somatório das intervenções arqueológicas neste sítio atingem cerca de 1658 individualizações na sua totalidade, respeitante ao *locus 1*, somando ainda perto de 500 restos faunísticos classificáveis, num total que facilmente atingirá os 3 mil fragmentos ósseos, pertencente ao mesmo *locus*.

Do total de individualizações, cerca de 1062 correspondem a recipientes cerâmicos, entre os quais 986 são bordos, 76 são bojos, seis são fundos e quatro são as denominadas “tampas”.

Não pretendendo entrar directamente na análise efectuada para este estudo, há que salientar que a este conjunto da Sala nº1, pertence ainda um total de 22 fragmentos individualizados de artefactos de pedra polida, cerca de 25 de pedra afeiçãoada, e perto de 51 de pedra lascada. Salientar ainda a presença de artefactos de adorno (contas de colar), artefactos ligados ao mágico/simbólico (fragmentos com pinturas faciais da Deusa mãe), e ao sagrado (Ídolos de Cornos).

Todavia, como é sabido, construir uma tese, é fazer escolhas e trilhar em prol de alguns objectivos. E como tal, optei por concentrar as análises, como já foi referido, nos fragmentos pertencentes a recipientes cerâmicos, dadas as suas potencialidades, já que se tratam de fortes indicadores cronológicos e do modo de vida das populações. Estes serão analisados ao nível das formas, funcionalidade e técnicas de fabrico, procurando estabelecer uma relação entre os mesmos e a diacronia apresentada em todas as fases de ocupação do povoado, bem como colocar o mesmo conjunto cerâmico num enquadramento regional e posteriormente num enquadramento geral do Neolítico final e início do Calcolítico do Alentejo Médio.

## **1.2- Métodos e práticas:**

Na elaboração deste trabalho, globalmente escolhi critérios que já haviam sido definidos e atempadamente publicados, onde a escolha pautou sempre pelos autores cujas publicações e investigações refletiam conjuntos semelhantes ou bem próximos da diacronia identificada na Sala nº1.

Relativamente aos critérios descritivos utilizados para os estudos dos fragmentos cerâmicos, genericamente adoptou-se critérios já publicados, por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares, 1976-77, p. 181-184), e Victor Gonçalves, (Gonçalves, 1989c, p.147-151), numa clara adaptação dos mesmos, aos critérios avançados por Balfet (1992), Shepard (1971) e Séronie-Vivien (1982). Foram ainda consideradas alguns critérios de António Carlos Valera (Lago et al, 1998.p. 80 -85), Manuel Calado (Calado, 1995 e 2001), e Ana Catarina de Sousa (2010). Os parâmetros descritivos encontram-se todos listados no Capítulo 5 (referente à Cultura material), sendo que as listagens gerais dos fragmentos estudados se encontram em anexo, conjuntamente com as respectivas tabelas e quadros de síntese, e os gráficos das percentagens existentes aos vários níveis descritivos. Algumas dessas tabelas e quadros de síntese encontram-se inseridas no corpo do texto, como o caso das tabelas de formas propostas para este estudo, bem como algumas tabelas descritivas, por entender que facilitavam a leitura e compreensão das propostas avançadas.

Nas questões da apresentação da cronologia absoluta, e visto que respetivamente ao sítio da Sala nº1, já tinham sido publicadas, (Gonçalves, 1989 a), efectuou-se uma nova calibração usando o programa CALIB 7.0 (M. Stuiver, P.J Reimer and R. Reimer 2014), sendo ainda de referir que as datas citadas em texto são sempre as calibradas a dois sigmas ( $\delta$ ). E as mesmas são sempre referidas pela designação a.n.e (antes da nossa era), seguindo os indicadores para o estudo dos 4º e 3º milénio do sul Peninsular tal como as propostas de vários autores, entre os quais (Gonçalves, 2005; Gonçalves e Sousa, 2006; Sousa, 2010).

### 1.3 - Organização

Em termos organizativos, este trabalho divide-se em quatro partes, distribuídos por 8 capítulos. Na primeira parte, são definidos os métodos e as perspectivas teóricas e os contextos adoptados no projeto, com o Capítulo 1, revelando as linhas de pesquisa e as opções metodológicas adoptadas pelo autor.

Numa segunda parte, os critérios prendem-se com o próprio sítio da Sala nº1, numa descrição acerca do seu enquadramento geográfico e a sua envolvência no povoamento regional da Vidigueira, refletindo-se no Capítulo 2 (O Meio Físico), onde também está descrito o aproveitamento e uso dos solos, e os recursos disponíveis, a sua localização geográfica e definição da área da Sala nº1, a sua Orografia, Geologia, Hidrografia, Solos, Coberto vegetal e clima. Ainda nesta segunda parte, é referido o curto historial das pesquisas, onde no Capítulo 3 (Historiografia da Investigação), são referidos alguns aspectos da investigação e das intervenções na Sala N.1, como o início da descoberta e as prospeções sistemáticas de 1988/1987 e 1995, e a realidade destrutiva do avanço das máquinas, e ainda uma breve síntese das investigações e intervenções na região da Vidigueira. Ainda dentro desta segunda parte será efectuada uma leitura da morfologia da ocupação e uma análise global ao conjunto dos materiais arqueológicos, como observamos no Capítulo 4 (Morfologia da a Ocupação), onde está inserida a dimensão do povoado da Sala nº1, e os *Locus* existentes. Inclui-se uma caracterização do *Locus* 1, a sua escolha, a importância da sua amostra bem como as estratigrafias existentes. Ainda dentro do mesmo capítulo, é introduzida uma breve nota introdutória às modalidades de exploração patentes nos indicadores faunísticos.

A terceira parte será uma aprofundada análise à cerâmica da Sala nº1, cruzando vários indicadores de análise como a questão tafonómica e estratigráfica, as formas e a sua decoração, bem como as técnicas de fabrico, tentando-se ter uma visão completa do conjunto estudado. Nesse sentido o Capítulo 5 (Cultura Material) constitui o capítulo central desta tese, sendo consequentemente o mais extenso, onde se apresenta uma perspectiva geral da Cultura material, os recipientes cerâmicos, as categorias e critérios descritivos, e as definições e conceitos. Procurar-se-á elaborar um catálogo de formas confrontando-o com as tipologias actualmente disponíveis para o Alto Algarve Oriental (Victor S. Gonçalves, 1989 c) e para o Alentejo (Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva). E será ainda ensaiada uma leitura funcional da colecção em estudo. Assim sendo, o Capítulo 6 (A cerâmica da Sala nº1) insere no universo da análise, uma retrospectiva dos

catálogos existentes para o Calcolítico português. A este capítulo, corresponde a proposta de catálogo de formas, onde se insere no corpo do texto o quadro explicativo dessa mesma proposta. É também discutida a questão das taças carenadas, típicas do Neolítico final, a possibilidade ou não da sua metamorfose, os vários tipos de carena e a sua relação com o tamanho o diâmetro e dimensão dos recipientes. Os pratos como advento do Calcolítico, também está patente neste capítulo, bem como os vários tipos de prato e os bordos específicos. Presente estão também as cerâmicas mamiladas e as questões acerca das asas, os apliques de mamilos nos bordos e nas carenas, e ainda algumas considerações sobre as várias tipologias de mamilos presentes. Ainda dentro deste capítulo, são referidas as restantes formas presentes, tal como as presenças e ausências das cerâmicas decoradas e as técnicas usadas. Estando também inserido uma análise macroscópica das cerâmicas, identificando o tipo de pastas presentes, o tipo de cozeduras e o tratamento das superfícies. É feita, dentro deste capítulo a sequência formal das cerâmicas, a sua relação com as várias fases de ocupação do povoado e conseqüentemente aos níveis existentes, e as leituras possíveis.

O quarto ponto e último procurará integrar o conjunto cerâmico num enquadramento regional, bem como num dos quadros tipológicos publicados para o Centro e Sul de Portugal. O conjunto cerâmico será finalmente integrado no modelo explicativo das dinâmicas de ocupação da Sala nº1 e nas principais problemáticas do Centro e Sul de Portugal durante o 4º e 3º milénio a.n.e. referente ao capítulo 7 (A Sala nº1 no 4º e 3º milénio no Centro e Sul de Portugal) e o capítulo 8 (Conclusões possíveis), onde se tenta responder a essa procura de integração do conjunto de recipientes cerâmicos.

## CAPÍTULO 2. O MEIO FÍSICO:

### 2.1. Localização geográfica e definição da área de estudo (Sala N.1. - Vidigueira)

O sítio arqueológico da Sala nº1, localiza-se na Freguesia de Pedrogão, no concelho da Vidigueira, distrito de Beja. Em termos de localização cartográfica, o local está identificado na folha nº 511, da Carta Militar de Portugal 1/25 000, levantada, desenhada e publicada pelo Instituto Geográfico do Exército, série M888, 3ª edição de 1994. O sítio arqueológico está a uma altitude de 98m em relação ao nível do mar, e a sua localização geográfica é de 38°06' 27.8" N, e 7°38'48.5" W.

Implantado sobre a margem direita do Guadiana, o sítio da Sala nº1 ocupa o topo de um cabeço que vai descendo sobre uma encosta que cai abruptamente sobre o rio Guadiana em grandes blocos de granito e que formam pequenos abrigos. O rio assume na totalidade dos seus 810 Km, como linha condutora de uma organização do espaço habitado, representando assim um elemento da paisagem de extrema importância (Soares, 2013, p. 79). Sendo um rio “antigo”, a sua bacia hidrográfica percorre 66 960 Km<sup>2</sup>, em que apenas 1/6 (11 700 Km<sup>2</sup>) se situa em território português (*idem, ibidem*).

Na região do Baixo Alentejo e distrito de Beja, onde se insere o povoado da Sala nº1, a bacia do Guadiana contém áreas extensas de rochas eruptivas (com elevada capacidade de absorção de água) que vão influenciar de certo modo o escoamento das águas pluviais, e contribuir para ponderar os cursos fluviais (*idem, ibidem*, p.80). Ainda no que toca à bacia hidrográfica do Guadiana, constatamos que “ A bacia do Guadiana encontra-se, na actualidade, bastante desflorestada, consequência de condições climáticas desfavoráveis, marcadas pela aridez, e também de acções antrópicas (...)” (*idem, ibidem*, p.81).

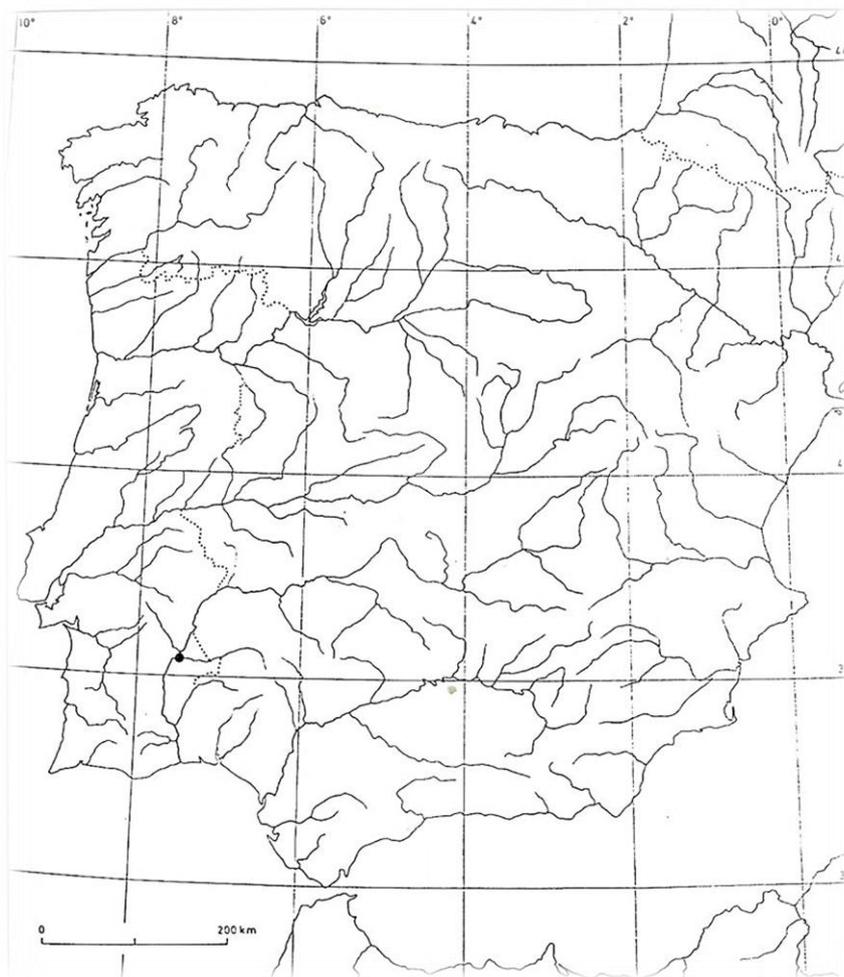
Em frente ao povoado da Sala nº1 o rio Guadiana corre profundo, porém estreito, espraiando-se logo de seguida, e voltando a estreitar-se devido ao enclave do maciço rochoso onde se implanta o povoado de S. Lourenço.

Na margem oposta à Sala nº1, verificou-se um pequeno povoado, a Toca da Galiana, que se insere sobre e entre grandes blocos de granitos. Para este pequeno povoado da Toca da Galiana, Manuel Calado (Calado, 1995, p.101) avança com uma cronologia, algo anterior ao 3º milénio a.n.e. A relação e contemporaneidade entre a Sala nº1 e o povoado de S. Lourenço, são assumidas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p.382). Este autor considera esta relação como pertencente a uma realidade complementar, onde dois povoados partilham uma mesma área de recursos.

Estando implantados ambos sítios estrategicamente sobre o rio, conseguiriam assim um maior controlo da navegação, numa clara boa defensibilidade do acesso à várzea existente. Este controlo e acesso a esta várzea, era certamente por ser um local propício a um bom embarcadouro, bem como um excelente ponto de travessia, principalmente pelo lado do povoado de S. Lourenço onde desemboca um caminho natural paralelo à serra. (*idem, ibidem*). Parece que esta proximidade dos dois povoados representa um controlo efectivo das duas margens do Guadiana, principalmente nesta curva que o rio apresenta na passagem pela Sala nº1.

Tendo em conta a realidade do povoado de Sala nº1, parece-nos que os novos equilíbrios do 3º milénio a.n.e, que implicariam a extensão do próprio povoamento,

resultando o povoado de S. Lourenço num processo de “enxameamento” como definido por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p. 382), pode estar relacionado com o decair da ocupação da Sala nº1.



*Fig. 2.1 – Mapa da Península Ibérica e a localização do Povoado da Sala nº1 (Mapa adaptado de Gonçalves, 1989)*

## **2.2. - Orografia, Geologia, Hidrografia, Solos, Coberto vegetal e clima.**

O sítio arqueológico da Sala nº1 situa-se nas margens do Guadiana sobre uma importante mancha de granito e quartzodioritos, que devido à sua alta qualidade foi alvo de sucessivas destruições, devido à intensa extração de pedra.

Tendo em conta a descrição da área onde o povoado da Sala nº1 está implantado, em termos geológicos, é notório perante o mapa representado na Carta Geológica de Portugal de 1:50 000, na folha nº 43B, 1970, a representação de duas realidades de relevo que caracterizam o Sul de Portugal: A Norte a serra de Portel, e a Sul a planície do Baixo-Alentejo, onde se nota que ambas se contactam através do acidente tectónico – a Falha da Vidigueira – que percorre rectilaneamente no sentido E/W, (Carvalhosa e Carvalho, 1970, p.22.).

Na sua descrição geológica o povoado da Sala nº1 é caracterizado por conter terrenos constituídos por rochas eruptivas de idade Hercínica. Onde abundam principalmente granitos calco-alcalinicos de grão médio, não perfiróide, apelidados de *Granitos de Pias* – Pedrogão. Estas manchas graníticas são ainda acompanhadas por

vezes, de auréolas metamórficas desenvolvidas, (*idem, ibidem*), são caracterizados ainda por serem, granitos pós-tectónicos ou tardi-tectónicos.

Em termos de estrutura hipitiomórfica-granular e composição mineralógica, vemos que constituído de micropertite, oligóclase, quartzo e biotite, ainda que se encontre também mirmequite, moscovite, apatite, esfera, clarite, sericite, óxidos de ferro, termaline e anfíbola, (*idem, ibidem*).

A caracterização daquele sítio ao nível da descrição geológica dos solos, tem a peculiaridade de ter como limite geológico, solos que se situam imediatamente a Oeste do povoado da Sala nº1, como solos corneanos, que se distinguem por serem constituídos por rochas eruptivas metamórficadas ou metassedimentadas. Estas são compostas por pelíticas, básicas, quartzo-feldspáticos e calcários, (*idem, ibidem*). Onde é usual proliferar asbestos, peridotitos e anfibolitos. Já a Este como a Sul, este sítio arqueológico é banhado pelo rio Guadiana, (*Anexos – Fig. 2*).

Tendo em conta a Carta dos Solos de Portugal, na folha 43B à escala de 1:50 000, pertencente à Base Cartográfica reduzida da Carta Militar de Portugal de 1966, o sítio arqueológico Sala nº1, é constituído por solos com afloramentos rochosos de granitos ou quartzodioritos, com limites a Norte com solos Litólicos não húmicos de granitos ou rochas. Já a Sul é limitado pelo rio Guadiana, enquanto a Este e a Oeste é limitado por solos caracterizados como aluviossolos modernos de textura ligeira e de fases inundáveis, embora a Noroeste existem solos mediterrâneos vermelhos ou amarelos de rochas cristofílicas básicas de fase pedregosa.

A Carta de Capacidade de Uso dos Solos refere-se à «capacidade [dos solos] para suportarem as culturas usuais», e foi concebida para fornecer uma «visão generalizada para o planeamento agrário ao nível nacional e regional», que se apoia numa concepção de agricultura – não explicitada -, que a variação das condições técnicas, económicas e políticas pode desactualizar (Dias, 1995, p. 168-169). A sua leitura, particularmente quando se pretende fazer leituras paleoambientais, deve ter em conta as suas limitações. Não obstante, apresenta-se como ferramenta de trabalho útil.

Quanto à sua capacidade de uso, estes solos são caracterizados como solos de capacidade E, ou seja Litossolos – solos esqueléticos – de afloramentos rochosos, com declives classificados entre o 4 e 6 (entre os 9 e os 25 %). Como referido anteriormente, esta avaliação tem em conta as condições do solo num dado momento para um determinado tipo de agricultura, podendo ter sido distintos no passado (eventualmente até melhores, dado que não eram alvo de uma intensa exploração).

A Norte observamos o desenvolvimento da serra do Mendro e o patamar do acidente tectónico -a Falha da Vidigueira – que percorre retilineamente no sentido E/W (Carvalhosa e Carvalho, 1970, p.22). Criando uma paisagem plana que culmina com a própria serra do Mendro em direção ao Guadiana, havendo sempre uma grande continuidade da visibilidade, que apenas quando se aproxima das ribeiras de Selmes (onde o terreno se contorce) os índices de visibilidade diminuem. Enquanto junto ao Guadiana o relevo é mais acentuado em vales profundos onde este corre encaixado, (*Anexos – Fig. 80*). Quando analisamos a geomorfologia do sítio da Sala nº1 e a sua envolvente, percebemos como é fundamental conhecermos e compreendermos o rio

Guadiana para interpretarmos a vivência nos povoados do 4º e 3º milénio a.n.e no Alentejo.

Sabemos hoje, que o clima certamente foi variando no Alentejo ao longo dos últimos milénios, sendo muito mais temperado que actualmente (pelo que a análise faunística deixa antever com a presença massiva de Cervídeos) que bem sabemos, serem animais cujo seu ecossistema se define por presença de pequenos bosques ou florestas, algo inexistente nos dias de hoje nesta região.

Através da análise dos restos faunísticos da Sala nº1, tive a oportunidade de comprovar, tal como já tinha sido demonstrado por Cleia Detry e João Luís Cardoso (Cardoso e Detry, 2002. p 134), que através da identificação das espécies presentes e a sua percentagem de representação, conseguimos definir os biótipos que estavam presentes naqueles sítios arqueológicos aquando da sua ocupação antrópica (*idem, ibidem*). Numa clara objectividade de caracterização biológica, é sabido que cada espécie animal possui as suas próprias valências ecológicas, como tal a sua distribuição em qualquer ecossistema é sempre dependente de requisitos específicos (alimentação, temperatura, reprodução e defesa contra predadores), o que leva a que cada espécie que esteja presente no registo arqueológico corresponda específicas condições ecológicas (*idem, ibidem*).

No que diz respeito aos recursos minerais e solos, dentro de uma leitura que segue o Guadiana como fio condutor da fixação humana nesta região de estudo, é observável que as manchas de solos aráveis foram certamente um factor de fixação das primeiras comunidades agro-pastoris que começavam então a ocupar estas paragens (Soares, 2013, p. 83).

### **2.3- O aproveitamento e uso dos solos, e os recursos disponíveis:**

Numa leitura actual temos a respeito da capacidade de uso, solos com capacidade E, ou seja Litossolos – solos esqueléticos. Contudo temos que reflectir que, quando abordamos estas questões relacionadas com a capacidade do uso dos solos, são sempre inferidas através dos mapas elaborados a uma escala 1:50000, o que deixa de parte pequenas línguas de terras férteis que poderiam certamente alimentar um pequeno povoado, dando por vezes uma realidade destorcida da verdadeira capacidade dos solos.

Contudo elaborar quaisquer inferências sobre o aproveitamento e uso dos solos em contextos do 4º e 3º milénio a.n.e, há que evitar quaisquer conotações abusivas de realidades presentes, (pelas limitações referidas anteriormente)

É sabido que a existência de recursos utilizáveis nas áreas envolventes dos sítios arqueológicos, não implica a exploração dos mesmos por parte dessas comunidades, ou mesmo a procura de outros recursos similares noutras áreas. A inventariação e

caracterização dos recursos existentes nas áreas próximas dos povoados, de forma a alcançar conclusões relativas à economia local ou razões de implantação, podem ainda conduzir-nos a leituras redutoras, já que a eleição dos lugares depende de outros fenómenos mais complexos, que em boa parte estão fora da nossa compreensão (Fabião, 1998, p. 16).

A paisagem vegetal por seu lado, do médio Guadiana, no 4º e 3º milénio a.n.e, integra-se na fase antropológica II na bacia média do Guadiana definida entre 4500 e 2800 BP, período que coincide com o Sub- Boreal (Duque Espino 2004 *apud* Soares, 2013, p.89). Dentro das conclusões que Joaquina Soares avança, tendo em conta os estudos de David M. Duque Espino para esta região do médio Guadiana (Duque Espino 2004), a partir de 4500 BP os dados antracológicos de sítios do médio Guadiana, apresentam um domínio de Carvalho - *Quercus ilex-coccifera*, bem como a presença de espécies termófilas e de ripissilva, “ Este quadro terá resultado de um clima mais seco e quente que na fase anterior e de uma maior intervenção antrópica. Aumentam então consideravelmente os espaços abertos, ocupados pela agricultura e pastoreio, a expensas da retracção das manchas florestais.” (Soares, 2013, p.90)

Podemos admitir que a suposta generalização do arado e do boi como animal de tração no Calcolítico, foi permitindo a exploração mais facilitada de solos mais pesados e como consequência uma exploração “extensiva” dos solos (Gonçalves, 1989c). E à semelhança daquilo que os dados paleoambientais do Monte da Tumba indicam a presença de bosques de pinheiros e carvalhos (Silva, Soares e Cardoso, 1995), ou mesmo de Porto Torrão (Arnaud,1995), a imagem na Sala nº1 seria algo como um Guadiana a correr com mais caudal, uma vegetação mais rica e o clima mais ameno. Tirando partido de todo este ecossistema, é tomado como natural uma certa actividade de desflorestação levada a cabo por estas antigas comunidades (o que a abundancia de pedra polida nos registos de Sala nº1 parece confirmar), certamente numa prática comum de obter mais espaço para cultivo.

Tendo então em conta este peso da agricultura, como meio de subsistência do próprio povoado, conseguimos constatar que o sítio da Sala nº1 possui nas suas imediações (Pedrogão) terrenos de bons solos para esse tal cultivo extensivo, principalmente de cereais, tal como comprovava o elevado número de mós que dispersavam entre a Sala nº1 e a aldeia de Pedrogão (Gonçalves, 1989b, p7). Porem junto ao Guadiana, situado na mesma margem que a Sala nº1, o rio contorce numa curva espraiando-se numa várzea, que provavelmente teria sido utilizada pelos habitantes da Sala nº1, bem como certamente pelos habitantes do povoado vizinho de S. Lourenço.

Os pastos na planície e na serra, a água em abundância, tornariam a pastorícia numa actividade facilitada, principalmente se as dimensões dos seus rebanhos não fossem muito grandes (prática aliás, ainda hoje sobejamente praticada na região).

Sendo assim não é de admirar que estejam patentes algumas actividades características da revolução dos produtos secundários, como o caso da exploração da lã ou mesmo do linho, traduzindo no elevado número de pesos de tear patentes no registo da Sala nº1 em praticamente todos os níveis arqueológicos. Bem como a exploração do

leite com o aparecimento de fragmentos de queijeira (nível 3), que indo ao encontro das propostas de A. Sherratt (Sherratt, 1981), constituiriam os principais vestígios da então “Revolução dos Produtos Secundários”. Contudo em relação a estes recipientes de queijeiras, ao nível peninsular “ (...) surgem apenas numa fase terminal do processo de consolidação do sistema agro-pastoril, o que constitui uma evidência artefactual da utilização secundária da pastorícia.” (Sousa, 2010, p.333). É importante, contudo referir, que o modelo defendido por A. Sherratt, tem vindo a ser confrontado com algumas prespectivas lançadas por novos dados laboratoriais, principalmente no que se refere à introdução do leite na dieta alimentar destas comunidades. Dados esses que propõem a exploração de recursos lácteos em fases recuadas do Neolítico antigo (*idem, ibidem*).

No aspecto das presenças destes recipientes de queijeiras nos contextos arqueológicos, está documentada na Península Ibérica apenas a partir do 4º e 3º milénio a.n.e, embora nos conjuntos LBK apareçam a partir do 5º milénio a.n.e, e na Europa Central a partir do 6º milénio a.n.e, (*idem, ibidem*).

Se por um lado teriam nos rebanhos uma fonte vital de alimentos, e subsistência em elevados produtos que daí retirassem, o facto é que sendo a Sala nº1 um povoado ribeirinho, as actividades cinegéticas fariam certamente parte dessa mesma subsistência. A prova disso é o resultado da análise dos restos faunísticos (Godinho e Rendeiro, Trabalho de Seminário, 2013), onde o número de *Ovis spp/capra spp* (ovelha/cabra) se mostra bem diminuto, contrapondo com o número elevado de *Capreolus capreolus* e *Cervus elaphus* (Corso/ Veado), bem como o elevado número de *Sus scrofa* (Javali), revelando uma clara utilização dos recursos cinegéticos como um dos principais motores de subsistência deste povoado, que complementarmente certamente com o rico e diversificado pescado, também ele provavelmente explorado nas margens do Guadiana por estas comunidades.

Com tamanha diversidade de recursos, e condições bem favoráveis à sua exploração, seria pouco provável para as comunidades do povoado da Sala nº1, deslocarem-se para zonas muito distantes para obtenção de quaisquer recursos que necessitassem.

Tendo em conta a concertação das datações já aqui avançadas, bem como as possíveis realidades referidas pelo próprio Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989a, 1989b, 1989c), as questões intrínsecas à própria morfologia da ocupação do povoado da Sala nº1 não ficaria completa sem que para tal apontássemos algumas condicionantes dessa mesma morfologia.

Como tal, penso que seria clarificante elaborar uma breve observação às modalidades de exploração, tendo em conta os indicadores faunísticos. Nesse sentido a importância e objectivos que podemos referir quando analisamos a Zooarqueologia aliada à Paleoeconomia, é testemunhar a relevância da actividade humana desenvolvida num determinado sítio arqueológico, (Cardoso e Detry, 2002. p 131). Constituindo assim verdadeiros indicadores dos aspectos quotidianos das populações e dos seus comportamentos que acabaram por produzir aqueles vestígios faunísticos, (*idem, ibidem*, p. 133). Levando directamente a uma análise sobre as espécies presentes e a correspondente subsistência daquela comunidade.

Nesse sentido, achei crucial trazer à luz deste trabalho de análise de recipientes cerâmicos da Sala nº1, uma outra análise, desta feita, faunística, e que traz algumas questões pertinentes quanto à dinâmica e modalidades de exploração do povoado. Principalmente quando nos deparamos com um elevado número de restos faunísticos, cerca de 450 nrd (numero de restos determinados) em cima da mesa, e a isto somamos o restante não contabilizável segundo as normas adotadas POSAC's (Parts of the Skeleton Always Counted), num conjunto que revela perto de 3 mil fragmentos ósseos dos 6 níveis intervencionados.

O material faunístico foi analisado face ao objectivo do estudo (melhor compreensão da economia, subsistência e estratégias levadas a cabo pelas comunidades outrora presentes naquele sitio arqueológico), com recurso aos meios disponíveis para essa análise. Efectou-se a identificação morfológica dos restos osteológicos bem como a sua classificação taxonómica, utilizando as coleções de referência situadas no Laboratório de Arqueociências da Direcção Geral do Património Cultural, bem como das obras de referência como, Schmidt (1972), Pales e Garcia (1981).

Tendo em conta a metodologia utilizada para esta análise dos restos faunísticos, no Nível 1, apenas foi identificado uma 1ª falange de *Cervus elaphus*. No Nível 2, registou-se um total de 73 fragmentos de restos faunísticos de *Cervus elaphus* (veado) *Capreolus capreolus* (Corso) *Sus sp* (javali/porco), *Ovis/Capra* (ovelha/cabra), *Bos sp* (boi), e *Equus sp.* (cavalo).

No Nível 3, e as respectivas subdivisões, foi onde se registou mais fragmentos, totalizando perto de 321 de NRD (Número de Restos Determinados). Sendo claramente identificáveis *Equus sp* (Cavalo), *Bos primigenius* (Auroque), *Bos sp* (Boi), *Capreolus capreolus* (Corço), *Cervus elaphus* (Veado), *Lepus sp* (Lebre), *Oryctolagus cuniculus* (Coelho), *Capra hircus* (Cabra), *Ovis aries* (Ovelha), *Sus sp* (Porco / Javali), *Canis sp* (Canídeo). Nesta análise, é evidente a presença esmagadora de Cervídeos (perto de 22% da amostra deste nível), sendo equivalente às percentagens de *Oryctolagus cuniculus*, (*Anexos – Fig. 87*). Ainda dentro do nível 3, e referente ao nível 3b (lareira), houve a intenção de averiguar as percentagens de restos faunísticos e determinar o tipo de animal pertencente, assim, averiguou-se que as percentagens esmagadoras pertenciam a *Oryctolagus cuniculus*. No Nível 4 não se verificaram fragmentos ósseos passíveis de ser analisados segundo as metodologias utilizadas. E nos níveis 5 e 6 foram identificados perto de 50 fragmentos, dentro dos quais *Cervus sp*, (*Anexos – Fig. 87*).

Respeitante a alguns aspectos tafonómicos, a amostra total recolhida nas escavações, revelou uma complexidade maior, da que seria possível observar só pelas partes contáveis do esqueleto, que se usou como metodologia. Vários são os fragmentos que não estão contabilizados no trabalho, mas que servem para complementar informações importantes, juntamente com as partes que são aqui tratadas.

Os aspectos tafonómicos podem ser de ordem natural, animal ou antrópica, onde se inclui vestígios de fogo. As mais comuns são as marcas de corte (*Anexos – Fig. 87*). A técnica de serrar como parece ser usada para a haste de veado, assim como a flexão, seriam também utilizadas no desmantelamento de carcaças.

Outra marca encontrada é a perfuração, usada principalmente para extracção do tutano. Os vestígios de fogo são também comuns, onde são observáveis vestígios de carbonização ou calcificação, indicando que esses restos faunísticos estiveram sobre altas pressões ou estiveram durante muito tempo em contacto com o fogo, o que permite dizer que não foram só queimados para alimentação, mas que também podem ter sido deixados/abandonados em fogueiras, posteriormente à sua utilização.

Em relação aos aspectos de ordem natural, reflectem-se num fenómeno conhecido por Weathering, que consiste num desgaste provocado por condicionantes como a temperatura, a exposição ao sol, à chuva ou ao vento que deixam marcas características no osso, uma perda de coloração e até fraturas.

Nos aspectos de ordem animal, e que dizem respeito geralmente a acção de carnívoros e roedores, estas são evidentes quando estão presentes marcas características como as extremidades roídas ou pequenos ossos (geralmente falanges) digeridas, (*Anexos – Fig. 87*). Remetem-nos para a existência de canídeos nestas comunidades humanas, muito possivelmente Cão (*Canis familiares*).

Foram também identificados alguns fragmentos ósseos, que através da acção antrópica, foram adaptados a artefactos de uso, como o caso de um utensílio em forma de Bisel, onde é notória a matéria esponjosa e concreções calcárias de forma homogénea ao longo de toda a peça, com fracturas regulares. Um outro fragmento de um osso longo foi propositalmente polido e trabalhado para uso como ferramenta, provavelmente um furador.

Ainda tendo em conta todas as análises efectuadas aos restos faunísticos pertencentes ao povoado da Sala nº1, vemos uma diversidade em praticamente todos os níveis intervencionados, quer ao nível da diversidade faunística, da tafonomia e dos artefactos em osso.

Nesta perspetiva, as observações inerentes a este estudo, revela-nos que referente aos restos faunísticos datáveis da transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, no Alentejo, existe poucas realidades conhecidas para o Calcolítico Alentejano. Algo que poderá mudar nos próximos anos de investigação, até porque nesta temática, há que ter em conta que será nesta baliza cronológica que irá decorrer um dos factores importantes a nível zoológico. Pois será nesta época cronológica que vai ocorrer o início da extinção do Auroque e do cavalo selvagem da Península Ibérica (Davis e Mataloto, 2012, p. 49). Se tomarmos os estudos levados a cabo sobre a fauna no sitio arqueológico de São Pedro, (*idem, ibidem*), observamos que nesse conjunto existe um número diminuto de *Capra* doméstica e um elevado número de ossos de mamíferos selvagens. O que difere em muito dos sítios da mesma cronologia como Leceia (Cardoso e Detry, 2002) e Zambujal (Driesch e Boessneck, 1976), onde predomina os animais domésticos como *Capra*, *Sus* e *Bos*. Isto sendo na Estremadura, pois para o Alentejo há menor conservação das faunas.

Nesta discussão possível, e tal como é do conhecimento geral, alguns mamíferos foram domesticados, enquanto outros mamíferos encontrados em contexto arqueológico, nunca foram alvo de domesticação (pelo menos ocorrido naquela baliza cronológica), como o caso dos cervídeos, coelho e lebre, sendo contudo caçados e daí a sua abundância neste contexto de habitat da Sala nº1. Se compararmos com outros sítios de cariz

habitacional e contemporâneos, como Zambujal e Leceia (Estremadura), existe uma domesticação animal acima dos 75% da amostra faunística, e onde os cervídeos aparecem em apenas 10% da amostra, (Davis e Mataloto, 2012, p.53), ou mesmo Penedo do Lexim que alcança os 55,2% de domesticação a animal nos contextos do Neolítico final, e atinge os 62,9% já nos contextos do Calcolítico pleno (Sousa, 2010, p. 359), e os cervídeos rondam apenas os 1,7%.

Contraopondo com sítios contemporâneos no Alentejo como Porto Torrão (Arnaud, 1993), onde existe na amostra faunística um total de 23% de cervídeos, sítios como São Pedro (Davis e Mataloto, 2012) onde a percentagem de cervídeos chega aos 36% do total da amostra, e sítios como a Sala nº1 onde os cervídeos atingem os 34% de *Cervus elaphus* (Veado) e perto dos 5% de *Capreolus capreolus* (Corço), havendo também neste povoado da Sala nº1 uma percentagem significativa de 11% de *Equus sp* (Cavalo).

Neste sentido é visível uma larga percentagem de cervídeos nos sítios fortificados do Alentejo, contrastando com o calcolítico da Estremadura, onde a realidade de domesticação animal é mais presente no registo arqueológico. Realidade essa que se prolonga para a estremadura espanhola Huelva e Andaluzia (Davis e Mataloto, 2012), onde não só a percentagem destes cervídeos é significativa, como também a percentagem de mamíferos selvagens como Auroque, Coelho e Lebre (*idem, ibidem*, p.54). Uma explicação possível poderá ser obtida na leitura da percentagem dos mamíferos domésticos presente em sítios calcolíticos, que poderá estar relacionada com a crescente densidade populacional, e onde a elevada percentagem de domesticação de *Ovis/capra* e *Bovis*, reflecte uma maior sedentarização por parte dessas populações (*idem, ibidem*, p.55). Contraopondo com os sítios com elevadas percentagens de cervídeos e outros mamíferos selvagens, onde provavelmente reflecte sítios mais pequenos, onde não haveria muita domesticação com fins de obtenção de carne, e onde a caça se adequava ao ambiente circundante (Davis e Mataloto, 2012). Tendo então esta linha de pensamento em conta, parece que sítios com uma maior característica sedentária como Leceia e Zambujal são mais frequentes na Estremadura. E sítios no Alentejo e Estremadura espanhola apresentam uma variedade maior no que toca aos mamíferos selvagens, facto que parece reflectir sítios com diferenças económicas (*idem, ibidem*). Contudo estas considerações merecem todo um cuidado na sua interpretação, quer a níveis paleoambientais, quer ao nível arqueológico.

#### **2.4 - Enquadramento geográfico e a sua envolvimento num povoamento regional da Vidigueira:**

Ao observar a Sala nº1, como parte de uma possível rota de mercadorias e pessoas, verificamos que esta, se insere numa rede de povoamento que se estrutura para Oeste (ao longo da Serra do Mendro) e para Sul (na planície da Vidigueira).

Quanto ao povoamento do Neolítico final e Calcolítico, e segundo os dados de Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c) estão identificados, existindo indícios de

povoamento prévio em Outeiro do Tijolo (cabeço destacado na planície) e nas margens da Toca da Galiana (na outra margem frente à Sala nº1).

Na potencialidade de descrever esta provável rede de povoamento regional, convém realçar que o sítio da Sala nº1 se insere na área designada por Portel/Vidigueira, que engloba a serra do Sul do Concelho de Portel e a área Norte do concelho da Vidigueira, onde se destaca a vasta planície da Vidigueira. Já a Leste o Guadiana vai delimitar esta área, e a Oeste o limite será o limite do actual concelho da Vidigueira com o de Cuba.

Esta área regional engloba dois ecossistemas bastante diferentes, sendo por um lado a serra (com solos magros) onde só poderiam ser explorados pela pastorícia ou pela caça, por outro lado temos a planície bastante fértil e com solos que permitiam um cultivo intensivo e extensivo. E tal como diferentes são os ecossistemas aqui englobados, é de referir que Victor S. Gonçalves detectou um elevado número de povoados, que caracterizou-os consoante a sua diversidade e estratégias de povoamento, em cinco módulos (Gonçalves, 1989c, p.372). Um primeiro módulo corresponderia aos povoados inseridos em “sítios de cumeada, em ambientes de altitude elevada” (Guião, Zambujo, Pasparda, Mendro, e Castelos Velhos). Um segundo seria o dos povoados inseridos em “sítios de cumeada, dominando planícies” (Outeiro do Tijolo, Mirante e Sr<sup>a</sup> da Giesteira). O terceiro seriam os povoados inseridos em “sítios de meia-encosta” (Monte da Mangancha). O quarto seriam os povoados situados em “sítios de planície” (S. Cucufate), e por últimos o quinto seriam os povoados inseridos em “sítios ribeirinhos” (S. Lourenço, Moncarxa e Sala nº1), (*idem, ibidem*). Este conjunto de povoados (de difícil precisão cronológica) contudo claramente enquadráveis no final do 4º e 3º milénio a.n.e estruturavam-se numa rede de povoamento densa e complexa, com características diversas e funcionais num espaço dividido entre o rio, a serra e a planície (Mataloto, 1997, p.32).

Na análise das possíveis redes existentes, é de referir que Manuel Calado propõem (Calado, 1995, p.100) a hipótese de existirem duas redes de povoamento que se entrossem e se centram nos dois maiores povoados, a Mangancha e a Sala nº1.

Assim, em torno do povoado da Mangancha, parece existir uma centralização de povoados de cumeada da Serra do Mendro e os da planície adjacente, e no povoado da Sala nº1 e de S. Lourenço se definem como povoados inseridos em sítios ribeirinhos, sendo definidos pelo próprio Guadiana (*idem, ibidem*).

O conjunto de povoados, entre os quais dois fortificados (Zambujo e Pasparda) ambos instalados estrategicamente num esporão, forma uma linha de controlo sob os caminhos da serra, fazendo um verdadeiro enclave entre as planícies a Sul as terras serranas (Mataloto, 1997, p.32). Numa clara proteção destas terras a Sul, das gentes vindas do Norte, inseriam assim esta defensibilidade num espaço bem articulado, com o centro na Mangancha (recentemente identificados dois fossos) povoado o qual ficaria imediatamente vulnerável a qualquer horda emigratória vinda do Norte. Sendo clara uma certa hierarquização, onde os povoados de altura e fortificados dispostos ao longo da margem sul da serra, exerciam um controlo efectivo de um caminho natural que vinha

desde a foz do Sado, passando pela base da serra e atravessava o Guadiana junto à Sala nº1, onde S. Lourenço exerce um controlo dominante na travessia do rio .

Nesta perspectiva, podemos constatar que a escassas dezenas de quilómetros desta área, se situa o povoado de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), com os seus paralelos em povoados como Valencina de La Concepción (Fernandez Gomez e Olivia, 1985), La Pijotilla (Hurtado, 1991), ou Perdigueões (Valera, 2013).

Sendo um povoado que emerge no período inicial do Calcolítico, perdura até às fases campaniformes, vai constituir certamente um pólo central do povoamento Calcolítico do Sul do País, com um carácter de influência tão extensível quanto as áreas pertencentes às regiões Portel/Vidigueira (Valera e Filipe, 2004)

Ficando ainda por perceber a relação entre este povoado e os povoados de média dimensão como a Mangancha e Sala nº1, ou mesmo entre os povoados mais pequenos e fortificados da serra.

Em interpretação ao sítio de Tierra de Barros (Hurtado, 1995), integra este tipo de situação numa interação de uma mesma rede de povoamento de um território politicamente articulado. Não obstante, esta hipótese conduz a um problema para a colocação deste *modus operandis* no caso analisado, pois não existe na área de influência de Tierra de Barros nenhum povoado que exceda os 3 hectares, coisa que acontece neste caso com povoados como a Mangancha e Sala nº1, tornando difícil o entrosamento destes povoados nesse território.

Será então importante redefinir a condição de extrema importância levado a cabo pelo povoado da Sala nº1, que controlava amplamente o contacto visual sobre os vaus do rio, permitindo assim uma maior facilidade de trânsito entre as duas margens.

No que toca à ocupação antrópica do 4º e 3º milénio a.n.e na margem esquerda do Guadiana, a identificação de um número elevado de sítios, estes não se podem interpretar como uma rede de povoamento, mas unicamente como um conjunto disperso de povoados. Assim e tendo em conta algumas prospeções efectuadas por Monge Soares, (Soares, 1992, p.305), os povoamentos conhecidos para a margem esquerda do Guadiana, dispersam-se pelas manchas de melhores solos e controlando alguns vaus importantes, como é o caso do povoado de Porto Mourão ou Outeiro de S. Bernardo (*idem, ibidem*). Reconhecendo-se ainda povoados com o seu início dentro do 4º milénio a.n.e e que veem prolongada a sua utilização até momentos enquadráveis do 3º milénio a.n.e, como aparenta ser o caso do povoado S. Brás 3 (onde é notória a presença e bordos almendrados), sendo porém diferente no povoado de Foz do Enxoé que parece ter sido abandonado ainda dentro do 4º milénio a.n.e (ausência de pratos de bordo espessado), ambos os povoados demonstram uma clara diferença nas suas estratégias de povoamento implantando-se num pequeno cabeço numa encosta sobre o Guadiana (Diniz, 1999).

Contemporâneo destes povoados no 4º milénio a.n.e será também o povoado de S. Jorge em Vila Verde de Ficalho, e tal como aponta os estudos de Monge Soares (Soares, 1995, p.52) trata-se de um povoado implantado num topo aplanado, permitia-lhe uma boa visibilidade das áreas envolventes. Em termos de materiais, o seu espólio incluía cerâmicas de bordo sem espessamento, cerâmicas mamiladas e as taças carenadas, e que

conjuntamente com as datações obtidas, repõem uma cronologia, 3376 -3034 calibrado a 2 $\delta$ , dentro da segunda metade do 4º milénio a.n.e (*idem, ibidem*).

Ficando bastante próximas, marcando apenas uma ligeira realidade anterior, das datações obtidas para os níveis 6, 5, 4 do *locus 1* da Sala nº1. O que nos deixa como análise artefactual, um padrão detectado no povoado de S. Jorge, que caracteriza claramente a 2ª metade do 4º milénio a.n.e, enquanto o padrão artefactual obtido nos níveis 6, 5 e 4 da Sala nº1 advém da transição do 4º para 3º milénio a.n.e.

De referir, que neste povoado de S. Jorge está identificado um fosso, cujo áreas parecem claramente envolver a área de ocupação neolítica, sendo a datação obtida para este povoado (Soares, M.1994, p. 42) aquela que provem da base do fosso.

No que diz respeito às realidades situáveis no 3º milénio a.n.e, a existência de um conjunto de povoados, como o caso de S. Brás1 (Parreira,1983) um povoado fortificado com indícios de um bastião, e o povoado de Porto Mourão (Soares, 1994, p.167). Ainda que seja na margem esquerda do Guadiana, é de referir o povoado dos Três Moinhos (Soares, A.M.1992) que se situa a uns escassos quilómetros abaixo da Sala nº1, e que se trata de um povoado possivelmente fortificado.

Nesta observação dos povoados existentes quer na margem direita e esquerda do Guadiana, conseguimos notar a presença (com alguma frequência) da cerâmica campaniforme em povoados como S. Brás 1 e Outeiro de S. Bernardo, bem como no povoado de Três Moinhos, que contrasta bastante com a escassa presença na área de Portel/Vidigueira, onde a rara presença na Sala nº1 é apenas comprovada com um fragmento.

Conseguimos claramente visionar alguma importância do povoado da Sala nº1 no panorama de uma qualquer rede regional envolvente, sendo considerado quase inevitavelmente como um dos possíveis centros de uma rede de povoamento mais vasta junto ao Guadiana com extensões até à serra. Inserido privilegiadamente nessa rede de povoamento, ponto de fácil travessia entre as duas margens, término de um caminho natural suprarregional do Guadiana para Ocidente, até à serra do Mendro, a Sala nº1 representa uma ligação e um ponto central, não só de uma única rede de povoamento, mas das várias que parecem-se interligar entre si.

### **CAPÍTULO 3. HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO:**

O sítio arqueológico da Sala nº1 foi identificado em 1987, em prospeções levado a cabo por Manuel Calado, integrado no projecto dirigido por Victor S. Gonçalves de identificar monumentos e sítios do Neolítico e Idade dos Metais, nos concelhos de Vidigueira e Portel, (Gonçalves,1988/1989. p. 7).

A Sala nº1 forneceu, desde das primeiras prospeções, uma grande quantidade de material arqueológico, nomeadamente fragmentos de recipientes cerâmicos, pesos de tear, pedra polida, pedra lascada, entre outros.

Não podemos deixar de referir a Sala nº1, sem tomarmos a consciência da sua quase destruição total, algo que parecia inevitável em 1987, à data da descoberta do sítio após algumas prospeções, muito devido à exploração de uma pedreira ilegal de granito. Esta situação continuou durante as intervenções arqueológicas das campanhas 1 (1989) e 2 (1995), numa clara transformação do sítio, em uma enorme lixeira, sobre o convénio da Câmara Municipal da Vidigueira (Gonçalves, 1989,b).

A campanha (1) de 1988 foi efectuada com o caracter de emergência e salvamento na íntegra, realizada no *locus 1*, acabando por confirmar as perspectivas pelos dados obtidos nas recolhas de superfície realizadas aquando as prospeções realizadas no local, confirmando tratar-se de um povoado do final do 4º e do 3º milénio a.n.e do Sudoeste Peninsular (Gonçalves, 1989a, 1989b e 1989c).

Sempre condicionada, quer pelos meses em que se realizaram as intervenções (Outubro e Novembro) quase sempre sinonimo de chuvas constantes, quer pela sua situação de caracter de emergência aliada a condicionantes financeiras adversas, as intervenções arqueológicas desta campanha (Gonçalves, 1989 a), foram resumida aos seguintes objectivos:

Uma primeira etapa consistiria na recolha de materiais de superfície, para delimitação de áreas. Uma segunda etapa seria a limpeza e escavação de um corte em periferia de área violada. E por ultimo uma terceira etapa que seria o diagnostico geral do sítio, e uma nova programação para futuras intervenções, (Gonçalves, 1989 b, p.7)

Tais objectivos resultaram na escolha do *Locus 1*. Tratando-se de uma área com enorme abundância de materiais arqueológicos (grande parte proveniente da destruição) acaba também por ser a área central do povoado, fornecendo como tal, uma melhor leitura estratigráfica da ocupação diacrónica do próprio sítio, (Gonçalves, 1989a).

Os trabalhos arqueológicos no *Locus 1* evidenciaram estratigraficamente uma cronologia que percorre o final do 4º milénio a.n.e, e a primeira metade do 3º milénio a.n.e, numa sequência que totaliza 7 níveis arqueológicos. Onde os níveis 4, 5 e 6 são apenas visíveis no Corte Este com uma estratigrafia de 2 metros, níveis que evidenciaram uma riqueza enorme em fragmentos cerâmicos e em fauna (Gonçalves 1989a, 1989b).

Ficou claro, após finalização dos trabalhos da campanha de 1988, a existência de uma fase 1 - de construção (nível 5 e 6) e utilização do *Locus 1*, seguida de uma fase 2- de destruição (nível 4) e derrube da estrutura de uma possível cabana, seguida de uma pequena fase de abandono. Uma fase 3- será a que engloba uma lareira estruturada (nível 3), onde o topo deste nível é constituído por um derrube que é transitório com a fase 4 – onde é visível uma nova fase de construção (nível 2) utilização e posterior destruição. Já os níveis 0 e 1 poderão ser uma última fase, a fase 5- a mais recente do povoado, onde o nível 1 os restos de manta morta predominam, e o nível 0 é a constituído pelas terras removidas aquando da destruição provocada pela pedreira (*idem, ibidem*).

A campanha (2) de 1989 tinha como objectivos a intervenção da área considerada com mais potencialidade informativa, *locus 1*, e determinar o tipo de estruturas visíveis na face Norte do Corte limpa na campanha arqueológica anterior (Gonçalves, 1989a, p. 3).

Contudo, e principalmente devido à escassez dos meios financeiros e logísticos, apontados claramente no relatório de 1989 entregue e aprovado pelo IPAR (actual DGPC), houve obrigatoriamente um reajustar dos objectivos. Como tal na face Este do Corte, escavaram-se apenas os níveis 0,1 e 2, ficando os níveis 3,4,5 e 6 por retirar, (*idem, ibem*). Já na face Norte do Corte, procedeu-se à identificação horizontal da estrutura localizada em H.26, e efectuou-se o desenho do muro de contenção (*idem, ibem*). Ainda dentro desta campanha arqueológica, as prospeções efectuadas, confirmaram a natureza difusa do povoamento da área da Sala nº1, conseguindo-se mesmo definir a presença de ocupações calcolíticas na margem esquerda do Guadiana, no sítio designado como “Toca da Galiana”, claramente integrado na dinâmica do povoado da Sala nº1 (*idem, ibem, p.4*).

A campanha arqueológica de 1995 decorreu num período de tempo muito limitado, tal como limitadas seriam as verbas destinadas a tais intervenções. Sendo iniciada nos primeiros quinze dias de Setembro, também acabaria por dificultar os objectivos traçados para uma intervenção de um mês, tal como estava previsto inicialmente (Gonçalves, 1989b, p.3).

Os objetivos traduzir-se-iam pela continuação das intervenções no *locus 1*, no intuito do segmento da Campanha 1 de 1988, só que desta feita com incidência no perfil Este (de maior potencia estratigráfica). Procedeu-se à concentração nos trabalhos em dois quadrados (G27 e F27), iniciando-se a remoção do nível 2, numa clara continuação dos trabalhos efetuados em 1988 que culminaram com a então remoção completa dos níveis 0 e 1, bem como alguma parte do nível 2 (*idem, ibidem*).

Após a remoção do restante nível 2, iniciou-se a remoção do nível 3, e a escavação da então lareira de grandes dimensões, principalmente localizada no quadrado F27. Este nível 3, vir-se-ia a mostrar com uma potencialidade estratigráfica que rondavam os 50 cm, contudo a escassez de tempo, levou a que se adoptasse a remoção em bloco do nível, sem contudo se deixar de remover alguma parte do nível 3\* para uma melhor compreensão da sua formação cronológica (*idem, ibem*). Esta remoção em bloco, com recolha total das terras, que foram posteriormente crivadas e os materiais aí recolhidos foram identificados com a indicação de “remoção em bloco” (*idem, ibidem, p. 4*).

Neste contexto da história das intervenções levadas a cabo no sítio arqueológico da Sala nº1, e com o culminar dos trabalhos levados a cabo por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1988; Gonçalves, 1989a, 1989b, 1989c; e Gonçalves 1995), a verdade é que só no âmbito dos trabalhos da EDIA, em 2008, prospeções dirigidas por Ana Filipa Rodrigues e Maria Adelaide Pinto, no âmbito da caracterização do património histórico-cultural existente na área de construção da “Estação Elevatória e Circuito Hidráulico de Pedrógão”, o sítio arqueológico foi monitorizado, sem haver qualquer determinação de medidas de minimização (Rodrigues e Pinto, 2008a).

Numa síntese mais ampla dos trabalhos efectuados, e abrangendo o Concelho da Vidigueira, bem como parte do Concelho de Portel, e tendo em conta à enorme concentração de trabalhos efectuados após Alqueva, deve ser realçada a anterioridade das actividades arqueológica nestes concelhos. Não se tratam propriamente intervenções ao nível de escavações arqueológicas, mas algumas identificações e prospeções no terreno, foram de facto efectuadas. Nesse sentido, ainda na segunda década do século XX, José

de Leite de Vasconcellos, numa publicação denominada – “*Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)*” no *Arqueólogo Português*, dá conta dos achados do Monte da Mangancha, (Vasconcellos, 1918).

Nos anos 40, alguns estudos foram levados a cabo na região, como o caso do levantamento das Antas da bacia do Guadiana, que levou à identificação de algumas Antas de Corte Serrão (Lima 1944), e os estudos de Luís de Pina Manique, na sua publicação “Antas do Alentejo” prolonga essas identificações na região da Vidigueira (Manique, 1945). Ainda dentro da década de 40, procede-se a identificação da Anta do Monte de Santa Marina, resultados das prospeções de Georg Leisner (Leisner, 1949), prospeções essas que mais tarde serão usadas na “construção” da sua *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel* (Leisner e Leisner, 1959), com a identificação de Antas nas regiões adjacentes a Portel e Vidigueira.

Resultado dos levantamentos de monumentos megalíticos do Monte da Corte Serrão, protagonizados por F. Ribeiro (Ribeiro, 1973), é identificada a Anta Pequena de Corte Serrão. Também nos anos 70, são elaborados alguns levantamentos de Menires e algumas estruturas megalíticas no Concelho de Vidigueira e concelhos adjacentes, como o caso do Menir de Mac Abraão (Anthony, 1975).

Contudo, no decorrer dos anos 80, as prospeções continuaram bem activas na região, resultando em identificações de alguns monumentos megalíticos, como o exemplo da Anta do Zambujal, (Parreira, e Sardica, 1980), ou mesmo as prospeções de Manuel Calado, já referidas anteriormente, e que resultaram na descoberta do povoado da Sala nº1 (Gonçalves, 1987, p.3), e culminaram nas intervenções arqueológicas no local, tal como foram já descritas anteriormente neste Capítulo. Bem como as intervenções de Victor S. Gonçalves que vai identificar o povoado do Alto da Mangancha e efectuará a sua escavação (Gonçalves, 1987), o mesmo acontece com o povoado de São Lourenço (Gonçalves, 1990), e as identificações da Toca da Galiana, e o Outeiro das Sepulturas (Gonçalves, 1989c).

Nos últimos anos, na região da Vidigueira, é sabido que houve constantes intervenções (principalmente com carácter de emergência/prevenção). Nesse sentido algumas descobertas tem sido expostas, a maior parte de cariz mais fúnebre (cistas, fossas), atingindo números que chegam às 364 “fossas” identificadas até 2012. E algumas com possível contemporaneidade com o sítio arqueológico de Sala nº1, como Poço Novo 2 (Figueiredo, M. 2011), Moinho do Medo (Vieira, T. 2012), Figueirinhas 1 (Carvalho, A. 2012) e (Costa C. e Ferreira, A. 2012.), Malhada da Gata 6 (Baptista, L.M.G 2011), Monte da Comendadinha 3 (Barreiras, 2012) e Ribeira da Alcaria 5 (Couto e Baptista, 2012). Bem como algumas também de cariz habitacional, como os sítios de Porto de Moura 2 e Monte do Sobrado identificados por Ana Filipa Rodrigues e Maria Pinto (Rodrigues e Pinto 2008c, 2008b). No mesmo âmbito das prospeções levadas a cabo por ambas na área da Sala nº1 (acima referido), Monte do Malheiro 2 (Gomes e Vieira 2011), e Torre 4 (Baptista e Oliveira 2008) e (Sousa; Dias e Neves 2009). Sempre com a real percepção de que esta lista continua a crescer diariamente, através dos trabalhos dos Blocos de Rega do Alqueva promovidos pela EDIA.

#### **CAPÍTULO 4 – MORFOLOGIA DA OCUPAÇÃO:**

O povoado da Sala nº1, implanta-se junto ao rio, num anfiteatro com 600 metros de largo, descendo até ao Guadiana em blocos de granito, formando grandes abrigos, que fez jus à origem do nome do local arqueológico (Gonçalves, 1989 b, p.3) Nesta área, um abrigo natural designado pela população como Sala nº1, originou a toponímia do sítio e do povoado (*idem, ibidem*).

No que diz respeito à ocupação antrópica do local, de época pré-histórica esta dispersa-se do topo de um cabeço, até perto de 100 metros em direção à Vila de Pedrógão, e noutro sentido prolongando-se pela encosta até ao rio (*idem, ibidem*, p.7). Neste sentido, o sítio arqueológico da Sala nº1, pode-se compreender entre o cerro sobranceiro ao Guadiana, a Norte da “Azenha da Aldeia”, num antigo terraço fluvial. A Norte, a sua encosta é uma área limítrofe a uma área apelidada de “lixreira velha” (*idem, ibidem*, p.11). Corresponde a uma extensa área em anfiteatro, que se estende até ao Guadiana, e cuja delimitação se faz através de ravinas naturais.

Também compreende a “Toca da Galiana”, um abrigo sobre a rocha, que se encontra na margem oposta do Guadiana, naquilo que parece ser uma clara dependência em relação ao povoamento da Sala nº1 (*idem, ibidem*, p.9).

Neste sentido, e tendo em conta a dispersão de material no próprio sítio arqueológico, Victor S. Gonçalves identificou *loci* distintos, identificados como *locus* 1 a 4, descritos na bibliografia (Gonçalves, 1989b) e nos relatórios técnico-científicos do referido autor (Gonçalves, 1989a) Assim, “Foi denominada locus1 uma das áreas de exploração da pedra com frentes de fractura recente.” (*idem, ibidem*, p.11), característica que lhe confere um aspecto de “cratera”, onde os fragmentos cerâmicos se quebravam e se misturavam com os derrubes e pedras que tinham sido removidos do seu contexto original (*idem, ibidem*, p.12).

O *locus* 2, “Foi assim designado um lugar específico sobre o qual se encontra instalado um abrigo temporário, de planta rectangular, (...) Aqui acolhe, da chuva e do sol, o pedreiro de Pedrogão que vem explorando o granito (...)” (*idem, ibidem*). Neste local, a pedreira atingiu uma área rica em artefactos, acabando por a destruir completamente. Havendo ainda a confirmação por parte do próprio pedreiro, da existência de “tachos” e “panelas”, e de “muitas pedras” que certamente pertencia a antigas estruturas, arrasadas pelo avançar das máquinas, (*idem, ibidem*).

Quanto ao *locus* 3, também apelidado de S. Cornelho, localiza-se junto a um rochedo, onde foram identificados alguns degraus escavados na rocha, que possibilitam a subida e instalação de um individuo num nicho aberto no granito (*idem, ibidem*, p.13). Neste local foram recolhidas cerâmicas pertencentes ao 3 milénio a.n.e, bem como a cerâmicas e espólio mais tardio, como é o caso do único vestígio de cerâmica campaniforme (campaniforme inciso), que foi identificado em contextos de superfície neste *locus*. Onde foram ainda recolhidos materiais integráveis na Idade do Bronze.

Por ultimo, o *locus* 4, situa-se perto do *locus*1, naquilo que foi identificado como possível exploração de pedreira, desactivada à data das intervenções. Apresenta uma diminuta presença de fragmentos identificados (*idem, ibidem*).

#### 4.1 - O *Locus* 1:

Após as recolhas sistemáticas de centenas de fragmentos cerâmicos, e líticos, resultado das prospeções de 1987/ 88, a fácil acessibilidade ao local, e a provável estratigrafia preservada, resultou na ponderada escolha do *Locus 1* como melhor área para iniciar as intervenções arqueológicas no povoado de Sala nº1 (Gonçalves, 1989 b, p.12).

A área total intervencionada neste *locus* foi de 48 m<sup>2</sup>, referente às três campanhas realizadas. Correspondente a uma sondagem contendo 12 quadrículas de 2x2m. Nesse sentido, e referente ao corte Norte foram dadas as coordenadas numéricas de 21 a 28, e no corte Este as coordenadas alfabéticas de D a H. Tratando-se de uma área com enorme riqueza de materiais arqueológicos (grande parte proveniente da destruição das máquinas), poderá também ser a área central do povoado.

A maior extensão dos trabalhos permite uma melhor leitura estratigráfica da ocupação diacrónica do próprio sítio (*idem, ibidem* p.16). Sendo também de referir, que será neste *locus*, que foram recolhidos vários elementos da cultura material associado ao “mundo do sagrado” como os “ídolos de cornos”, um pé de terracota com dedos “múltiplos”, duas figurinhas masculinas em terracota, fragmentos cerâmicos com “pinturas faciais” da deusa-mãe.

O *locus 1* apresentava uma “cratera”, que no início dos trabalhos arqueológicos, se definiu num reconverter numa área de leitura possível a Oeste, Norte e Este da depressão. Neste sentido, foi privilegiado a preparação de uma frente de desenvolvimento a progredir para Norte e Este (correspondendo às coordenadas C e H, e 21 a 27), numa clara prevenção do avanço das intervenções para Sul/Norte, bem como as intervenções em direção Este/Oeste (*idem, ibidem*).

Neste sentido, e numa tentativa de realização dos resultados a que se propunham, o avanço das intervenções no *Locus 1*, evidenciou estratigraficamente uma cronologia que percorre o final do 4º milénio e a metade do 3º milénio a.n.e, numa sequência de 7 níveis arqueológicos (0 a 6). Nessa sequência, os níveis 4, 5 e 6 só são visíveis no Corte Este com uma estratigrafia de 2 metros (*idem, ibidem*, p.18). Logo após o final dos trabalhos da 1ª campanha de 1988, ficou claro a existência de 4 fases de ocupação do povoado.

Fases de Ocupação do <i>locus</i> 1 da Sala nº1
Fase 1 – fase de construção e utilização do locus 1 (nível 5 e 6),
Fase 2- fase de destruição e derrube da estrutura de uma possível cabana, seguida de uma pequena fase de abandono (nível 4).
Uma Fase 3 – é a fase que engloba uma lareira estruturada (nível 3), o topo deste nível é constituído por um derrube que é transitório com a fase 4 – onde é visível uma nova fase de construção (nível 2) utilização e posterior destruição
A Fase 4 – correspondente a uma nova fase de construção, utilização e posterior destruição (nível 2)

Fig. 4.1 -Tabela referente às Fases de ocupação do locus 1 da Sala nº1,a partir da descrição de Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989a, p.23)

Contudo podemos considerar uma última fase, correspondente à Fase 5 – como uma fase mais recente do povoado, onde o nível 1 contém os restos de manta morta, e o

nível 0 é constituído pelas terras removidas aquando da destruição provocada pela pedreira (*idem, ibidem*).

O **Nível 0** é constituído por terra solta que se formou a partir de terras acumuladas na superfície resultantes da exploração da pedreira, e encontra-se quase ausente nas faces Norte e Oeste do corte, está presente na coordenada G27, com uma potência de 33cm. (*idem, ibidem*, p.19). Regista-se um número considerável de 197 fragmentos pertencentes a recipientes cerâmicos (bordo e bojos). A tonalidade do sedimento corresponde à coloração Munsell 10 YR 7/3, castanho muito claro (*Very pale Brown*), (*idem, ibidem*).

O **Nível 1** corresponde aos restos da antiga manta morta, e praticamente sem vestígios arqueológicos (*idem, ibidem*), havendo apenas cerca de 40 fragmentos individualizados pertencentes a recipientes cerâmicos (bordo e bojos). Está presente em praticamente todas as coordenadas, atingindo uma potencia estratigráfica próxima dos 30 cm. A tonalidade do sedimento apresenta a coloração Munsell 10 YR 6/3, castanho claro (*pale Brown*), (*idem, ibidem*).

O **Nível 2** contém derrubes de prováveis construções habitacionais, onde pelo menos três são claramente diferenciadas. A intervenção neste nível revelou na coordenada 27 algumas especificações, principalmente uma área constituída por cerâmicas de revestimento, e apesar da homogeneidade cromática dentro da tabela Munsell 10 YR 6/2, cinzento acastanhado claro (*light brownish*), foi subdividido em nível 2 como sendo o topo do nível, o nível 2a como camada que inclui a cerâmica de revestimento, o nível 2b como sendo as camadas subjacentes do nível 2a, e o nível 2c como sendo as camadas de formação do nível, em contacto com o nível 3 (Gonçalves, 1989 a, p.5). Dentro deste nível 2 e das suas subdivisões, verificou-se um total de 293 fragmentos individualizados pertencentes a recipientes cerâmicos (bordo e bojos).

O **Nível 3** consiste em solos extremamente compactos, onde abundam os fragmentos cerâmicos e restos faunísticos. Este nível foi também ele subdividido em nível 3a que corresponde a sedimentos imediatamente fora daquilo a que se designou como Lareira, nível 3b designado como sendo a Lareira, com tonalidades dentro da tabela Munsell 2.5 YR 2/0, negro (*black*), e o 2.5 YR 3/0, cinzento muito escuro (*very dark grey*), e o nível 3b\* como sendo um nível imediatamente sobreposto ao nível 3 e que tem como limitação a Norte o nível 5 (Gonçalves, 1989b, p. 20). No conjunto deste nível e das suas subdivisões, contabilizam-se cerca de 403 fragmentos individualizados pertencentes a recipientes cerâmicos (bordos, bojos, tampas e fundos). Podemos ainda referir que em termos de potência estratigráfica atinge os 50 cm, e está presente praticamente na coordenada 27, principalmente nas coordenadas F27 e G27.

O **Nível 4** é constituído por uma camada de 20cm de espessura de argila de revestimento, havendo duvida se pertence a derrubes de paredes ou de um “chão”. Este nível está presente em quase todas as faces do Corte, mas é na face Oeste da coordenada 27, que se observa uma estrutura pertencente a um muro de contenção, que se encontra

em queda, e que parece que é neste derrube que começou posteriormente a funcionar a estrutura de combustão pertencente ao nível 3, A tonalidade dominante dos solos pertencentes a este nível, estão dentro da tabela de Munsell 2.5 YR 6/8, amarelo avermelhado, (*reddish yellow*), (*idem, ibidem*, p.21).Contabilizam-se neste nível, perto de 13 fragmentos individualizados pertencentes a recipientes cerâmicos (bordos e bojós).

Os **Níveis 5 e 6** são difíceis de distinguir entre si, constituídos por solos finos com elevadas percentagens de cinzas, onde proliferam vestígios cerâmicos, líticos e faunísticos (*idem, ibidem*).

Estes dois níveis parecem distinguir-se apenas por uma ligeira tonalidade entre o nível 5, como pertencente à coloração Munsell 10 YR 7/1, cinzento ligeiro (*light grey*), e o nível 6 com a coloração Munsell 10 YR 7/2 de cor e matiz idênticos (*idem, ibidem*). Ainda assim, nota-se que em relação ao nível 5, a sua presença nas coordenadas H e nas coordenadas 27, bem como nas quadrículas E, F e G 26, atingindo uma maior potencialidade estratigráfica na quadrícula F27, com 90cm. Enquanto ao nível 6 está presente na coordenada 27, atingindo na quadrícula F27 perto de 90cm de potência estratigráfica, relembrando que apenas foi intervencionado uma parte destes níveis contidos noutras coordenadas.

Ref. Lab.	Amostra	Data Convencional	Cal B.C a 2 $\delta$ - (Calib 7.0)	Período	Fase de Ocupação
ICEN 444	Fauna	4490 +/- 100 BP	3498-2908 cal BC	Neolítico Final	Fase I (nível 6)
ICEN 445	Fauna	4490 +/- 80 BP	3369-2923 cal BC	Neolítico Final	Fase I (nível 5)
ICEN 447	Fauna	4490 +/- 110 BP	3508-2901 cal BC	Calcolítico Inicial	Fase II (nível 4)
ICEN 448	Fauna	4140 +/- 110 BP	3011- 2410 cal BC	Calcolítico	Fase III (nível 3)

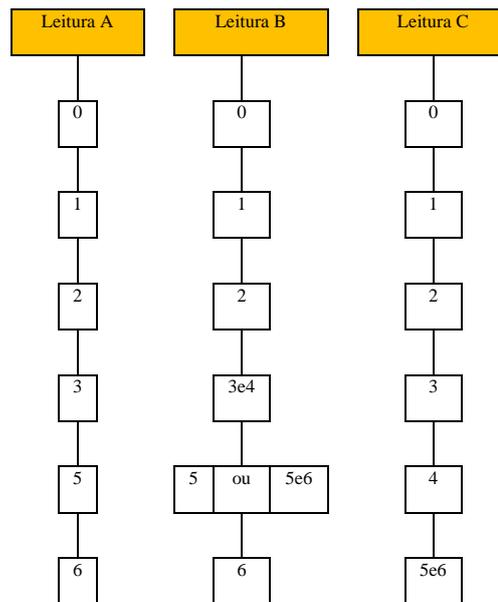
Fig. 4.3 -Tabela referente às Datações por radiocarbono das várias fases de ocupação do locus 1 da Sala nº1, com a nova calibração usando a curva IntCal13 e o programa Calib 7.0 - 2013, calibradas a 2  $\delta$  .Segundo datações apresentadas por Victor S. Gonçalves (*Gonçalves, 1989b, p.15*)

Seguindo as leituras avançadas por Victor S. Gonçalves, são adiantadas, três leituras possíveis para a ocupação antrópica do povoado.

Tendo em conta a leitura (A), naquilo que parece ser uma sequência na face Oeste da coordenada 27 (equivalente à face Este do Corte), seria uma existência autónoma e equivalente a outras unidades com a mesma coordenada 27.

Contudo, e segundo esta leitura, a não existência dos níveis 4 a 6 nas faces Norte e Oeste, deverá corresponder a uma diversidade na utilização do espaço (*idem, ibem*, p.22). Na leitura (B), o autor avança com a hipótese de o fenómeno de derrube das cabanas, ter como resultado, a formação de um nível específico, e que deve ser integrado numa única fase de ocupação do local, (*idem, ibem*).

A última leitura (C), define o derrube de cabanas, que só é legível num sector delimitado, e os níveis 5 e 6 são resultado do mesmo fenómeno de evacuação ou acumulação de cinzas. Assim, e representando o esquema avançado por Victor S. Gonçalves temos as possíveis realidades, (*idem, ibem*):



**Fig.4.4 – Esquema das três leituras possíveis para ocupação antrópica da Sala nº1. (Gonçalves, V. 1989a, p.23)**

## CAPÍTULO 5. CULTURA MATERIAL

### 5.1. Uma perspetiva geral:

Se optarmos por entender o uso de artefactos como reflexo de questões económicas e principalmente sociais de uma dada sociedade, deparamo-nos com um conjunto típico de artefactos pertencentes a uma tipologia enquadrada (pelos critérios normativos e utilizáveis actualmente) no 4º e no 3º milénio a.n.e. (Gonçalves,2004a, p.354).

Assim, e segundo Victor S. Gonçalves, num enquadramento artefactual, como especificação dessa mudança, enquadram-se nos tais grupos do Neolítico “final”, realidades como Torre do Esporão (Gonçalves, 1991) e Vale Pincel 2 (Soares e Silva, 1976/77), onde nos níveis mais antigos estão presentes dentro dos artefactos de pedra lascada, as lâminas não retocadas (embora apareçam raramente algumas retocadas), lamelas são frequentes, os furadores sobre lâmina (Torre do Esporão) e lasca (Parede e Leceia). Os geométricos são pouco frequentes, e as pontas de seta de base côncava ou recta começam a aparecer (Gonçalves,2004 a, p.355).

No que toca à pedra polida, os machados de secção oval, quadrangular ou rectangular, são comuns. Bem como enxós e martelos são frequentes no registo arqueológico (*idem, ibidem,*). Em relação à pedra afeiçãoada, serão os percutores (quartzo ou de outra rocha dura) que mais se identifica no registo arqueológico, tal como os moventes e dormentes, característica primordial de uma significativa mudança económica e social. Reflectida no surgimento do cultivo e na intensificação da agricultura.

Já na pedra não afeiçãoada (com indícios de utilização), temos os seixos e pedras que muito frequentemente demonstram traços de impactos originados por percussão (*idem, ibidem,* p.356)

No mundo dos artefactos de adorno, temos os componentes de colar, como caninos (transformados em pendentos), contas de colar e pingentes. Nos artefactos em osso estão presentes os furadores, principalmente aqueles que são exemplares típicos do calcolítico, em que a tíbia de ovi-caprideos é aproveitada em largo tamanho (*idem, ibidem*).

No que diz respeito aos utensílios cerâmicos diversificados, podemos designar como dois grandes grupos. Aqueles que parecem estar quase sempre presentes nos registos arqueológicos de contextos habitacionais típicos desta cronologia, como os pesos de tear (de placa com 1 ou 2 perfurações por topo, e crescentes de secção circular ou sub-rectangular), e as colheres, que embora não sejam raras, são contudo muito menos frequentes que os primeiros (*idem, ibidem,* p.357).

Relativamente aos recipientes cerâmicos temos os pratos e as taças de bordo espessado interna, externamente ou interna e externamente, e as taças de bordo não espessado, as pequenas taças, e ainda as taças em calote (abertas) para as formas abertas. Nas formas fechadas os esféricos altos, esféricos achatados, taças em calote (fechadas) e recipientes de paredes rectas. E nas formas compósitas prevalecem as taças e os vasos carenados. Havendo ainda as cerâmicas decoradas compostas por taças carenadas com aplicações de cordões plásticos, taças carenadas com aplicações de mamilos na carena, recipientes mamilados, cerâmicas impressas, cerâmicas incisas (*idem, ibidem,* p.358).

Dentro do mundo do sagrado ou mágico-simbólico, é nítida a presença de corniformes, de “ídolos de cornos”, algumas figuras cerâmicas decoradas, bem como a presença de cerâmica com decoração simbólica referente à grande deusa-mãe (*idem, ibidem*).

Por fim, tal como já foi referido, a metalurgia é nestes contextos emergentes do Calcolítico, escassa traduzindo-se quase sempre por pequenos fragmentos de escórias, pingos ou fragmentos diminutos de artefactos relacionados com o manuseamento do metal. Que nunca poderá ser tida como único condutor identificativo da emergência destas comunidades arqueometalúrgicas, (*idem, ibidem*).

No que diz respeito à realidade do conjunto pertencente ao povoado da Sala nº1, também aqui conseguimos, confirmar este “pacote” artefactual descrito por Victor S. Gonçalves, em que estão presentes os artefactos de pedra lascada, como os fragmentos de lâminas que totalizam perto de 24, e as lâminas retocadas perto de 3 fragmentos. Os geométricos são, também aqui, pouco frequentes, já que se contabiliza apenas 1 fragmento, e pontas de seta apenas existem 16 fragmentos. No que toca à pedra polida, a presença de machados (19) e martelos (3). Na pedra afeiçoada, os percutores estão presentes 5 fragmentos, os moventes 10, e os dormentes com 12 fragmentos.

Entrando no mundo dos artefactos de adorno, assistimos à presença de 8 fragmentos de contas de colar, e nos artefactos em osso, foram identificados furadores (2), e um bisel. No que diz respeito aos pesos de tear, estes representam perto de 422 fragmentos dentro do conjunto de artefactos detectados neste povoado da Sala nº1, estando as colheres completamente ausentes nos níveis intervencionados, e as queijeiras presentes em números vestigiais, com apenas 3 fragmentos.

Em relação aos recipientes cerâmicos, a predominância de formas abertas, onde é possível verificar a existência de pratos, de taças de bordo espessado, bem como as taças de bordo não espessado, as pequenas taças, e as taças em calote (abertas), estão presentes em números significativos (*Anexos -Fig.61*). As formas fechadas são constituídas pelos esféricos altos, esféricos achatados, taças em calote (fechadas) e recipientes de paredes rectas (*Anexos -Fig.53 e 61*). Nas formas compósitas, assistimos à presença de taças e vasos carenados, bem como a um único fragmento de taça carenada com mamilo sob a carena, a recipientes mamilados, cerâmicas impressas, cerâmicas incisadas, e a presença de cerâmicas com caneluras (*Anexos -Fig.53 a 74*).

No conjunto respeitante ao mundo sagrado ou mágico-simbólico, também na Sala nº1 confirma-se a presença de figurinhas antropomórficas masculinas em terracota no Nível 3, de “ídolos de cornos” provenientes dos níveis 2 e 5, um pé de terracota com dedos “múltiplos” (Gonçalves, 1989a, p.14), bem como a presença de cerâmica com decoração simbólica referente à grande deusa-mãe, que tal como Victor S. Gonçalves a descreve “(..) com alguns ineditismo porque os dois olhos em forma de Sol, estão separados por um nariz similar a um mamilo vertical alongado. As duas narinas estão indicadas e a boca claramente representada, em relevo, tal como o queixo, bem como as “pinturas” ou “tatuagens” faciais.” (*idem, ibidem*).

Por fim, tal como acima foi referido, a metalurgia é nestes contextos emergentes, escassa, traduzindo-se quase sempre por pequenos fragmentos de escórias, pingos, que

no conjunto estudado da Sala nº1 também aparece num único exemplar, levantando mesmo sérias dúvidas, por parte mesmo de Victor S. Gonçalves, quanto à sua classificação, “(...) A actividade metalúrgica está resumida a um duvidoso cadinho (fragmentado) e a um pequeno fragmento de escória de fundição, este proveniente do Nível 5” (*idem, ibidem*).

Assim obtendo uma leitura clara do quadro que Vítor Gonçalves descreve, para aquilo que poderemos referir como uma normalização do conjunto artefactual expectante para a fase cronológica correspondente à emergência das sociedades agro-metalúrgicas, (Gonçalves,2004a, p.359), é fácil concluir que (tirando os artefactos líticos de sílex), apenas um dos artefactos tem a sua duração e produção bem delimitada no tempo. É o caso da taça carenada, que é claramente inexistente em registos arqueológicos pertencentes a cronologias anteriores, e que nas cronologias imediatamente posteriores se desvanece, sendo exclusivamente típica do Neolítico final (*idem, ibidem*)

“Não é então de estranhar, que compreender esta fase cronológica, (e assegurando ou inquietando o raciocínio do arqueólogo), chamamos de Neolítico final, Calcolítico inicial, ou como cada vez mais os novos registos nos remetem, uma emergência das então sociedades agro-metalúrgicas, seja difícil?” (*idem, ibidem*).

De facto a compreensão e leitura dos artefactos encontrados no registo arqueológico que compõem o Neolítico final, é nos hoje ainda difíceis de desmontar. Em parte, poderá estar relacionado com as já referidas deficientes verificações das percentagens da presença desses artefactos, por parte dos próprios investigadores. (*idem, ibidem* p.360).

Pondo esta análise artefactual à margem de qualquer inferência que se possa ou não fazer, o facto é que é inequívoca a existência de comunidades organizadas de formas específicas, compartilhando um mesmo espaço e comportando-se por mútuos padrões reconhecíveis entre si, transportando signos de identificação próprios de uma complexização do comportamento social (*idem, ibidem*).

E tal como é de se esperar, quer nas realidades da Estremadura quer nas realidades do Alentejo, o que obtemos no registo arqueológico em relação a estas cronologias, é a existência de um conjunto diversificado de actividades protagonizadas por estas comunidades do Neolítico final, algo que não podemos chamar propriamente de uma especialização (*idem, ibidem*). Na realidade, devemos realçar o facto que os artefactos relacionados com a farinha continuam escassos no registo, bem como a fauna selvagem parece bem representada, a par da fauna com indícios de domesticação. No que toca à fição e à tecelagem é notória a sua presença cada vez mais crescente (considerando o numero elevado de pesos de tear presentes nos inventários), a realidade é que o tratamento de peles teve a sua continuação e uso por aquilo que podemos inferir quando observamos a presença comum de furadores robustos sobre lasca, e as marcas patentes nos restos faunísticos. Vislumbra-se assim a perspectiva de uma realidade mais complexa do que por vezes os artefactos nos proporcionam em relação aos contextos do Neolítico Final (Gonçalves, 2004a,361).

	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Total
Machado	1	6	8	2	1	1	19
Martelo			1		2		3
Movente	1		6	1	2		10
Dormente	1		4		7		12
Percutor		3	1		1		5
Geométrico			1				1
Lamela		3			1		4
Lâmina	4	17	2			1	24
Lâmina retocada			2		1		3
Ponta de seta		13	3				16
Furador		1	2				3
Peso Tear	16	169	143	3	73	18	422
Queijeira			3				3
Mágico/Simbólica		5	1				6
Ídolos de Cornos		2					2
Conta colar		7			1		8
Total	23	226	177	6	89	20	541

Fig. 5.1- Quadro explicativo referente ao número total de líticos, e artefactos cerâmicos presentes no povoado da Sala nº1.

Assiste-se as verdadeiras seleções de lugares de cariz habitacional, cuja sua durabilidade, está de longe de ser linear e constante. Em sítios como Vale Pincel ou Torre do Esporão 3, onde observamos o cessar completo de ocupação e seu abandono (pelo menos no milénio seguinte). De maneira totalmente diferente, sítios como Leceia onde a diacronia é contínua, a evolução do próprio sítio culmina com a construção de um enorme povoado fortificado, numa clara demonstração de um natural aceiteamento de estratégias de ocupação Neolíticas, por parte de comunidades já Calcolíticas considerando-as adequadas às suas necessidades (Gonçalves,2004a,p: 361).

Contrariamente a estas realidades é aquilo que parece ter acontecido com Cabeço do Cubo (Campo Maior), que será completamente abandonado, naquilo que parece ser uma escolha lógica de abandono de povoados mais vulneráveis em prol de lugares próximos e mais defensíveis, como o caso de Santa Vitória (*idem, ibidem*).

## 5.2. Cultura material - Recipientes cerâmicos:

A cultura material é, até ao momento, o meio mais completo para inferir sobre estas antigas comunidades agro-pastoris, nomeadamente por via da análise, neste caso concreto, dos recipientes cerâmicos que integram o universo artefactual deste tipo de sítios arqueológicos. Desta forma, podemos antever algumas percepções socioeconómicas que deveriam estar presentes nos núcleos (habitacionais ou não) destas comunidades.

Assim numa análise mais descritiva do que comparativa (pelo menos neste capítulo), assistimos no Nível de Superfície e no Nível 0 no povoado da Sala nº1, intervencionado na 1ª campanha de 1989, um total de 225 fragmentos inventariados.

Destes, apenas 137 correspondem a fragmentos de recipientes cerâmicos, onde 131 são bordos, atingindo os 15,5Kg de fragmentos. A amostra retirada, para levar a cabo a análise aqui exposta, recaiu sobre os fragmentos de bordo de cerâmicos que mais integridade continham para ser possível uma análise tipológica e morfológica dos mesmos. Havendo que assinalar para o estado fragmentário da amostra que neste nível, resultou na impossibilidade de atribuir a forma a cerca de 110 fragmentos (49% do total de fragmentos cerâmicos destes dois níveis). Sendo assim a amostra recaí sobre um total de 24 fragmentos (18 bordos e 6 bojos), entre os quais sete fragmentos são pertencentes ao nível de superfície, e 17 fragmentos pertencentes ao nível 0.

As formas mais representativas deste Nível são as formas Fechadas (21%) em igual número com as formas Abertas (21%), correspondente a 41 fragmentos. Estes números superam em muito as restantes formas presentes, as formas Compósitas (4%), de apenas 8 fragmentos (*Anexos -Fig.54*). Dentro das formas Abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e consequentemente desenhados as tipologias tendem a ser mais uniformizadas, havendo uma maior percentagem de Taças (A.3) com cerca de 29%, os pratos de bordo não espessado (A.1) com perto de 12%. Dentro destas formas, é de referir ainda a presença de pratos de bordo não espessado em perfil em S (A.1.2), de pratos de bordo espessado internamente, exvertido (A.1.4), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), e as taças de bordo espessado externamente de lábio aplanado (A.3.3). (*Anexos -Fig.69*).

Em relação às formas Fechadas, as tipologias estão mais diversificadas enquanto às suas percentagens, onde os Esféricos atingem os 12% (F.1 a F.5), equiparando-se com os Potes com 12% (F.8). Dentro destas, há que apontar para a presença de esféricos simples (F.1), para os pequenos esféricos (F.6), para os Globulares (F.7) e os Potes de bordo espessado externamente (F.8), tendo sempre em conta a limitada amostra possível de ser analisada. (*Anexos -Fig.72 e 73*).

Já no que conta em relação às formas Compósitas, as tipologias presentes são as taças carenadas de corpo hiperboloide de carena alta (C.3 (c)), e uma grande taça carenada (C.4), havendo apenas dois fragmentos que correspondem a estas formas compósitas (*Anexos -Fig.62*).

Nesta análise do conjunto cerâmico, e respeitante ao Nível 1 das intervenções efectuadas na 2ª campanha de 1989, somaram um total de 69 fragmentos inventariados, onde apenas 40 são fragmentos de recipientes cerâmicos, a que correspondem 37 bordos. Somando ainda um total de 7,2Kg no total de fragmentos. Deste total, resultou a impossibilidade de atribuir a forma a 52 fragmentos (75% do total de fragmentos deste nível), neste sentido foram analisados cerca de 17 fragmentos cerâmicos com reconstituição de formas, (15 bordos, 1 bojo e 1 tampa) por estes se apresentarem de melhor integridade física, e passíveis de serem analisados conforme os critérios pretendidos.

Assim sendo, as formas mais representativas são as formas Abertas, em igual numero com as formas Fechadas, ambas com percentagens perto dos 40%, seguindo-se

das formas Compósitas (8%), havendo ainda alguma percentagem de fragmentos cujas formas foram impossíveis de determinar (10%) (*Anexos -Fig.55*).

Dentro das formas Abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e conseqüentemente desenhados as taças (A.3) aparecem em maior número, com percentagens a rondar os 13%, seguindo-se dos pratos de bordo não espessado (A.1), com 6%, e dos pratos de bordo almendrado (A.2), com 7%. Dentro destas há que referir a presença de pratos de bordo não espessado (A.1), de pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), das taças de bordo não espessado (A.3) e das taças de bordo espessado externamente, de lábio aplanado (A.3.3). (*Anexos -Fig.69 e 70*).

No que diz respeito às formas Fechadas, os Esféricos aparecem em maior número (13%), seguindo-se das tipologias Globulares e dos Potes, ambos com os 7% (*Anexos -Fig.53*). Dentro destas é de se notar a presença de esféricos com asas mamiladas (F.2), os esféricos achatados (F.5), os tipos globulares (F.7), e os potes (F.8) Em relação às formas compósitas, estas fazem-se representar neste nível, através de três fragmentos, entre os quais um pertencente à tipologia dos potes carenado de colo troncocónico (C.5 (a)).

Em relação ao Nível 2, cujas intervenções foram efetuadas na segunda campanha de 1989 e na terceira campanha em 1995, somam um total de 484 fragmentos inventariados, onde 283 são fragmentos de recipientes cerâmicos, dos quais 228 bordos, e 55 bojos. Totalizando um volume de 58,3Kg de fragmentos. Deste total, resultou a impossibilidade de atribuir a forma a 220 fragmentos (77% do total de fragmentos deste nível), sendo analisados 63 fragmentos cerâmicos, (cinquenta e cinco bordos, cinco bojos, uma tampa e um fundo) por estes se apresentarem com menor grau de fragmentação, e perceptíveis quanto à sua forma e restantes critérios descritivos adoptados.

As formas mais frequentes neste nível arqueológico são as formas Abertas (31%), seguindo-se das formas Fechadas (16%), e apenas uma baixa percentagem de formas Compósitas (4%) correspondente a cinco fragmentos cerâmicos (*Anexos -Fig.56*). Havendo ainda uma percentagem de fragmentos com elevada fragmentação, atingindo perto de 49% de fragmentos deste nível, impossível de determinar a sua forma.

Correspondendo às formas Abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e conseqüentemente desenhados, os pratos de bordo não espessado (A.1) com 9%, igualando os pratos de bordo almendrado (A.2) com cerca de 9%. Seguindo os pratos de bordo espessado com 4%, seguindo as taças (A.3) com perto de 20%, e as taças em calote (A.4) com 9% (*Anexos -Fig.54*).

Dentro destas, estão presentes os pratos de bordo não espessado, simples (A.1), os pratos de bordo não espessado de perfil em S (A.1.2), os pratos de bordo espessado internamente (A.1.3), os pratos de bordo espessado internamente e exvertido (A.1.4), os pratos de bordo espessado externamente (A.1.6 (c)), os pratos de bordo espessado externamente e decorado com caneluras (A.1.6 (b)), os pratos de bordo almendrado (A.2), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), (*Anexos -Fig.69 e 70*). Também as taças estão presentes, com as taças de bordo não espessado (A.3), as taças de bordo espessado internamente (A.3.1), as taças de bordo espessado externamente (A.3.2), as pequenas taças (A.3.5), e as taças de bordo almendrado (A.3.6). Por último

dentro das formas Abertas, temos as taças em calote (A.4), as taças em calote com asas mamiladas (A.4.1), e as pequenas taças em calote (A.4.3), (*Anexos -Fig.69 e 71*).

No que toca às formas Fechadas, nota-se a presença de esféricos simples (F.1), com cerca de 9%, onde se inclui os de esféricos com asas mamiladas (F.2), de esféricos achatados (F.5). As formas globulares (F.7) estão representadas em 4%. Os potes de bordo espessado externamente (F.8), são de 4%, onde se inclui os de potes de bordo espessado interna e externamente (F.8.1), enquanto os recipientes de paredes rectas (F.9), aproximam-se dos 6% (*Anexos -Fig.64*)

Já nas formas compósitas, estas estão presentes através das taças carenadas (9%), onde se contabilizam as taças de corpo romboidal com carena alta (C.1 (a)) e de carenas média (C.1 (b)), das taças carenadas de corpo troncocónico com carena baixa (C.2 (a)) e de carena alta (C.2 (c)), e das pequenas taças carenadas (C.6).

O Nível 3, certamente um que apresenta o menor grau de fragmentação, e cuja sua intervenção foi realizada na 2ª campanha de 1989 e na última campanha em 1995, apresenta um total de 593 registos inventariados, entre os quais 403 pertencem a recipientes cerâmicos. Com um volume total de 65,3Kg de fragmentos. Deste total, 195 fragmentos (32% do total da amostra), ficaram fora da análise, em grande parte porque foi impossível de confirmar a forma e tipologia do fragmento, e outra, por se tratar de bojós, que, exceptuando os que contem alguma decoração ou característica significativa. Assim foram analisados 208 fragmentos (194 bordos, 11 bojós, 2 fundos e 1 tampa), que corresponde a 51% do total de fragmentos de recipientes cerâmicos neste nível, e passíveis de serem devidamente classificados segundo as metodologias adoptadas neste trabalho.

As formas mais frequentes neste nível arqueológico são as **formas abertas**, com percentagens a atingir os 51%, pertencentes a um número real de 206 fragmentos. Já as **formas fechadas** chegam aos 38%, correspondendo a 151 fragmentos. No caso das **formas compósitas**, estas são apenas em número residual, apenas atingindo os 3%, sendo que os fragmentos cuja forma foi impossível de determinar, atinge aqui percentagens vestigiais a rondar os 8% (*Anexos -Fig.57*)

Correspondendo às formas abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, vemos que, as taças (A.3) são em maior número, atingindo os 22%, seguindo-se as taças em calote (A.4) com 14%, e os pratos de bordo almendrado (A.2), com 12%. Ainda de salientar que em número mais reduzido, atingindo apenas os 8%, aparecem os pratos de bordo simples (A.1) (*Anexos -Fig.65*).

Dentro destas tipologias, estão presentes os pratos de bordo não espessado simples (A.1), os pratos de bordo não espessado de perfil em S (A.1.2), os pratos de bordo espessado internamente (A.1.3), os pratos de bordo espessado internamente e exvertido (A.1.4), os pratos de bordo espessado externamente, decorado com caneluras (A.1.6 (b)), e os pratos de bordo espessado interna e externamente (A.1.8). Também os pratos de bordo almendrado (A.2), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), e os pratos de bordo almendrado de lábio convexo (A.2.2), (*Anexos -Fig.69 e 70*). Ainda no que diz respeito às formas Abertas, é nítida a presença da totalidade da tipologia das taças, as taças de bordo não espessado (A.3), as taças de bordo espessado

internamente (A.3.1), as taças de bordo espessado externamente (A.3.2), as taças de bordo espessado externamente de lábio aplanado (A.3.3), as taças de bordo espessado interna e externamente (A.3.4), as taças pequenas (A.3.5) e as taças de bordo almendrado (A.3.6). Fechando o universo desta tipologia, as taças em calote também estão presentes (A.4), tal como as taças em calote, com assas mamiladas (A.4.1), as taças em calote alta (A.4.2) e as pequenas taças em calote (A.4.3), (*Anexos -Fig.69 e 71*).

No que diz respeito às formas Fechadas, assistimos a uma percentagem elevada de esféricos (F.1 a F.5) rondando os 16%, seguindo-se dos potes (F.8) com 12%, havendo apenas um número residual globulares (F.7) de 3% e de recipientes de paredes rectas (F.9) de 1% (*Anexos -Fig.65*). Dentro destes, é de referir a presença de toda a tipologia de esféricos, como os esféricos simples (F.1), os esféricos com assas mamiladas (F.2), esféricos de bordo exvertido (F.3), esféricos altos (F.4), esféricos achatados (F.6), e pequeno esférico (F.6). É de referir também a presença de Globulares (F.7), bem como de potes de bordo espessado externamente (F.8), potes de bordo espessado interna e externamente (F.8.1) e os potes de bordo espessado internamente (F.8.2), (*Anexos -Fig.72 e 73*).

Por último, nas formas compósitas, assiste-se à presença de taças de corpo romboidal de carena média (C.1 (b)), de taças de corpo hiperboloide de carena média (C.3 (a)), mas também de potes carenados de colo troncocónico (C.5 (a)), e de mini-copo (C.7)

No total dos níveis intervencionados, certamente que o Nível 4 foi o que menos individualizações protagonizou, e que correspondem às intervenções efetuadas na primeira campanha de 1988 e a uma terceira e ultima campanha em 1995, num total de 24 registos inventariados, entre os quais apenas 13 pertencem a recipientes cerâmicos. Totalizando um volume de 12,190Kg de fragmentos. Deste total, 12 fragmentos (50% do total da amostra) foram impossíveis de efectuar a sua descrição, ou pela elevada fragmentação dos mesmos, ou por se tratarem de bojos inclassificáveis. Assim, procedeu-se à análise dos restantes 12 fragmentos (11 bordos e 1 bojo), por este conservarem um baixo grau de fragmentação, sendo assim passíveis de serem analisados segundo as metodologias adoptadas. As formas mais frequentes são as formas Abertas, atingindo um total esmagador de 75%, correspondendo apenas a 6 fragmentos, contra um total de 15% de presença formas Fechadas. Neste nível (certamente devido apenas a uma escavação parcial) as formas Compósitas estão ausentes (*Anexos -Fig.58*).

Correspondentes às formas abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e conseqüentemente desenhados, é notória a presença de uma maioria de pratos de bordo almendrado (A.2) com 33%, que porém correspondem unicamente a 4 fragmentos, seguindo-se de taças com 13% (*Anexos -Fig.66*). Dentro destas, as tipologias presentes são os pratos de bordo espessado internamente (A.1.3), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), as taças de bordo não espessado (A.3), e as taças de bordo espessado internamente (A.3.1), (*Anexos - Fig.69 e 70*).

Nas formas fechadas, as percentagens concentram-se nos esféricos (F1 a F.5), com 17% (*Anexos -Fig.66*)

Respeitante ao Nível 5, este corresponde às intervenções efetuadas na campanha de 1988 e na campanha de 1989, havendo ainda alguns fragmentos pertencentes às

prospeções intensivas em 1987, num total de 224 fragmentos inventariados, onde 161 desses fragmentos pertencem a recipientes cerâmicos. Totalizando 12,968Kg do volume de fragmentos. Deste total, ficaram de fora 35 fragmentos pertencentes a prospeções iniciais de 1987 (com contextos menos seguros), e 2 fragmentos pertencentes a bojos, inclassificáveis. Nesse sentido, foram analisados cerca de 124 (77% do total dos recipientes cerâmicos).

As formas mais frequentes são as formas abertas, atingindo um total de 49%, correspondendo a 79 fragmentos, seguindo-se das formas fechadas com (26%), e as formas compósitas (17%) (*Anexos -Fig.59*). Correspondentes às formas abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e consequentemente desenhados, é notória a presença de uma maioria pertencente a taças (A.3) com 24%, que correspondem unicamente a 27 fragmentos. Seguindo-se de pratos de bordo simples (A.1) com 11%, e a pratos de bordo almendrado (A.2) com 6% (*Anexos -Fig.67*). Dentro destas, as tipologias presentes são os pratos de bordo não espessado simples (A.1), os pratos de bordo espessado internamente e exvertido (A.1.4), os pratos de bordo espessado externamente decorado com caneluras (A.1.5), os pratos de bordo espessado externamente de perfil em S (A.1.6 (a)), os pratos de bordo espessado externamente de perfil em S decorado com caneluras (A.1.6 (b)), pratos de bordo espessado externamente (A.1.6 (c)), os pratos de bordo extremamente espessado (A.1.7), e os pratos de bordo espessado interna e externamente (A.1.8), também estão presentes os pratos de bordo almendrado (A.2), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado (A.2.1), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo (A.2.2), (*Anexos -Fig.69 e 71*).

As taças estão presentes nas tipologias das taças de bordo não espessado (A.3), taças de bordo espessado internamente (A.3.1), taças de bordo espessado externamente (A.3.2), taças de bordo espessado externamente de lábio aplanado (A.3.3), as taças de bordo espessado interna e externamente (A.3.4) e as taças de bordo almendrado (A.3.6). Neste panorama, estão ainda presentes as taças em calote (A.4), taças em calote alta (A.4.2), e taças em calote alta de bordo espessado externamente (A.4.2 (a)), bem como pequenas taças em calote (A.4.3), (*Anexos -Fig.69 e 71*).

Nas formas Fechadas, aparecem as tipologias como os esféricos simples (F.1 a F.5) com 15%, seguindo dos potes (F.8) com 12%, e por último os globulares e os recipientes de paredes rectas com 1% (*Anexos -Fig.54*). Dentro destes contam-se, esféricos com assas mamiladas (F.2), esféricos de bordo exvertido (F.3), esféricos achatados (F.5), e o pequeno esférico (F.6). Os potes apresentam-se, os de bordo espessado externamente (F.8), os potes de bordo espessado interna e externamente (F.8.1), os potes de bordo espessado internamente (F.8.2), (*Anexos -Fig.72 e 73*).

No que diz respeito às formas compósitas, estas totalizam 19% do universo. E estão presentes as tipologias de taças de corpo romboidal com carena alta (C.1 (a)), e de carena média (C.1 (b)), as taças de corpo troncocónico de carena baixa (C.2 (a)), de carena média (C.2 (b)), e de carena alta (C.2 (c)), as taças de corpo hiperboloide de carena média (C.3 (a)), e de mamilo sob a carena (C.3 (b)), as grandes taças carenadas (C.4), potes carenados (C.5) e potes carenados de colo troncocónico (C.5 (a))

Por ultimo, o Nível 6 as individualizações correspondem às intervenções efetuadas na campanha de 1988, num total de 28 registos inventariados, sendo 25 pertencentes a recipientes cerâmicos. Totalizando 2,870Kg de volume de fragmentos. Deste total, três fragmentos pertencentes a bojos foram impossíveis de classificar. Nesse sentido foram analisados cerca de 22 fragmentos (88% do total dos recipientes cerâmicos). As formas mais frequentes são as formas Abertas, atingindo um total de 40%, correspondendo a 9 fragmentos, seguindo-se das formas Fechadas com 32%, havendo uma percentagem residual das formas Compósitas com 4% (*Anexos -Fig.60*).

Correspondentes às formas abertas, e do universo completamente analisado segundo os parâmetros da metodologia usada, e conseqüentemente desenhados, é notória uma percentagem maioritária de taças (A.3) com 27%. Seguindo-se os pratos de bordo simples (A.1) com 9% e os pratos de bordo almendrado (A.2) com 4%. Dentro destes, estão presentes as tipologias de pratos de bordo espessado externamente (A.1.6 (c)), e pratos de bordo espessado interna e externamente (A.1.8), os pratos de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado também estão presentes (A.2.1), (*Anexos -Fig.69 e 70*).

Relativamente às taças, registam-se as taças de bordo não espessado (A.3), as taças de bordo espessado internamente (A.3.1), as taças de bordo espessado externamente (A.3.2), as taças de bordo espessado interna e externamente (A.3.4) e as taças de bordo almendrado (A.3.6), (*Anexos -Fig.69 e 70*).

Correspondente às formas fechadas, a percentagem maior cabe aos esféricos (F1 a F.5) com 14%, seguindo-se dos potes (F.8) com 9% (*Anexos -Fig.68*). Dentro destes, as tipologias presentes passam pelos esféricos simples (F.1), o esférico achatado (F.5), os potes de bordo espessado externamente (F.8), e potes de bordo espessado interna e externamente (F.8.1), (*Anexos -Fig.72 e 73*).

No que diz respeito às formas compósitas, estão presentes através do único fragmento pertencente a uma taça de corpo romboidal de carena média (C.1 (b)).

### **5.3 Categorias e critérios descritivos.**

Para uma classificação deste conjunto cerâmico da Sala nº1, adoptaram-se os critérios descritivos usados para a classificação das formas dos recipientes cerâmicos presentes na metodologia utilizada por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares, 1976-77, p. 181-184), e Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p. 147 - 151) sendo adaptadas de Balfet (1966, 1983, 1992), Shepard (1971) e Séroine-Vivien (1982) como o próprio Victor S. Gonçalves afirma (*idem ibidem* p. 147). Assim se consideraram os como grupos descritivos, e seguindo a ordem em que foi efectuada a ficha descritiva, os seguintes critérios:

1. - Localização espacial do fragmento cerâmico/ Data da recolha /Número de inventário;
2. - Estado de conservação (bordo, bojo, fundo, mamilo e carenas isoladas);
3. - Característica da Forma geral (aberta, fechada, compósita);
4. - Característica do tipo e subtipo;
5. - Diâmetros/ Espessuras/ Alturas/ Índices;
6. - Homogeneidade da pasta/ Componentes não plásticos;
7. - Cozedura/ Acabamento das superfícies externa e interna;
8. - Características tipológicas do bordo;

9. - Existência de perfurações/ Existência de mamilos/ Existência de carenas/ Decoração.

Numa descrição mais precisa, e tendo em conta os trabalhos de Balfet, referidos por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p. 150), é considerado forma aberta, quando o diâmetro externo da abertura (dea) coincide com o diâmetro máximo (dmx), e forma fechada toda aquela cujo diâmetro externo da abertura é inferior ao diâmetro máximo (*idem ibidem*), de referir que as formas abertas e as formas fechadas, são formas simples de apenas um sólido de revolução, (Calado,1995).

São consideradas formas compósitas os recipientes associados a segmentos de esfera a outras formas geométricas, resultando em recipientes com mais do que um sólido de revolução, que podem ser abertas ou fechadas Calado (1995) e Sousa (2010).

Seguindo as propostas de Soares e Silva (1976/77) e Gonçalves (1989c), as formas abertas foram divididas em dois grandes grupos, os pratos (A.1, A.2), e as taças (A.3, A.4).

Dentro destes dois grupos, existem algumas subdivisões quer em relação aos pratos (pratos de bordo não espessado e espessado e pratos de bordo almendrado), quer em relação às taças (taças simples, taças em calote e pequenas taças). Ainda de referir relativamente às formas abertas, que existe (ainda que apenas um exemplar) um vaso de suporte (A.5 da tabela de formas proposta).

Em relação às formas fechadas, e tomando uma vez mais as propostas seguidas por Soares e Silva (1976/77) e Gonçalves (1989c), atendendo porém às necessidades formais do conjunto de recipientes cerâmicos em análise, as formas fechadas foram divididas em nove grupos principais. As taças em calote fechada (F(a)), os esféricos simples (F.1), e dentro destes os vários tipos de bordo, os esféricos com asas mamiladas (F.2) que formalmente são idênticos aos esféricos simples mas contem asas em forma de mamilos. Os esféricos altos (F.4), os esféricos achatados (F.5), e os pequenos esféricos (F.6). Temos ainda os globulares (F.7), os potes (F.8) e os vários tipos de bordo, são recipientes quase sempre de grandes dimensões, que como tal “(...) constituem um grupo per si no Calcolítico do Sul (...)”, (Gonçalves, 1989c, p.150). E por último os recipientes de paredes rectas (F.9).

No que toca ao critério descritivo 6, novamente numa adoção aos critérios de Soares e Silva (1976/77), e Gonçalves (1989c), em relação aos tipos e subtipos, e começando com as formas abertas, temos:

PRATOS:
<b>Pratos</b> - recipientes onde o índice de profundidade ( $I_p'$ ) é menor que 20, com base convexo-plana
A.1 – prato de bordo não espessado simples
A.1.2 – prato de bordo não espessado de perfil em S;
A.1.3 – prato de bordo espessado internamente;
A.1.4 – prato de bordo espessado internamente e exvertido
A.1.5 – prato de bordo espessado externamente decorado c/ caneluras
A.1.6 – prato de bordo espessado externamente (c), em perfil de S (a), decorado c/caneluras (b).
A.1.7 – prato de bordo extremamente espessado.
A.1.8 – prato de bordo espessado interna e externamente
A.2 – Prato de bordo almendrado - geralmente com ( $I_p'$ ) menor que 20 e (Dbe) maior que 300mm,
A.2.1 – prato de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado
A.2.2 – Prato de bordo almendrado de lábio convexo

*Fig. 5.2 – Tabela de formas propostas para as tipologias dos pratos existentes na Sala nº1.*

<b>TAÇAS:</b>
<p><b>Taças</b> - recipientes cujo (Ip') oscila entre os 20 e os 41, o diâmetro externo da boca (Dbe) menor que 280mm, com base convexa, (Silva e Soares, 1976/77,p.182-184)</p> <p><b>A.3</b> – Taça de bordo não espessado</p> <p><b>A.3.1</b> – Taça de bordo espessado internamente</p> <p><b>A.3.2</b> – Taça de bordo espessado externamente</p> <p><b>A.3.3</b> – Taça de bordo espessado externamente de lábio aplanado</p> <p><b>A.3.4</b> – Taça de bordo espessado interna e externamente</p> <p><b>A.3.5</b> – Pequena taça</p> <p><b>A.3.6</b> – Taça de bordo almendrado</p> <p><b>A.4</b> – Taça em calote</p> <p><b>A.4.1</b> – Taça em calote, com asas mamiladas</p> <p><b>A.4.2</b> – Taça em calote alta, de bordo espessado externamente (a)</p> <p><b>A.4.3</b> – Pequena taça em calote</p> <p><b>A.5</b> – Vaso de suporte</p> <p><b>F (a)</b> – Pequena taça em calote fechada</p>

*Fig. 5.3 – Tabela de formas propostas para as tipologias das taças existentes na Sala nº1.*

<b>ESFÉRICOS:</b>
<p><b>Esféricos</b> - consiste numa esfera e que são iguais ou ultrapassam <math>\frac{3}{4}</math> da sua altura, com (Ip') maior de 60, e com (Dbe) maior ou igual ao (Dp), (Silva e Soares, 1976/77,p.182-184)</p> <p><b>F.1</b> – Esférico simples</p> <p><b>F.2</b> – Esférico c/ asas mamiladas</p> <p><b>F.3</b> – Esférico de bordo exvertido</p> <p><b>F.4</b> – Esférico alto</p> <p><b>F.5</b> – Esférico achatado - uma forma esférica “comprimida na vertical”, (Gonçalves, 1989c.p.150)</p> <p><b>F.6</b> – Pequeno esférico - possui Dbe &lt;100mm. (Silva e Soares, 1976/77,p.182-184)</p> <p><b>F.7</b> – Globular - recipientes esféricos de boca fechada onde o diâmetro da pança é menor que a altura total da peça, mas nunca ultrapassando 1.5 x o valor desta, (Gonçalves, 1989c.p.150)</p>

*Fig. 5.4 – Tabela de formas propostas para as tipologias dos esféricos existentes na Sala nº1.*

<b>POTES:</b>
<p><b>Potes</b> - recipiente de grandes dimensões, de forma geral aproximadamente globular</p> <p><b>F.8</b> – Pote de bordo espessado externamente</p> <p><b>F.8.1</b> – Pote de bordo espessado interna e externamente</p> <p><b>F.8.2</b> – Pote de bordo espessado internamente</p> <p><b>F.9</b> – Recipiente de paredes rectas - recipientes com formas entre o tronco cone e o cilindroide, (Gonçalves, 1989c.p.150)</p>

*Fig. 5.4 – Tabela de formas propostas para as tipologias dos potes existentes na Sala nº1.*

<b>Formas Compósitas:</b>
<p><b>Formas Compósitas</b> - recipientes associados a segmentos de esfera a outras formas geométricas, resultando em recipientes com mais do que um sólido de revolução, que podem ser abertas ou fechadas.</p> <p><b>C.1</b> Taças de corpo romboidal c/ carena alta (a), e carena média (b)</p> <p><b>C.2</b>-Taças de corpo troncocónico c/ carena baixa (a), média (b) e alta (c)</p> <p><b>C.3</b> – Taças de corpo hiperboloide c/ carena média (a), c/ mamilo sob a carena (b), e carena alta (c)</p> <p><b>C.4</b> Grande taça carenada. Grande taça carenada de perfil em S (a).</p> <p><b>C.5</b> – Pote carenado. Pote carenado de colo troncocónico (a)</p> <p><b>C.6</b> – Pequena taça carenada. Mini – vaso carenada (a)</p> <p><b>C.7</b> – Mini-copo</p>

No que se refere aos critérios descritivos 7,8, 9 e 10, seguiram-se novamente os critérios utilizados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Soares e Silva,1976/77), e Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c), que resultam dos critérios avançados por Balfet (1992) e Séroine-Vivien (1982). Realizaram-se as seguintes medidas:

TABELA DE MEDIDAS E ÍNDICES:	
<b>Dbe</b>	Diâmetro externo da boca
<b>Dbi</b>	Diâmetro interno da boca
<b>Dp</b>	Diâmetro da pança
<b>Dc</b>	Diâmetro da carena
<b>Dmx</b>	Diâmetro máximo
<b>H</b>	Altura total
<b>Hf</b>	Altura do fundo
<b>Hc =(Hf)</b>	Altura da carena
<b>Lb</b>	Largura do lábio
<b>e</b>	Espessura máxima
<b>Ip'</b>	Índice de profundidade relativo ao diâmetro externo da boca $(\frac{H \times 100}{Dbe})$
<b>Ip''</b>	Índice de profundidade relativo ao diâmetro máximo $(\frac{H \times 100}{Dmx})$
<b>Icf</b>	Índice de convexidade do fundo $(\frac{Hf \times 100}{H}) < 10$ – fundo muito pouco convexo. De 11 a 20 – fundo pouco convexo; de 21 a 30 – fundo convexo; de 31 a 40 – fundo muito convexo; 41 a 50 – fundo fortemente convexo.
<b>Ihe</b>	Índice de altura da carena $(\frac{Hc \times 100}{H}) < 25$ – muito baixa; de 26 a 45 – baixa; de 46 a 55 – média; de 56 a 75 – alta; > 75 – muito alta.
<b>Iab</b>	Índice de abertura de boca $(\frac{Dbe \times 100}{Dp})$
<b>Iip</b>	Índice de inclinação da parede (formas carenadas): $(\frac{Dbe \times 100}{Dc})$
<b>ILb</b>	Índice de largura do lábio $(\frac{lb \times 100}{Dbe})$

*Fig.5.5- Tabela de medidas e índices, retirada da original de Carlos T. Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares,1976/77, pp: 182)*

Nos critérios descritivos quanto à homogeneidade da pasta, esta foi classificada como, Compacta, semi-compacta e pouco- compacta. Seguindo os critérios de Soares e Silva (1976/77), e Gonçalves (1989c). Ainda que dentro destes critérios descritivos da homogeneidade da pasta, e através de análises macroscópicas efetuadas a estes conjuntos, obteve-se cinco principais grupos de pastas:

Compacidade	Cozedura	Tratamento Superfície		Cor Tabela Munsell	Componentes não Plásticos		Aguada
		SUPE	SUPI		Frequência	Dimensão	Tipo
Compactas							
Grupo I	1/ 2/ 3.1/3.2/3.3	Polida	Polida	5YR 2/1 Brownish Black	Pouco abundantes	Fina	Negro
Grupo II	2/3.1/3.3	Polida	Alisada	5G 2/1 Greenish Black	Pouco abundantes	Fina	
Semi- Compactas							
Grupo III	1/2	Não Alisada	Não Alisada	10YR 6/6Dark Yellowish Orange	Pouco Abundantes	Fina	
Pouco- Compactas							
Grupo IV	1/2	Não Alisada	Não Alisada	5Y 7/6 Moderate Yellow	Abundant es	Grosseira	
Grupo V	1/2/3.1	Alisamento Tosco	Alisamento Tosco	10R 6/6 Moderate Reddish Orange	Abundantes	Fina	

*Fig. 5.6 – Tabela dos Grupos de Pastas existentes na Sala nº1.*

Os Componentes não plásticos (cnp) foram descritos quanto à sua frequência, (abundante, pouco abundante ou raro) adoptando os critérios utilizados por Victor S. Gonçalves, (Gonçalves, 1989c, p.149). Relativamente à sua dimensão, classificou-se como muito fina - com raros elementos não plásticos (e.n.p.) visíveis à vista desarmada; Fina - abundantes e.n.p. inferiores a 0,5 mm; raros superiores a 0,5mm; Grosseira - abundantes e.n.p. entre 0,5 mm e 1 mm; raros superiores a 1 mm; E muito grosseira - abundantes e.n.p. superiores a 1mm.

Em relação aos critérios descritivos do ambiente de cozedura, estes foram adaptados segundo os critérios de Silva e Soares (1976/77), resultando numa descrição de cor/ambiente de cozedura: Superfícies e núcleo avermelhados/acastanhados, com manchas acinzentadas, cozedura irregular em ambiente predominantemente oxidante.

1. Superfícies e núcleo acinzentados ou negros, por vezes com manchas acastanhadas, cozedura irregular em ambiente predominantemente redutor.
2. Superfície externa e zona exterior do núcleo avermelhada/acastanhada; superfície interna e zona superficial interna do núcleo acinzentada/negra, cozedura redutora-oxidante.
3. Superfície externa e zona superficial externa do núcleo acinzentada/negra; superfície interna e zona superficial interna do núcleo avermelhada/acastanhada, cozedura redutora-oxidante.
4. Superfícies e zonas superficiais do núcleo avermelhadas/acastanhadas; núcleo com cerne acinzentado/negro, cozedura redutora com fase final, ou de arrefecimento, oxidante.
5. Superfícies e zonas superficiais do núcleo acinzentadas/negras e cerne do núcleo avermelhado/acastanhado, cozedura oxidante com fase final, ou de arrefecimento, redutora.

Nos critérios descritivos dos acabamentos das superfícies externa e interna, estas são descritas como podendo ser, superfície com uma aguada; superfície polida; superfície com um alisamento fino; superfície alisada; superfície com alisamento tosco; superfície não alisada e superfície erodida.

Nas tipologias do bordo, seguiu-se os critérios adoptados por Ana Catarina Sousa (Sousa, 2010, p. 918), também os bordos foram classificados consoante à sua forma que pode ser de bisel simples, bisel duplo, bisel, plano, arredondado ou indeterminado.

Quanto à sua classificação, adoptando antes os critérios utilizados em Gonçalves (1989c), estes foram classificados como sendo não espessado, espessado internamente, espessado externamente, espessado interna e externamente, e almendrado.

Foram ainda classificados segundo os critérios utilizados por Gonçalves (1989c) em relação à direção dos mesmos, que podem ser, rectos, exvertidos, introvertidos, convergentes e indeterminados.

Os critérios descritivos relativo às perfurações foram adoptados de Gonçalves (1989c), considerou-se enquanto ao tipo, apenas duas características, as isoladas e as apareadas. Também foi tomado em conta a área do recipiente cerâmico onde se localizam, numa adoção dos critérios descritos por Ana Catarina de Sousa (Sousa 2010), que pode ser no bordo, bojo, fundo ou em ambos.

Nos critérios descritivos relativos aos mamilos ainda dentro dos critérios adoptados de Gonçalves (1989c) e Sousa (2010), considerou-se quanto à sua frequência de aparecimento como sendo, isolados, em par, emparelhados e indeterminado.

Quanto ao local em que ele se situa em relação ao recipiente cerâmico, este pode ser no bordo, imediatamente abaixo do bordo ou sob a carena. Quanto à sua tipologia, esta foi considerado como podendo ser vertical, horizontal ou perfurados.

Em relação às carenas, estas são descritas quanto à sua morfologia, que pode ser, viva, doce, indeterminada ou ausente. E à sua categoria, Silva e Soares (1976/77) que pode ser:

Altas - Índice de altura de carena (Ihc) acima dos 75. Baixas – Índice de altura de carena (Ihc) entre os 26 a 45. Médias - Índice de altura de carena (Ihc) entre os 56 a 75.

Por último, relativamente aos critérios descritivos para a decoração, teve-se em conta o tipo de técnica. Considerou-se assim a decoração denteada, incisa, plástica, caneluras e decoração ungulada (feita com recurso das unhas). Outro critério descritivo a ter em conta é a localizações dessa decoração, que pode estar localizada sobre o bordo ou imediatamente abaixo do bordo, na superfície externa do bojo, na superfície interna do bojo ou sobre a carena.

#### **5.4. Definições e conceitos: enunciação da terminologia aplicada.**

Procurou-se elaborar tabelas analíticas e gráficos expressivos sobre os resultados quantitativos e qualitativos da amostra em análise. Os critérios descritivos, bem como algumas terminologias, foram alvo de abreviações e codificações numéricas, a fim de se obter uma melhor leitura. Para tal utilizaram-se aos critérios descritivos presentes em Silva e Soares (1976/77), Gonçalves (1989c) e Sousa (2010). Assim elaborei as seguintes

tabelas descritivas, com as equivalências entre os critérios descritivos e as abreviações e terminologia aplicada:

<b>Homogeneidade da pasta:</b>	
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Compacta;</li> <li>2. Semi-compacta;</li> <li>3. Pouco- compacta</li> </ol>	
<b>Componentes não plásticos (cnp):</b>	
<b>Frequência (freq.):</b>	<b>Dimensão (dms):</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Abundante</li> <li>2. Pouco abundante;</li> <li>3. Raro</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>a) Muito fina. Com raros elementos não plásticos (e.n.p.) visíveis à vista desarmada.</li> <li>b) Fina. Abundantes e.n.p. inferiores a 0,5 mm; raros superiores a 0,5mm.</li> <li>c) Grosseira. Abundantes e.n.p. entre 0,5 mm e 1 mm; raros superiores a 1 mm.</li> <li>d) Muito grosseira. Abundantes e.n.p. superiores a 1mm.</li> </ol>

<b>Cor/ambiente de cozedura (Coz):</b>
<p>1 – Superfícies e núcleo avermelhados/acastanhados, com manchas acinzentadas, cozedura irregular em ambiente predominantemente oxidante.</p> <p>2 – Superfícies e núcleo acinzentados ou negros, por vezes com manchas acastanhadas, cozedura irregular em ambiente predominantemente redutor.</p> <p>3.1 – Superfície externa e zona exterior do núcleo avermelhada/acastanhada; superfície interna e zona superficial interna do núcleo acinzentada/negra, cozedura redutora-oxidante.</p> <p>3.2 – Superfície externa e zona superficial externa do núcleo acinzentada/negra; superfície interna e zona superficial interna do núcleo avermelhada/acastanhada, cozedura redutora-oxidante.</p> <p>3.3 – Superfícies e zonas superficiais do núcleo avermelhadas/acastanhadas; núcleo com cerne acinzentado/negro, cozedura redutora com fase final, ou de arrefecimento, oxidante.</p> <p>3.4 – Superfícies e zonas superficiais do núcleo acinzentadas/negras e cerne do núcleo avermelhado/acastanhado, cozedura oxidante com fase final, ou de arrefecimento, redutora.</p>
<b>Tratamento da superfície</b>
<p><b>Superfície externa (Supe)/ Superfície interna (supi)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Superfície c/ aguada</li> <li>2. Superfície polida;</li> <li>3. Superfície alisada fina;</li> <li>4. Alisada;</li> <li>5. Alisada tosca;</li> <li>6. Não alisada;</li> <li>7. Erodida</li> </ol>

<b>Morfologia dos Bordos:</b>		
<b>Forma (Form.):</b>	<b>Classificação (Clasf.):</b>	<b>Direção (Dir.):</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bisel simples;</li> <li>2. Bisel duplo;</li> <li>3. Bisel;</li> <li>4. Plano;</li> <li>5. Arredondado;</li> <li>6. Indeterminado</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não espessado;</li> <li>2. Espessado internamente;</li> <li>3. Espessado externamente;</li> <li>4. Espessado inter./extern.</li> <li>5. Almendrado</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>a) Bordo recto;</li> <li>b) Exvertido;</li> <li>c) Introvertido;</li> <li>d) Convergente.</li> <li>e) Indeterminado</li> </ol>

Descrições de Perfurações:	
<b>Tipo:</b> 1. Isoladas; 2. Apareadas.	<b>Local:</b> a) Bordo; b) Bojo; c) Fundo; d) Ambos a) e b)

Descrição de Mamilos:		
<b>Frequência de aparecimento:</b> 1. Isolados; 2. Em par 3. Emparelhados 4. Indeterminado	<b>Local:</b> 1. No bordo; 2. Imediatamente abaixo do bordo; 3. Sob a carena	<b>Tipologia do Mamilo:</b> a) Verticais; b) Horizontais c) Perfurados

Descrição de Carenas:	
<b>Morfologia (Morf.):</b> 1. Viva; 2. Doce; 3. Indeterminado; 4. Ausente	<b>Categoria (Cat.):</b> a) Altas; b) Baixas; c) Médias

Descrição da decoração	
<b>Técnica (Tec.):</b> 1. Decoração denteada; 2. Decoração incisa; 3. Decoração plástica 4. Caneluras 5. Decoração ungulada 6. Decoração com cordão plástico	<b>Localização (Loc.):</b> a) Sobre o bordo ou imediatamente abaixo do bordo b) Superfície externa do bojo. c) Superfície interna do bojo. d) Sobre a carena.

## **CAPÍTULO 6. OS RECIPIENTES CERÂMICOS DE SALA Nº 1**

### **6.1 - O universo de análise.**

Na análise artefactual de todo o conjunto inventariado e que diz respeito ao *locus* 1 do sítio arqueológico da Sala nº1, o universo dos registos totalizam cerca de 1658 registos individualizados na sua totalidade, onde 1130 fragmentos correspondem a recipientes cerâmicos, totalizando 244,128Kg.

Destas individualizações, apenas foram consideradas as respeitantes aos recipientes cerâmicos, como bordos (perto de 1042 fragmentos) os bojós que contenham algum tipo de elemento distinto (com 78 fragmentos), e os fundos (6 fragmentos), completando com os fragmentos de objetos cerâmicos peculiares, como as “tampas” (4 fragmentos).

Sendo importante referir que destes números, não constam as individualizações dos restos faunísticos (já efetuado), que atingem perto de 394 individualizações fazendo assim prever algumas alterações enquanto ao total do universo de individualizações respeitantes ao sítio arqueológico da Sala nº1.

Tomando em conta os critérios de análise que foram escolhidos para esta investigação, conjuntamente com as características patentes de uma fragmentação profunda e evidente nos fragmentos cerâmicos, procedeu-se a uma escolha criteriosa do universo total dos registos individualizados. Nesse sentido, o universo real da análise, recai sobre o total de 468 fragmentos (correspondente a 45% do total de individualizações correspondentes a recipientes cerâmicos), sendo a sua maioria constituída essencialmente de bordos e bojós, bem como alguns fundos e “tampas” desenhados e classificados no âmbito deste trabalho, e que corresponde a uma amostra capaz de, por um lado constituir a diversificação total das formas e tipologias presentes no universo dos recipientes, de corresponder a bordos com uma fragmentação menos severa e que nesse sentido permitisse uma fidedigna reconstituição da forma a que pertence (tendo em conta a metodologia adoptada), e no caso dos bojós, que indicasse algumas características específicas ao nível da forma, ou ao nível da decoração.

Assim referente ao Nível 0 foram analisados 21 bordos, que pela sua excelente integridade física possibilitaram a reconstrução do desenho arqueológico, das formas tipológicas a que pertenciam, bem como 3 bojós que pela peculiaridade de se encontrarem com decorações, foram considerados e desenhados nesse intuito, sem nunca poder deixar de referir que a amostra total deste nível, está fisicamente muito fragmentada, sendo por isso, e de acordo com a metodologia adoptada (Silva e Soares, 1976/77; Gonçalves 1989c) impossível para se obter índices, medidas ou desenhos viáveis para estabelecer as formas a que pertenciam. No Nível 1 foram analisados 15 bordos, e 8 bojós, com o mesmo raciocínio metodológico referido anteriormente. Referente ao Nível 2, verificou-se o mesmo problema quanto à fragmentação do conjunto, tal como havia sido referido anteriormente em relação ao nível 0, havendo as mesmas restrições ao nível das classificações e viabilidade de análise respeitante à metodologia utilizada. Nesse sentido foi analisado e classificado cerca de 55 bordos, 5 bojós, 1 fundo e uma “tampa”. No Nível 3 o grau de fragmentação não foi tão esmagador, sendo que conseguiu-se analisar cerca de 211 fragmentos (50% do total das individualizações deste nível), respeitantes a

fragmentos de recipientes cerâmicos, e tendo em conta a metodologia adotada, efetuou-se a análise de todos os parâmetros descritivos, preciosos para uma melhor identificação quanto à forma e tipologia dos recipientes a que esses fragmentos pertenceriam.

No Nível 4, os registos individualizados são escassos, devido à parcial escavação desse nível, em que no total de 25 fragmentos individualizados e respeitantes a recipientes cerâmicos apenas se analisou cerca de 12 fragmentos individualizados, correspondente a 1 bojo e 11 bordos, seguindo sempre as características das restrições e definições das metodologias adoptadas (acima referidas).

No que se refere ao Nível 5, num total de 161 fragmentos individualizados referentes a recipientes cerâmicos, e verificado que a sua fragmentação não atingia severamente a totalidade do universo, optou-se por analisar praticamente 77% desse universo, traduzindo-se por 145 bordos, 15 bojões e 1 “tampa”, (seguindo os critérios de escolha igualmente convenientemente expressados anteriormente). Já em relação ao Nível 6, e também ele sofrendo da incompleta escavação de que, juntamente com os níveis 4 e 5, foi alvo devido a restrições devidamente referidas no Capítulo 4 (Morfologia da Ocupação). Nesse sentido o nível 6 contabiliza um total de 25 individualizações de fragmentos pertencentes a recipientes cerâmicos, onde 22 foram devidamente analisados, correspondentes a 20 bordos e 2 bojões.

Pode-se então analisar quantitativamente a amostra, como estando bem presente uma percentagem abundante de formas abertas, totalizando 450 fragmentos. Estando patentes em todos os níveis em percentagens elevadas, principalmente no Nível 3 com 51% do total da amostra, e no Nível 5 com 49% do total da amostra (*Anexos – Fig. 57 e 59*).

As formas fechadas, totalizam 306 fragmentos, e estão presentes em todos os níveis arqueológicos, sendo a sua presença mais significativa no Nível 3 com 38% do total desta forma, e no Nível 6 com 32% do total desta forma (*Anexos – Fig. 57 e 60*). Mas são minoritárias em relação às formas abertas.

Já no que diz respeito às formas compostas, contabilizam-se 66 fragmentos, estando presentes em praticamente todos os níveis, havendo apenas uma ausência no Nível 4. Assim sendo, as percentagens mais significativas, dizem respeito ao Nível 5 com 17% do total da amostra, e o Nível 1 com 8%, (*Anexos – Fig. 55 e 59*).

Nestas análises de formas, podemos caracterizar como significativo, a nível da tipologia, a presença de pratos de bordos espessados (num total de 33 fragmentos) em praticamente todos os níveis, sendo bastante claro que apenas no Nível 1, exista uma total ausência (muito devido à escassa amostra, e elevada fragmentação da mesma). Mesmo assim, nos restantes níveis os pratos de bordos espessados atingem quase sempre (com exceção dos níveis 1 e 6), uma percentagem a rondar os 20% ou acima destes. Sendo o Nível 5 (42% correspondente a 14 fragmentos) e o Nível 3 (30%, correspondente a 10 fragmentos) os mais representativos. (*Anexos – Fig. 69*).

Outra característica da amostra em análise é a presença de pratos de bordos almendrados (41 fragmentos), praticamente presente em todos os níveis intervencionados. Reflectindo a extrema importância da diacronia do sítio arqueológico da Sala nº1, tendo em conta a clara tendência de associar tais tipologias a uma cronologia

com inícios no 3º milénio a.n.e (Gonçalves, 2004a). No caso desta tipologia dos pratos de bordos almendrados, as percentagens maiores pertencem ao Nível 3 (61%, correspondente a 25 fragmentos), e ao Nível 5 (17%, correspondente a 7 fragmentos). (*Anexos – Fig. 69*).

Como característica artefactual, e servindo cada vez mais como fóssil diretor, as taças carenadas, assumem um papel importante no contexto arqueológico peninsular (Gonçalves, 2004a), (Silva e Soares, 1976/77). Estas formas remetem para a transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, correspondente ao Neolítico final. É particularmente relevante a presença na Sala nº1, uma dispersão destas formas (32 fragmentos no total), em praticamente todos os níveis intervencionados. Neste sentido, a distribuição das taças carenadas centram-se maioritariamente no Nível 5 com 66%, correspondente a 21 fragmentos, e no Nível 2 com 16%, correspondente a 5 fragmentos, (*Anexos – Fig. 69*).

## **6.2. Uma retrospectiva dos catálogos existentes para o 4º e 3º milénios a.n.e. no Centro e Sul de Portugal**

*“A ausência normativa de critérios metodológicos em Pré-História conduz frequentemente a que cada trabalho de pesquisa crie os seus próprios critérios descritivos.”*

Sousa, A.C. 2010, p. 19

Ao iniciar os estudos no panorama do Neolítico (Neolítico e Calcolítico) no âmbito do actual território português, principalmente no Centro e Sul de Portugal, é inevitável confrontar-nos com várias propostas tipológicas para a classificação dos artefactos cerâmicos pertencentes a essas realidades cronológicas. Assim, relativamente às tipologias existentes para os materiais cerâmicos da transição do 4º para o 3º milénio a.n.e. do Sul de Portugal, verifica-se a existência de quatro grandes linhas condutoras. A tipologia proposta por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva, e Soares, 1976/77), e as suas adaptações (Silva, e Soares, 1987), bem como a proposta avançada por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c) ainda se mantém como ponto de referência.

Nesse âmbito Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), no estudo que efectuaram sobre os 625 fragmentos pertencentes a recipientes cerâmicos e que constituíam o repertório cerâmico dos cinco povoados analisados (Cabeço da Mina, Vale Píncel II, Monte Novo, Cortadouro, Alcalar) construíram um total de 10 categorias tipológicas, havendo uma clara separação entre pratos de bordo não espessado e espessado e os pratos de bordos almendrados. Havendo ainda outras divisões ao nível das

taças carenadas, das taças simples e das taças em calote (cada uma com a sua subdivisão tipológica).

Seguindo a escola francesa, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, tal como irá acontecer com Victor S. Gonçalves, vai acabar por acrescentar a esta proposta tipológica medidas e de índices para auxiliar a classificação os fragmentos cerâmicos enquanto ao seu tipo, uma influência clara das propostas avançadas por Séronie-Vivien (1982), de H. Balfet (1966/1983) e Shepard (1971).

Assim temos uma proposta de índices e medidas que vão dos vários tipos de diâmetros que se possa obter dos fragmentos (Dbe, Dbi, Dp, Dc, Dmx), dos vários tipos de altura (H, Hf, Hc), da largura do lábio (lb) e da espessura máxima (e). Conjuntamente com os vários índices (Ip', Ip'', Icf, Ihc, Iab, Iip, Ilb). Esta característica de análise vai acabar por se tornar mais adequada aos conjuntos com um grau baixíssimo de fragmentação, visto que a maior parte das medidas e dos índices, vão ser quase impossíveis de obter na totalidade dos fragmentos que pertencem a conjuntos extremamente fragmentados.

No panorama das propostas tipológicas que existem para estas realidades, Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p.150), no intuito de analisar o conjunto de 413 fragmentos de recipientes cerâmicos pertencentes aos povoados do Cerro do Castelo de Corte João Marques, e ao povoado do Castelo de Santa Justa, sob as influências das descrições avançadas por Séronie-Vivien (1982), H. Balfet (1966/1983) e Shepard (1971), vai ele próprio propor um catálogo que vai abranger subdivisões referentes a algumas formas patentes nesse quadro tipológico. Esta proposta define as formas dos recipientes a que os fragmentos pertencem como sendo abertos (*A*) e fechados (*F*), tendo em conta o seu tipo, o seu sub-tipo, e ainda algumas variantes que possam existir Assim, Victor S. Gonçalves utiliza a dimensão das formas para distinguir as pequenas taças de pequenos esféricos, bem como o faz com o índice de profundidade para distinção de pratos de bordo espessado e taças de bordo espessado, embora esta tipologia seja mais fácil de lidar em realidades melhor conservadas, verificou-se que não era de todo impossível funcionar em realidades mais fragmentadas como a que se verifica na Sala nº1.

Uma terceira linha orientadora, no que diz respeito às tipologias possíveis de serem utilizadas para cerâmicas destas cronologias do Sul do País, é a proposta de classificação utilizada por Manuel Calado (Calado, 1995, p.51), que se baseia nos aspetos formais legíveis nos bordos ou carenas para definir as formas dos artefactos cerâmicos, e não nas características que não possam ser directamente observáveis nos recipientes recolhidos (*idem ibidem*). No estudo que levou a cabo na análise dos 545 fragmentos de recipientes cerâmicos recolhidos nas prospeções que efetuou em perto de 30 locais identificados, dentro da sua área de estudo da região da Serra d'Ossa, Manuel Calado procura nesta forma organizar os recipientes cerâmicos num sistema hierarquizado em função à realidade observada, utilizando as variáveis da forma, a morfologia do bordo e a morfologia do lábio. Considera, na sua tipologia as subdivisões quanto ao espessamento (interna e externamente ou ambos) referidas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c), e a largura do lábio propostas por Ruiz Mata (Mata, 1975).

Podemos então clarificar, que nesta proposta de Manuel Calado, se estabelece a diferença entre formas fechadas e formas abertas, bem como uma divisão em duas áreas, sendo elas as formas simples (apenas um sólido de revolução) e as compósitas (mais do que um sólido de revolução) (Calado,1995, p.53).

Assim as formas abertas simples (pratos e taças) são diferenciadas entre si através do cálculo do ângulo formado pelo bordo e a parede do fragmento e o plano de abertura, onde ângulos até 45° são tido como pratos, e ângulos de 45° a 90° são taças. Já para as formas simples fechadas (potes e vasos) o autor estabelece um ângulo de 135° para vasos e ângulos superiores para potes, e as formas compósitas (formas carenadas) podem ser abertas ou fechadas (*idem ibidem*). Quanto aos bordos que sejam regulares e não apresentam espessamento, podem ser considerados simples ou adelgaçados. Os que apresentam espessamento podem ser interno, externo ou de ambos os lados podem ainda ser classificados como reforçado, almendrado ou indiferenciado.

Em relação aos pratos, foi contemplada a medida do espessamento do bordo, sendo que quando é superior a 3,5cm são considerados largos, quando a largura do lábio é igual ou inferior ao espessamento são considerados estreitos, sendo os restantes considerados médios. Quanto à direção do bordo, esta é classificada como direito, invertido e exvertido, e a sua forma como aplanada ou convexa.

Por último, uma quarta linha de classificação das cerâmicas existentes na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e do Sul de Portugal, é aquela apresentada por António Carlos Valera (Lago, et al, 1998. p: 80 -85). Na descrição dos 311 fragmentos de recipientes cerâmicos (Monumento funerário 1 e U.E 26), pertencentes a um universo de 20.000 individualizações que foram identificadas nos trabalhos arqueológicos do Povoado dos Perdigões em 1997, António Carlos Valera elabora uma caracterização inicial e genérica dos artefactos cerâmicos.

Nesta abordagem, mantem-se a divisão lógica do conjunto cerâmico em duas grandes linhas divisórias, as formas abertas e as formas fechadas. Contudo será na variedade dos subtipos da própria tipologia cerâmica, que irá residir a distinção desta nova tipologia. Onde se evidencia as subdivisões nos pratos, que passam a ter quatro subtipologias, e em cada uma destas ainda se podem encontrar perto de seis outras subdivisões. O mesmo acontece com as Taças, as Taças carenadas, e onde a novidade será a inclusão das Taças de perfil em S (cuja morfologia já aponta para uma cronologia mais tardia). A diferença nas formas abertas será a classificação de Tigelas que poderão ser subdivididas em quatro subtipos, substituindo assim a designação de Taças em calote presente nas tipologias anteriores.

No que toca aos globulares, regista-se a classificação dos Globulares com colo (*Tipo 7.3 na tipologia de António C. Valera*), que se poderá subdividir em mais quatro subtipos.

Também na tipologia dos Vasos, estes sofrem alterações na sua descrição morfológica, havendo a distinção entre Vasos de corpo superior troncocónico, que já estavam descritos nas tipologias anteriores. Contudo nesta tipologia de António Carlos Valera, estes Vasos são subdivididos em quatro. Os Vasos de carena média/alta, são subdivididos em dois tipos. E os Vasos de paredes rectas vão de encontro às adaptações já

efectuadas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c, p.150,151) à tipologia de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva, e Soares, 1976/77) que designa como recipiente de paredes rectas (*Tipo F7 na tipologia de António C. Valera*).

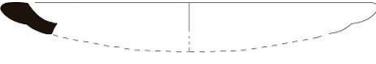
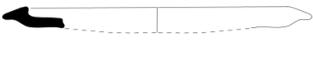
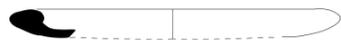
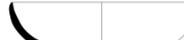
Ainda sobre as tipologias das Tigelas, esta proposta tipológica adapta a designação de Tigelas de carena média/baixa, cuja característica é a de um recipiente com fundo em calote e separado por um corpo troncocónico por uma carena, sendo o seu (Ip') maior que 50.

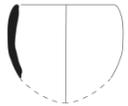
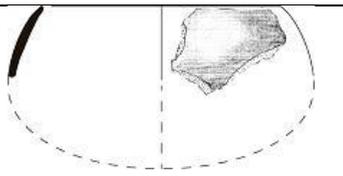
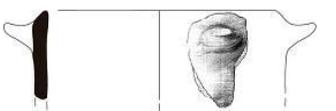
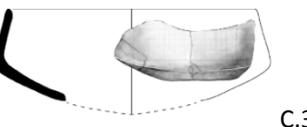
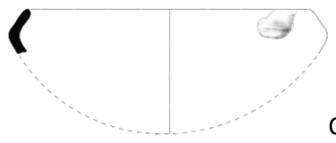
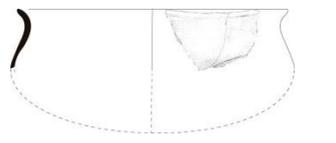
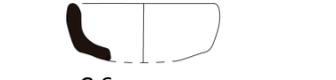
Também se distingue, a designação tipológica dos “Copos” (*Tipo 12 na tipologia de António C. Valera*) troncocónicos ou cilíndricos, de corpo ligeiramente troncocónico (Lago *et al*, 1998, p. 80 -85). Também na designação de Pote carenado de colo troncocónico, descrito como recipiente de colo alto, de perfil troncocónico separado do corpo por uma carena alta (*idem ibidem*), ausente no panorama dos artefactos cerâmicos da Sala nº1.

No que se pode referir enquanto à tipologia dos Mini-Vasos, nas propostas avançadas pelo autor (Tipo 15 na tipologia de António C. Valera), cuja caracterização se baseia essencialmente no tamanho do diâmetro da boca, sempre de dimensões reduzidas, não ultrapassando os 4 cm (*idem ibidem*).

Havendo ainda a descrição tipológica de Vasos de pé alto (*Tipo 16 na tipologia de António C. Valera*), cuja característica recai nos recipientes pequenos de base convexa-aplanada e paredes côncavas. E os Vasos campaniformes (*Tipo 17 na tipologia de António C. Valera*), ambos ausentes nos registos de artefactos cerâmicos patentes na Sala nº1, (à data das escavações realizadas).

Contudo na última tipologia descrita desta proposta de António C. Valera, os Vasos suporte (*Tipo 18 na tipologia de António C. Valera*), são recipientes cerâmicos tubulares, cilíndricos com estrangulamento a meio (*idem, ibidem*), estas sim, patentes no registo cerâmico de Sala nº1.

FORMAS ABERTAS				
<p><b>Pratos</b></p>  <p>A.1</p>	 <p>A.1.2</p>	 <p>A.1.3</p>	 <p>A.1.4</p>	 <p>A.1.5</p>
 <p>A.1.6 (a)</p>	 <p>A.1.6 (b)</p>	 <p>A.1.6 (c)</p>	 <p>A.1.7</p>	 <p>A.1.8</p>
 <p>A.2</p>	 <p>A.2.1</p>	 <p>A.2.2</p>		
<p><b>Taça</b></p>  <p>A.3</p>	 <p>A.3.1</p>	 <p>A.3.2</p>	 <p>A.3.3</p>	 <p>A.3.4</p>
 <p>A.3.5</p>	 <p>A.3.6</p>			
<p><b>Taça em Calote</b></p>  <p>A.4</p>	 <p>A.4.1</p>	 <p>A.4.2</p>	 <p>A.4.3</p>	 <p>A.5</p>

FORMAS FECHADAS				
<p><b>Taça em calote fechada</b></p>  <p>F(a)</p>	<p><b>Esféricos</b></p>  <p>F.1</p>	 <p>F.2</p>	 <p>F.3</p>	 <p>F.4</p>
 <p>F.5</p>	 <p>F.6</p>	<p><b>Globular</b></p>  <p>F.7</p>		
<p><b>Potes</b></p>  <p>F.8</p>	 <p>F.8.1</p>	 <p>F.8.2</p>	 <p>F.8.3</p>	 <p>F.9</p>
FORMAS COMPOSITAS				
<p><b>Taças</b></p>  <p>C.1(a)</p>	 <p>C.1 (b)</p>	 <p>C.2 (a)</p>	 <p>(b)</p> <p>C.2</p>	 <p>C.2 (c)</p>
 <p>C.3(a)</p>	 <p>C.3 (b)</p>	 <p>C.3 (c)</p>	 <p>C.4</p>	 <p>C.4 (a)</p>
<p><b>Potes</b></p>  <p>C.5</p>	 <p>C.5 (a)</p>	 <p>C.6</p>	 <p>C.6 (a)</p>	<p><b>Copo</b></p>  <p>C.7</p>

<b>A – Formas Abertas:</b>	
<p><b>A.1</b> – prato de bordo não espessado simples</p> <p><b>A.1.2</b> – prato de bordo não espessado de perfil em S;</p> <p><b>A.1.3</b> – prato de bordo espessado internamente</p> <p><b>A.1.4</b> – prato de bordo espessado internamente e exvertido</p> <p><b>A.1.5</b> – prato de bordo espessado externamente decorado c/ caneluras</p> <p><b>A.1.6</b> – prato de bordo espessado externamente (c), em perfil de S (a), decorado c/caneluras (b).</p> <p><b>A.1.7</b> – prato de bordo extremamente espessado.</p> <p><b>A.1.8</b> – prato de bordo espessado interna e externamente</p> <p><b>A.2</b> – Prato de bordo almendrado</p> <p><b>A.2.1</b> – prato de bordo almendrado de lábio convexo-aplanado</p> <p><b>A.2.2</b> – Prato de bordo almendrado de lábio convexo</p>	<p><b>A.3</b> – Taça de bordo não espessado</p> <p><b>A.3.1</b> – Taça de bordo espessado internamente</p> <p><b>A.3.2</b> – Taça de bordo espessado externamente</p> <p><b>A.3.3</b> – Taça de bordo espessado externamente de lábio aplanado</p> <p><b>A.3.4</b> – Taça de bordo espessado interna e externamente</p> <p><b>A.3.5</b> – Pequena taça</p> <p><b>A.3.6</b> – Taça de bordo almendrado</p> <p><b>A.4</b> – Taça em calote</p> <p><b>A.4.1</b> – Taça em calote, com asas mamiladas</p> <p><b>A.4.2</b> – Taça em calote alta, de bordo espessado externamente (a)</p> <p><b>A.4.3</b> – Pequena taça em calote</p> <p><b>A.5</b> – Vaso de suporte</p>
<b>F – Formas Fechadas:</b>	<b>C – Formas Compósitas:</b>
<p><b>F (a)</b> – Pequena taça em calote fechada</p> <p><b>F.1</b> – Esférico simples</p> <p><b>F.2</b> – Esférico c/ asas mamiladas</p> <p><b>F.3</b> – Esférico de bordo exvertido</p> <p><b>F.4</b> – Esférico alto</p> <p><b>F.5</b> – Esférico achatado</p> <p><b>F.6</b> – Pequeno esférico</p> <p><b>F.7</b> – Globular</p> <p><b>F.8</b> – Pote de bordo espessado externamente</p> <p><b>F.8.1</b> – Pote de bordo espessado interna e externamente</p> <p><b>F.8.2</b> – Pote de bordo espessado internamente</p> <p><b>F.8.3</b> – Pote de bordo não espessado</p> <p><b>F.9</b> – Recipiente de paredes rectas</p>	<p><b>C.1</b> Taças de corpo romboidal c/ carena alta (a), e carena média (b)</p> <p><b>C.2</b>-Taças de corpo troncocónico c/ carena baixa (a), média (b) e alta (c)</p> <p><b>C.3</b> – Taças de corpo hiperboloide c/ carena média (a), c/ mamilo sob a carena (b), e carena alta (c)</p> <p><b>C.4</b> Grande taça carenada. Grande taça carenada de perfil em S (a).</p> <p><b>C.5</b> – Pote carenado. Pote carenado de colo troncocónico (a)</p> <p><b>C.6</b> – Pequena taça carenada. Mini – vaso carenada (a)</p> <p><b>C.7</b> – Mini-copo</p>

### 6.3. Proposta de catálogo de formas para Sala nº 1

Após analisar as quatro principais linhas de propostas tipológicas, e tendo em conta o conjunto analisado, bem como as características cronológicas às quais eram inerentes, optou-se pelo critério classificativo de variantes tipológicas da cerâmica, aquelas adoptadas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c) para a descrição dos recipientes cerâmicos do Cerro do Castelo de Corte João Marques, e do Cerro do Castelo de Santa, bem como as tipologias propostas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares, 1976/77) para a descrição dos recipientes cerâmicos dos povoados de Cabeço da Mina, Vale Pincel II, Monte Novo, Cortadouro e Alcalar, na clara influencia e adoção da escola francesa e das propostas avançadas por Séronie-Vivien (1982), H. Balfet (1966/1983) e Shepard (1971),

Complementarmente, foi pertinente a colocação nesta proposta de catálogo de formas, dos critérios classificativos de alguns tipos adotados por António Carlos Valera (Lago *et al*, 1998, p. 80 -85)

Numa aproximação de maior pormenor, podemos referir que as propostas tipológicas adoptadas dividem os recipientes em três grandes grupos: formas abertas, formas fechadas e formas compósitas.

As formas abertas serão aquelas cujo diâmetro externo da abertura (*dea*) coincide com o diâmetro máximo (*dmx*), enquanto as formas fechadas serão aquelas cujo diâmetro externo da abertura é inferior ao diâmetro máximo (Gonçalves,1989c.p. 150). Adaptando as mesmas, e seguindo propostas de Manuel Calado (Calado,1995), e de Ana Catarina Sousa (Sousa, 2010), decidi incluir nesta definição, as formas compósitas, sempre que o recipiente associa segmentos de esfera a outras formas geométricas.

#### *Formas abertas*

**A1 (Prato)** - Numa descrição morfológica das tipologias avançadas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, vemos que os pratos são divididos em dois tipos – os pratos de bordo sem espessamento, que são caracterizados por terem o índice de profundidade relativo ao diâmetro externo da boca (*IP'*) menor que 20. E os pratos de bordo almendrado, cuja característica é terem o (*IP'*) menor que 20, o diâmetro externo da boca (*Dbe*) maior que 300mm, onde coexiste ainda as subdivisões de pratos de lábio convexo-aplanado, lábio plano e lábio convexo.

Nas adaptações propostas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c, p. 150-151), passam a constar os pratos de bordo não espessado, os pratos de bordo espessado internamente, os pratos de bordo espessado externamente e os pratos de bordo espessado interna e externamente.

Dentro destas propostas, e tendo em conta a organização do conjunto cerâmico da Sala nº1verificaram-se algumas características diferentes, ao nível dos pratos de bordo não espessado de perfil em S (A.1.2 da tabela proposta neste trabalho), dos pratos de bordo espessado internamente e exvertidos (A.1.4 da tabela proposta neste trabalho), o prato de bordo espessado externamente decorado c/ caneluras (A.1.5 da tabela proposta neste trabalho), os pratos de bordo espessado externamente em perfil em S, e a sua variante com caneluras no bordo (A.1.6 (a) e (b) da tabela proposta neste trabalho), e os

pratos de bordo extremamente espessado (A.1.7 da tabela proposta neste trabalho). Já no que toca aos pratos de bordo almendrado, a minha proposta, avança de encontro às já apresentadas quer por Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva e Victor S. Gonçalves, sem quaisquer modificações.

**A3 (Taça)** - No que toca às descrições tipológicas das taças, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, avançam com uma divisão entre Taças largas de bordo espessado internamente as Taças carenadas e as Taças em calote. Sendo que as primeiras são caracterizadas por terem o (*IP'*) entre os 20 e os 41, e o (*Dbc*) maior que 280mm de base convexa, sendo ainda subdivididos por taças de lábio aplanado, ou de lábio convexo-aplanado. Nas adaptações tipológicas de Victor S. Gonçalves consta as subdivisões de Taças de bordo não espessado, as taças de bordo espessado internamente, externamente, as espessadas interna e externamente, e ainda as pequenas taças. Dentro destas, na Sala nº 1 verifica-se a presença da subcategoria de taça de bordo espessado externamente de lábio aplanado (A.3.3 da tabela proposta neste trabalho) e das taças de bordo almendrado (A.3.6 da tabela proposta neste trabalho).

**A4 (Taças em calote)** - Por último as Taças em calote são caracterizadas por recipientes em calote de esfera com o (*Ip'*) entre os 20 e os 60. Ainda que possamos ver nas adaptações de Victor S. Gonçalves a existência tipológica de pequenas taças em calote, também adaptada nesta proposta aqui apresentada.

Avançando no sentido das propostas realizadas por Ana Catarina de Sousa (Sousa,1998), adicionei também nesta proposta, as taças de calote alta e a sua variante de bordo espessado externamente (A.4.2 da tabela proposta neste trabalho). No sentido físico da peça, uma taça em calote alta, corresponde uma taça de calote que é adicionada um cilindro, propondo-o um índice de profundidade elevado (Sousa, 2010). Incluindo também as taças em calote com asas mamiladas (A.4.1 da tabela proposta neste trabalho). Ainda dentro das taças em calote, mas fechadas, e no segmento do que é proposto por Ana Catarina de Sousa (Sousa,2010), é de referir a inclusão de pequenas taças em calote fechada, (F(a) da tabela proposta neste trabalho).

### *Formas fechadas*

No que toca aos Vasos, a tipologia proposta por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), define unicamente os Vasos de corpo alto e bordo extrovertido, onde aponta para um recipiente de grandes dimensões, com subdivisões ao nível dos bordos (rectos, recto vertical, recto inclinado para o exterior ou interior e bordo introvertido). Nesta amostra referente à Sala nº1 estão completamente ausentes, havendo apenas a referir a presença de vasos de suporte (A.5 da tabela proposta neste trabalho). Estes caracterizam-se por serem objectos cerâmicos que podem ser tubulares, cilíndricos ou subcilíndricos, e com estrangulamento no meio (Lago, *et al*,1998, p.82).

Dentro das formas fechadas patentes no conjunto analisado referente aos recipientes cerâmicos da Sala nº1, as taças em calote fechada são identificadas e colocadas como os primeiros recipientes a serem retratados no quadro analítico das formas presentes no conjunto (F(a) da tabela proposta neste trabalho).

**F1 a F6 (Esféricos)** - São tipologicamente, segundo Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), caracterizados como um recipiente de formas esféricas com ausência de colo ou carena, com ( $Ip'$ ) maior de 60, o índice de abertura da boca ( $lab$ ) maior de 70, e o ( $Dbc$ ) maior que 100mm. Tomando em conta as adaptações de Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c), temos ainda as sub-tipologias dos esféricos altos de bordo simples, os de bordo espessado, e os de bordo exvertido, bem como os esféricos ligeiramente achatados e os esféricos muito achatados.

Ainda dentro dos recipientes esféricos, houve a preocupação de realizar uma variante para os pequenos Esféricos, cuja característica mais distinta é o ( $Dbc$ ) menor que 100 mm, (*idem ibidem*). Dentro destes, optei por juntar os esféricos com assas mamiladas (F.2 da tabela proposta neste trabalho).

**F7 (Globulares)** - Relativamente aos Globulares, estes são caracterizados por recipientes fechados com o ( $lab$ ) inferior a 70, e o diâmetro da pança igual ou superior à altura total (Silva e Soares, 1976/77).

**F8 (Potes)** - Na tipologia seguida por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, os potes são caracterizadas como recipiente de grandes dimensões de formas globulares de bordo espessado. Que Victor S. Gonçalves adapta elaborando mais subtipos de potes de bordo não espessado, os potes de bordo espessado externamente e de bordo espessado interna e externamente (Gonçalves, 1989c). Conjuntamente com estas tipologias, acrescentei os potes de bordo espessado internamente (F.8.2 da tabela proposta neste trabalho), e também os potes carenados, que dentro das propostas avançadas por Antonio Carlos Valera, são recipientes de colo alto e de perfil troncocónico, tendo uma carena alta e bem fñcada que separa o corpo (Lago, *et al*, 1998, p.82), bem como as suas variantes de colo troncocónico (C.5 da tabela proposta neste trabalho).

**F9 (Paredes rectas)** - Como descrição tipológica dos recipientes de paredes rectas, não retirada da tipológica adotada (Silva e Soares, 1976/77), mas antes das adaptações levadas a cabo por Victor S. Gonçalves, temos a tipologia dos recipientes de paredes rectas, com formas entre o tronco-cone e o cilindroide (Gonçalves, 1989c, p.150,151), adoptadas na íntegra nesta proposta aqui apresentada.

### *Formas compósitas*

**C.1 a C.4 (Taças carenadas)** - São divididas tipologicamente segundo as propostas de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, como recipientes pouco fundos com ( $IP'$ ) entre os 10 e os 40, com um fundo em calote ou aplanado, onde o seu corpo subcilíndrico ou troncocónico é separado do fundo por uma carena. Estas taças carenadas são ainda subdivididas tipologicamente em Taças de carena alta, onde o índice de altura da carena ( $Ihc$ ) seja entre os 56 e os 75, com alguns subtipos. Taças de carena baixa, com ( $Ihc$ ) de 26 a 45.

Taças de carena média, com ( $Ihc$ ) entre os 46 a 55. E Taças de carena muito baixa, com ( $Ihc$ ) igual ou menor que 25. A minha proposta no que diz respeito às taças carenadas, passa por agrupar as mesmas dentro das formas compósitas, a par do que foi feito por Ana Catarina de Sousa (Sousa, 2010). E relacionar a sua tipologia consoante ao corpo, tal como já havia feito Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c), e posteriormente também

Antonio Carlos Valera (Lago *et al*,1998), que pode ser romboidal (C.1 da tabela proposta neste trabalho), troncocónico (C.2 da tabela proposta neste trabalho) e de corpo hiperboloide (C.3 da tabela proposta neste trabalho). Tal como a introdução, tendo em conta as propostas avançadas por António Carlos Valera (Lago *et al*,1998) da grande taça carenada, e da sua variante de perfil em S (C.4 da tabela proposta neste trabalho), e ainda das pequenas taças carenadas e da sua variante de mini-taça carenada (C.6 da tabela proposta neste trabalho)

**C.5 (Potes Carenados)** - Os potes carenados são aqui analisados tendo em conta as descrições avançadas por António Carlos Valera, que caracteriza essa forma como sendo um recipiente com colo alto de perfil troncocónico, separado do corpo por uma carena alta, bem vincada (Lago *et al*,1998). Nesta organização do conjunto cerâmico, os potes carenados (C.5 da tabela proposta neste trabalho).

**C.7 (Copos)** -Por último, a descrição tipológica dos mini-copos, ausentes quer nas propostas de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), quer nas adaptações de Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c), e muito menos nas propostas de Manuel Calado (Calado,1995), consegue apenas uma aproximação dentro das propostas avançadas por Antonio Carlos Valera (Lago *et al*, 1998,), no conjunto dos mini-recipientes, mas que mantém mesmo assim, ausente a definição de mini-copo, que sabendo que caracteristicamente um copo contém um corpo ligeiramente troncocónico de base plana com arestas arredondadas (*idem ibidem*), estes acabam por ter como única particularidade o diminuto tamanho (F.8.2 da tabela proposta neste trabalho).

Procurámos compensar as limitações implicadas no seguimento canónico de determinada tipologia - catálogo, optando por uma classificação variada, que aglutina as diversas propostas realizadas ao longo da investigação da temática. Desde as propostas iniciais de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77 e 2013), bem como as posteriores adaptações de Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c), António Carlos Valera (Lago *et al*, 1998), Manuel Calado (Calado, 1995 e 2001) e Ana Catarina Sousa (Sousa, 1996), pretendeu-se adaptar as designações e classificações ao conjunto em estudo nesta dissertação. Propusemos ainda, quando não encontrada correspondência nas tipologias anteriores, novas classificações morfológicas, tornando desta forma possível a uma completa e pormenorizada caracterização do conjunto da Sala nº1.

*“(...) A ideia que um artefacto pode ser sintomático de uma cultura, ou de um dado momento dentro dela, não é nem errada nem inadequada, exige apenas as inevitáveis correções de uso e uma manipulação crítica muito atenta.”*

Gonçalves, V.S. 2004, p.361

### **6.3 - As taças carenadas: Neolítico final?**

A taça carenada é um recipiente cerâmico com uma média de 40 cm de diâmetro (que por vezes pode ser superado), de fundo convexo (baixo-médio), a sua parte superior é constituído por um largo tronco-cone ou um hiperboloide. O seu bordo raramente é espessado, e as suas paredes diferem entre fina como aquelas mais frequentes na Península de Lisboa e mais grossa como parece ser normal para o Alentejo (Gonçalves, 2004a,p.362). No caso da Sala nº1, verificamos que estes recipientes cerâmicos contem diâmetros entre os 20 cm e os 40cm, ainda que se verifique diâmetros acima dos 50 (apenas 3 exemplos). E no caso das pequenas taças carenadas oscilam entre os 2cm a 4 cm de diâmetro.

Quanto a algumas dúvidas mais pertinentes em relação a este recipiente cerâmico, podemos-nos questionar relativamente à sua funcionalidade, sendo que o mais lógico será remeter para recipientes pertencentes a contentores (para líquidos e/ou sólidos), ou recipientes para conter refeições (Gonçalves, 2003,p. 92).

Talvez numa tentativa de compreender esta problemática sobre a taça carenada e a sua localização dentro da cronologia definida para a mesma, seria melhor referir, o reconhecimento tardio das taças carenadas no registo arqueológico do Neolítico e Calcolítico no actual território português (Gonçalves, 2003,p.83).

Será nas escavações do sítio arqueológico da Parede (Cascais) em 1964 (Paço), 1983 (Serrão) e à revisão do conjunto em 1990 (Gonçalves, 1990), que se registam quantidades significativas de taças carenadas (Gonçalves, 2003, p.83). Contudo só começou a ser colmatada esta problemática sobre as taças carenadas, com a tentativa de seriar cultural e cronologicamente os artefactos pertencentes aos povoados da área de Sines, trabalho levado a cabo na década de 70 do século XX por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77).

Neste trabalho, os autores vão propor uma antiguidade mais elevada para a taça carenada, relativamente ao prato de bordo almendrado. Nesse sentido, os mesmos, vão incluir a taça carenada como componente de um pacote exclusivo, onde nele não se incluíam os pratos de bordo espessado nem os pesos em crescente, por estes pertencerem a um pacote artefactual posterior (Gonçalves,2003,p.86).

Assim as taças carenadas surgiam, não como um factor de diferenciação por excelência, mas antes como fazendo parte de um pacote cerâmico, ao qual os recipientes mamilados em forma de saco, as taças de bordo espessado internamente e os pesos de tear de formas retangulares pertenciam (*idem ibidem*).

Estes recipientes estão completamente ausentes nos registos arqueológicos datáveis do Neolítico Antigo, mesmo até em sítios considerados do Neolítico médio como Comporta e Vale de Pincel 1 (Silva e Soares, 1976/77). É um artefacto típico dos registos do Neolítico Final, desaparecendo no surgimento das primeiras sociedades agro-metalúrgicas, que acabam por adoptar outro recipiente, muitas vezes associados e

“convivendo” com as taças carenadas, o prato de bordo espessado ou de bordo não espessado (Gonçalves,2004a,p: 362).

Em sítios como Zambujal (Kunst, 1995), Monte da Tumba (Silva e Soares,1976/77), Vila Nova de S.Pedro, Cerro dos Castelos de Serpa, e Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves,1989c), a taça carenada é quase inexistente, tratando-se todos de povoados calcolíticos fortificados. Em sítios de diacronia contínua como Leceia (Cardoso, 1989), estes recipientes confinam-se às fases de ocupação do sítio anterior à construção do dispositivo defensivo, considerado como fase pertencente ao Neolítico final (Gonçalves,2004a,p.363).

São recipientes geralmente relacionados com sítios baixos mas com boa visibilidade, como Torre do Esporão 3, ou não longe da costa, e apoiados por um bom *hinterland* (Parede, Sala nº1, Comporta, Xarez 12). Estes parecem pertencer a comunidades sem muitos competidores, e usufruíam de captação múltipla dos recursos dos seus territórios (*idem ibidem*).

Esta perspetiva conduz-nos a questionar eventualmente o desaparecimento deste recipiente ser causa-efeito de um possível desaparecimento dos seus fabricantes? Como aliás questiona Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 2004)

O que o registo arqueológico nos indica é que os “fabricantes” da taça carenada, não desapareceram (até porque a coexistência destes recipientes com os pratos de bordo espessado e almendrado, é verificado), parece-nos que apenas estes optaram pelo uso e fabrico mais frequente do grande prato (mais resistente, fácil de fabricar e de grande capacidade) parecendo por isso haver apenas um progressivo abandono de uma forma cerâmica a favor de outra (Gonçalves,2004a,p. 364).

Havendo sempre um cuidado desdobrado no que diz respeito a incutir a taça carenada como “fóssil diretor” (como limitador de tempo), temos povoados cronologicamente situados no Neolítico final e inícios do Calcolítico (Sala nº1), onde as taças carenadas abundam em quase todos os níveis arqueológico (*idem ibidem*). À semelhança de sítios no Sul Peninsular como El Lobo (Badajoz) e Papa Uvas (Huelva), (*idem ibidem*). Ainda que convêm referir, que as percentagens em relação à Sala nº1 são dispares no que toca às fases pertencentes ao Neolítico, final (24%) e às fases do Calcolítico (11%), (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013,p.538).

*“A variedade de sentidos para uma só expressão, obrigando à adjetivação, não é das situações mais adequadas, mas, infelizmente, em Arqueologia, é hoje uma realidade dificilmente contornável. O essencial, porém, é que nos entendamos (...)”*  
Gonçalves, V.S.2004

### **6.3.1 -Uma problemática ou a prova da sua metamorfose:**

Sendo a taça carenada geralmente aceite como fósil director das cronologias compreendidas na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, acaba por provocar alguns atritos em análises metodologicamente mais puristas e canónicas. Ter a taça carenada como forma de uma concepção puramente de tradição neolítica, e finita com o fim desta, vai acabar por colocar locais como a Sala nº1, em posição de excepcionalidade, a par de El Lobo (Badajoz) e Papa Uvas (Huelva), como locais de uma diacronia continua, dada a presença de taças carenadas em praticamente todos os níveis intervencionados.

Nas conclusões avançadas por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), os autores apontam para uma presença de taças carenadas no *tholos* da Farisoa, claramente posicionadas no seio do já conhecido, Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz. Aponta-se também para a distribuição destas formas no sudoeste Peninsular no Neolítico Final, como sendo notória em lugares como Possanco (Ribeiro e Sangmeister, 1967) e Papa Uvas (Martín de la Cruz,1985, 2004), bem como em cronologias pertencentes ao Calcolítico, como o caso de Valencina de la Concepcion (Ruiz Mata,1975). Neste panorama e segundo os autores, a taça carenada teria a sua origem no Neolítico médio, acabando por atingir o seu desenvolvimento máximo no Calcolítico inicial da Estremadura e Sudoeste, e que seria pertencentes a meios culturais de profundas tradições neolíticas (como o caso de Parede I), e de seguida entraria em rápido declínio, podendo contudo esporadicamente se encontrar em ambientes plenamente Calcolíticos (Silva e Soares,1976/77).

No que toca ao caso em estudo (Sala nº1), a realidade parece ser mais consensual. Se as cronologias cronométricas afinam os níveis a várias fases de ocupação (que transparecem uma possível não interrupção diacrónica), apontando mesmo para uma fase inicial daquele povoado como pertencente ao Neolítico final, prolongando-se pelo Calcolítico inicial, encaixando na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, tornando-se real, a convivência de pratos de bordo almendrados (típicos do Calcolítico), com as taças carenadas, em praticamente todos níveis, com exceção ao Nível 4 (provável consequência da pequena intervenção efetuada nesse nível e da reduzida amostra).

Se juntarmos a esta realidade de segmentação diacrónica e artefactual, aquilo que parece uma adaptação das formas das taças carenadas a uma ligeira adaptação a taças, estas não carenadas, mas de bordos almendrados (cujo índice de profundidade se afasta claramente da dos pratos), correspondentes ao tipo (A.3.6 da tabela de formas proposta) e presentes nos níveis 2, 3 e 6, bem como a presença de alguns fragmentos de pratos de bordos extremamente espessados (A.1.7 da tabela de formas proposta) presente no Nível 5, poderemos notar uma possível adaptação da forma tão convenientemente usada nas comunidades com profundas tradições Neolíticas (como a taça carenada) para aquilo que agora mais convenientemente serviria ao quotidiano comunitário destas comunidades – o prato de bordo espessado.

### **6.3.2- Os vários tipos de carena e a sua relação com o tamanho, o diâmetro e dimensão dos recipientes:**

A importância das carenas, como elemento físico que evidencia por excelência as formas compósitas, consiste no facto de estas compartimentarem um tipo de forma, que se caracteriza visualmente pela presença da mesma.

As formas compósitas e tal como o nome indica, são formas compostas por mais que um segmento de esfera, em que o segmento superior e o segmento inferior são separados por uma carena. Esta por sua vez, e segundo os critérios descritivos adoptados para este estudo, são classificadas quanto à sua morfologia como podendo ser uma carena Viva no caso de ser saliente em relação ao resto do corpo do recipiente cerâmico, ou uma carena Doce no caso de ser menos evidente a interrupção que causa no corpo do recipiente cerâmico. Estas ainda podem ser classificadas quanto à sua categoria, propondo para tal os critérios descritivos adoptados, a consideração de carenas Altas, as carenas cujo índice de altura da carena (*Ihc*) seja maior que 56, se o (*Ihc*) for menor que 45 são consideradas carenas baixas, e se o (*Ihc*) for entre os 46 e 55 são consideradas carenas médias.

Na análise efectuada no decorrer deste trabalho, deparei (embora com um número reduzido de amostra) com uma consistência de um número significativo de carenas cujo índice de altura atingia números acima dos 60 de (*Ihc*) que correspondem a formas compósitas com diâmetros acima dos 40cm, sendo os (*Ihc*) pertencentes na maior parte a taças de corpo hiperboloide e a grandes taças carenadas, (*Anexos – Fig. 84*).

Já as carenas com (*Ihc*) entre os 50, correspondem a grande parte a recipientes com diâmetros entre os 20cm e os 40cm, presentes nas taças carenadas de corpo romboidal, troncocónico, hiperboloide e a grandes taças carenadas (*Anexos – Fig. 84*).

As carenas com (*Ihc*) abaixo dos 40 correspondem a recipientes com diâmetros maiores que 30cm e menores que 40cm, pertencentes a taças carenadas de corpo romboidal e troncocónico. É de referir ainda para uma percentagem de recipientes com (*Ihc*) menor de 10, e que os mesmos recipientes contêm diâmetros abaixo dos 20cm, pertencente a taças carenada de corpo troncocónico, havendo mesmo um recipiente de diâmetro abaixo dos 3cm pertencente a uma mini-taça carenada, (*Anexos – Fig. 84*).

Em última análise, as inferências aqui levantadas, poderão indicar um relacionamento entre as carenas com índices mais altos (*Ihc*) e as taças carenadas de corpo hiperboloide (C.3 da tabela de formas proposta), bem como das grandes taças carenadas (C.4 da tabela de formas proposta), são carenas acima da média (onde as altas oscilam com índices entre os 56 e 75) que sustentam um segmento de esfera em cima de outro segmento de esfera com alguma profundidade, atingindo um índice de profundidade para as taças carenadas hiperboloides (*Ip*) maior de 15, e para as grandes taças carenadas (*Ip*) entre os 20 e os 40. Parecendo assim um resultado de uma interrupção abrupta de formas hiperboloides, largas de diâmetros razoáveis, que se fecham a partir de uma carena, geralmente de morfologia doce (referente aos critérios descritivos utilizados).

Neste sentido, as carenas com índices mais baixos (*Ihc*) parecem ter relacionamento com as taças carenadas de corpo romboidal (C.1 da tabela de formas proposta) ou troncocónico (C.2 da tabela de formas proposta), são carenas relacionadas com recipientes com índices de profundidade (*Ip*) entre os 15 e 25. Morfologicamente

aponta para carenas que dividem um segmento de esfera com algum diâmetro, com outro segmento de esfera que não se fecha, fazendo até por vezes alguns ângulos rectos.

Mais diversificada, acaba por ser a relação entre as carenas com índices médios, que se parecem relacionar com taças carenadas, quer de corpo hiperboloide, troncocónico ou romboide. Deixando como tal, subjacente, que a haver alguma ligação lógica entre o índice de altura das carenas e o diâmetro e morfologia dos recipientes compósitos, esta possa ser visível nas carenas com índices mais altos e acima da média, onde a dimensão e morfologia do recipiente, vai acabar por ditar a localização das carenas, resultando em índices de altura das mesmas, em números bem altos

#### **6.4- Os pratos, típicos do advento Calcolítico**

Fazendo uma leitura mais transversal, e se quisermos estilizar o uso de artefactos como mudança económica e principalmente social, conseguimos encontrar um quadro de artefactos pertencentes a uma tipologia enquadrada (pelos critérios normativos e utilizáveis actualmente) no 4º e no 3º milénio a.n.e. (Gonçalves, 2004,p. 354).

Assim, e segundo Victor S. Gonçalves, num enquadramento artefactual, como especificação dessa mudança, temos como preenchimento dos tais grupos do Neolítico “final”, realidades artefactuais pertencentes a esses contextos (*idem ibidem*). Embora, sejam evidentes quantitativamente, as diferenças entre as realidades da Estremadura, onde os pratos são praticamente residuais (Sousa e Gonçalves, 2012), e as realidades a sul do Tejo, onde os estes abundam (Silva e Soares,1976/77); (Gonçalves, 1989c).

Esta diferença de conjuntos cerâmicos entre a Estremadura (onde os copos são frequentes), e o Alentejo e Algarve (onde os pratos refletem-se em grande numero), parece traduzir algumas diferenças socioeconómicas (Sousa e Gonçalves, 2012, p. 389).

Nesse sentido, os pratos de bordo espessado (interna ou externamente ou ambos), conjuntamente com os pratos de bordo almendrado, vão construir esse conjunto cerâmico tipicamente Calcolítico. Numa reformulação, ou simples adaptação de formas cerâmicas, ao que poderia ser uma inovação na realidade alimentícia destas comunidades, principalmente a importância dos recursos cerealíferos e as suas modalidades de consumo (Sousa e Gonçalves, 2012, p. 389).

Os pratos serão porventura, os elementos artefactuais cerâmicos mais conhecidos e usuais em contextos do 3º milénio a.n.e no Sul- Sudoeste peninsular, sendo a sua presença mais escassa nos contextos da península de Lisboa e Setúbal (Sousa, 1996, p.76).

Estão já bem documentados nos níveis 5 e 6 da Sala nº1, fase que corresponde a finais do 4º milénio a.n.e (Gonçalves, 1987, p.15). Estes pratos de bordos espessados parecem coexistir com os de bordo simples ou adelgaçados, numa realidade que parece anteceder os de bordo almendrados. Contudo estes pratos de bordos espessados parecem perdurar até ao 2º milénio a.n.e, tal como demonstra a presença no Pessegueiro, um povoado do Bronze do Sudoeste (Silva e Soares, 1981).

É notório que dentro dos bordos, os de bordo reforçado parecem anteceder os de bordo almendrado, naquilo que parece ser um processo evolutivo dentro do 3º milénio a.n.e. Contudo estão escassamente presentes em contextos finais do 4º milénio a.n.e, em clara convivência com as taças carenadas, onde estas gradualmente desvanecem, em prol dos grandes pratos, em meados do 3º milénio a.n.e (Mataloto, 1997, p. 18)

Em termos de dimensões, estes grandes pratos chegam a atingir facilmente os 40 cm, indo mesmo até aos 60 cm em média, e alguns de rara exceção podem mesmo atingir 1 m (Fernandez e Olivia, 1985). Já os pratos de bordo espessado almendrado oscilam normalmente entre os 20 e os 40 cm de diâmetro.

Parece não resta dúvida alguma, que estes recipientes abertos e de grandes dimensões, são a grande novidade formal da tipologia de utensílios cerâmicos do Calcolítico, traduzindo hábitos de consumo coletivo de alimentos. Tal facto levou inclusive à interpretação de se tratar de um sintoma de inovação nos hábitos alimentares, que cada vez mais continha uma forte componente vegetal e cerealífera (Gonçalves, 1987, p.165).

#### **6.4.1- Os vários tipos de prato e os bordos específicos**

No universo total da amostra aqui levada a análise, os pratos, constituem as percentagens mais significativas dentro das formas abertas, perto de 39% do total destas. Representado assim, o peso numérico que estes recipientes constituem dentro do universo da amostra. Dentro desta categoria, e tendo em conta a sua caracterização cronológica, os pratos de bordo espessado, atingem os 13%, enquanto os pratos de bordo almendrado atingem os 19% do total das formas abertas. Estes últimos estando presentes em todos os níveis intervencionados, atingindo elevadas percentagens no Nível 3 perto dos 54% (representando 23 fragmentos), e percentagens mais modestas no Nível 5 perto dos 16% (representando 7 fragmentos) dentro do universo total da amostra.

Tendo em conta ainda a diversificação tipológica que apresenta esta amostra, no que se refere aos pratos, há que referir para a presença de pratos de bordo espessado internamente e exvertido (A.1.4 da tabela proposta), dos pratos de bordo espessado externamente decorado com caneluras (A.1.5 da tabela proposta), e os pratos de bordo espessado externamente em perfil em S (A.1.6 (a) da tabela proposta) e a sua variante com caneluras (A.1.6 (b) da tabela proposta). Sendo de salientar para esta característica de aparecimento de pratos e taças com caneluras imediatamente abaixo do bordo, como possíveis indicadores de alguns regionalismos neste tipo de técnica, também presentes no conjunto do Monte da Mangancha (Gonçalves, V. 2003, p. 90).

Ainda dentro da tipologia dos pratos, há que referir a existência de um recipiente de bordo extremamente espessado (cerca de 2,5 cm) e com largura de bordo também ela bastante prenunciada, atingindo os 4,5 cm - (G26 - nº238) pertencente ao Nível 5. Estando presente um arranque de fundo na parte inferior do bordo, que repõem para uma tipologia de prato de bordo espessado interna e externamente, mas de bordo de lábio recto/aplanado, com fundo aplanado e de índice de profundidade de (Ip 5). Foi tomada a iniciativa de colocar este fragmento na tipologia dos pratos, com a designação de prato de bordo extremamente espessado (A.1.7 da tabela proposta), à falta de paralelos de comparação.

### 6.5 - As cerâmicas mamiladas

Talvez a par das cerâmicas carenadas, as cerâmicas mamiladas serão aquelas que logo à partida nos poderão indicar uma baliza cronológica razoavelmente estável. Tal como as formas carenadas, em que o tipo de carena, ou o tipo de recipiente carenado, nos pode remeter para algumas cronologias consensuais, as cerâmicas mamiladas, através dos vários tipos de mamilos, ou asas mamiladas, nos podem indicar uma ou outra baliza cronológica viável.

No Neolítico antigo, as cerâmicas com asas mamiladas e perfuradas de tamanho tecnicamente passíveis de servir de meio de prensão ou suspensão de um pote ou de uma forma esferóidal cerâmica, é praticamente tido como típico do conjunto cerâmico destas cronologias. Sabemos que para as cerâmicas mamiladas, principalmente no que diz respeito a aplicações de mamilos possíveis de serem designadas como “pastilhas” ou pequenos “botões” aplicados abaixo do bordo, ou mesmo no bojo, como características decorativas de cronologias de um Calcolítico pleno (Lago *et al.*, 1998), sem esquecermos nas aplicações dessas pastilhas ou pequenos mamilos, sob as carenas de algumas taças carenadas (que parece também aqui transparecer algum tipo de decoração). Para o conjunto cerâmico correspondente à transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, encontramos uma amostra significativa de diversificação de cerâmicas mamiladas, principalmente no que toca ao tipo de mamilos, e o tipo de recipiente a que está associado.

Em sítios como Torre do Esporão 3 (Gonçalves, 1991), vemos as cerâmicas mamiladas a atingirem os 10% do total do conjunto, com a particularidade de as cerâmicas com mamilos sob a carena atingirem os 6% respeitantes ao total das taças carenadas. O aparecimento também de cerâmicas mamiladas, sucede-se no Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1990), onde entre cerâmicas mamiladas, aparece um fragmento carenado com mamilos sobre a carena.

Na região de Ferreira do Alentejo, em sítios também de transição do 4º para o 3º milénio a.n.e como Barranco do Rio Seco 4, 5 e 7, Lancinha 2, Monte da Barrada 2 e Monte da Figueirinha (Neves *et al.*, 2013 p.364), a presença de cerâmica mamilada se confirma com percentagens a rondar os 2,7%. De referir também, será a presença de cerâmica mamilada no povoado do Paraíso (Mataloto, *et al.* 2012) correspondente a 4,8 % do total da amostra, onde do total de 46 fragmentos, 25 são em botão/pastilha e 11 são alongados. Ainda dentro desta análise os autores referem que os valores apresentados, estão dentro das médias definidas por Manuel Calado (Calado, 2001) para os povoados de transição entre o 4º e 3º milénio a.n.e na região da Serra d’Ossa (Mataloto, *et al.* 2012). Tal como no povoado de São Pedro (Mataloto, 2010), onde o autor indica para a Fase I (pertencente a finais do 4º milénio a.n.e) a presença formas esféricas, e globulares lisas ou com mamilos junto ao bordo (*idem, ibidem*, p. 280).

Em Porto das Caretas, (Soares, 2013), bem como em Vale Pincel II e Cabeço da Mina (Silva e Soares, 1976/77), as cerâmicas mamiladas estão presentes.

Na Extremadura espanhola, e em termos de uma diacronia comparativa com a Sala nº1, temos o caso de Papa Uvas (Martin de la Cruz, 1985), onde na fase IIb a cerâmica mamilada atinge os 10.54% (Gonçalves, 1991. p. 69).

Nesse sentido, verifica-se que na análise efectuada a esta amostra do conjunto cerâmico da Sala nº1, as cerâmicas mamiladas perfazem cerca de 7,7 % do total da amostra, e que corresponde a 35 fragmentos, (*Anexos – Fig. 85*). Desse total de fragmentos, é de referir que será no Nível 3 que se concentra o maior número de cerâmica mamilada com um total de 12 fragmentos, em que num dos fragmentos o mamilo é perfurado e onde a maioria se localiza imediatamente abaixo do bordo. Seguindo-se o Nível 2 com 11 fragmentos, aqui também assistimos a um mamilo com perfuração, a maioria a localizar-se também imediatamente abaixo do bordo. Com números bem mais abaixo, fica o Nível 5 com apenas 7 fragmentos de cerâmica mamilada, onde assistimos por seu lado a um aumento dos mamilos perfurados num total de 3 fragmentos, e uma maior diversificação quanto à localização dos mamilos. Para último ficam os restantes Níveis, com números ínfimos a rondar um a três fragmentos, onde é de referir o registo de um mamilo perfurado no Nível 1, (*Anexos – Fig. 85*).

Assim numa análise mais abrangente, temos quanto à sua frequência (de acordo com os critérios descritivos adoptados), um total absoluto de cerâmica mamilada onde os mamilos aparecem completamente isolados, sem contudo esquecer, que devido ao grau de fragmentação deste universo cerâmico da Sala nº1, a verificação de serem mamilos isolados, em par ou emparelhados, fica comprometida. Já no que diz respeito à sua localização, assistimos a uma maior diversificação, onde 86% se localizam imediatamente abaixo do bordo, 11% localizam-se no bordo, e 3% localizam-se sob a carena, respeitante apenas a 1 fragmento, (*Anexos – Fig. 86*). Em relação ao tipo de mamilo aqui presente, verifica-se uma maioria de mamilos horizontais, cerca de 51%. Por outro lado, os mamilos verticais ocupam um segundo lugar com 26%, e os mamilos perfurados perfazem perto dos 11%, havendo ainda uma percentagem de 6% referentes a mamilos cujo tipo foi impossível de determinar, (*Anexos – Fig. 86*).

Numa outra análise efectuada, foi possível obter as percentagens para os tipos de recipientes cerâmicos que continham mamilos. Assim constatou-se que a maior percentagem desses recipientes, pertence aos esféricos com 46%, seguindo-se dos fragmentos impossíveis de classificar quanto à sua tipologia (26%), e onde as taças em calote e as pequenas taças em calote totalizam cerca de 14% do total das cerâmicas mamiladas. Por último ficam os potes com apenas 8%, e algumas tipologias residuais como o caso de recipiente de paredes rectas e taças carenadas com uns escassos 3% (*Anexos – Fig. 86*).

## **6.6 - As restantes formas presentes.**

Nesta análise a um universo de recipientes cerâmicos, onde, tal como foi referido anteriormente, o grau de fragmentação é elevado, revelou-se por vezes tarefa inglória classificar alguns fragmentos de bordo em relação à sua tipologia. Não obstante em relação à sua forma, foi praticamente conseguida na totalidade.

Assim, e tomando como ponto de partida o universo dos 468 fragmentos que serviram de análise sujeita às metodologias adoptadas (já referidas anteriormente), e descritos na tabela geral, presente no Anexo deste trabalho, prosseguimos à análise mais geral.

Quanto às formas abertas, aqui, e particularmente dentro das tipologias dos **pratos**, assistimos à presença de pratos de bordo não espessado simples (A.1 da tabela proposta), correspondendo a 3,2% do total da amostra (num total de 15 fragmentos), e os pratos de bordo não espessado de perfil em S (A.1.2 da tabela proposta), correspondem apenas a 0,8% da amostra, num total de 4 fragmentos, (*Anexos – Fig. 69*).

É de referir ainda que esta tipologia acompanha a maior parte dos Níveis intervencionados, havendo apenas ausências por completo no Nível 4 (devido certamente à escassa intervenção efectuada no mesmo), e no Nível 6.

As **taças** são, a par com os pratos, as formas mais frequentes do Calcolítico do Sul de Portugal e peninsular. Certamente que a sua versatilidade de funcionalidade lhe conferiu um estatuto de uso generalista no conjunto dos recipientes cerâmicos de cariz doméstico presentes nestes contextos, sendo porém as taças de bordo espessado, aquelas que se tornam mais frequentes durante o 3º milénio a.n.e.

É de referir que as taças simples totalizam cerca de 20 % do universo da amostra em análise, num total de 96 fragmentos (*Anexos – Fig. 70*). E dentro destas, as percentagens mais elevadas são equitativamente, as das taças de bordo espessado internamente (A.3.1 da tabela proposta) e que totalizam perto de 4% deste universo total da amostra em análise, onde o Nível 5 contem o maior número de fragmentos, num total de 9 fragmentos, (*Anexos – Fig. 70*). E as taças de bordo não espessado (A.3 da tabela proposta), que perfazem 4%, com maior incidência no Nível 3 (com 9 fragmentos).

Seguindo, no que diz respeito a esta tipologia, as taças de bordo espessado interna e externamente (A.3.4 da tabela proposta), atingindo os 3% do total da amostra em análise, num total de 13 fragmentos, atingindo a maioria no Nível 3, com 4 fragmentos. Igualando as pequenas taças (A.3.5 da tabela proposta), e taças de bordo almendrado (A.3.6 da tabela proposta) atingem os 3%, com o total de 13 fragmentos cada. Com as maiorias registadas nos Nível 3, num total de 9 fragmentos (*Anexos – Fig. 70*).

As taças de bordo espessado externamente (A.3.2 da tabela proposta) atingem os 2,3% do total da amostra em análise, com 11 fragmentos. Concentrando-se maioritariamente no Nível 3. Residualmente, aparecem as taças de bordo espessado externamente de lábio aplanado (A.3.3 da tabela proposta), com percentagens a rondar os 1,7%, no Nível 0, 1,3 e 5, num total de 8 fragmentos (*Anexos – Fig. 70*).

Dentro das formas abertas, e sendo tipologicamente taças, as taças em calote constituem perto de 9% do total da amostra analisada, que corresponde a 42 fragmentos (*Anexos – Fig. 71*). Onde as pequenas taças em calote (A.4.3 da tabela proposta) atinge os 4% do universo da amostra, sendo o Nível 3 que contem a maioria, com 15 fragmentos. As taças simples em calote (A.4 da tabela proposta) atingem os 2,5%, também elas bem representadas no Nível 3, com 7 fragmentos. Seguindo-se as taças em calote alta (A.4.2 da tabela proposta), com percentagens a rondar os 2%, representado maioritariamente no nível 3 com 6 fragmentos, sendo que um desses fragmentos pertence a uma taça em calote alta de bordo espessado externamente (A.4.2 (a) da tabela proposta) (*Anexos – Fig. 71*).

Por último e em percentagens residuais, as taças em calote com asas mamiladas (A.4.1 da tabela proposta), representam cerca de 0,9% do total da amostra em análise. Presentes na maioria no nível 2, com apenas 3 fragmentos. Ainda de referir, será a

presença de um fragmento de vaso de suporte (A.5 da tabela proposta), pertencente ao Nível 2 (*Anexos – Fig. 71*).

Em relação às formas fechadas, estas fazem-se representar em vários tipos de recipientes fechados, começando pelos **esféricos** que representam 14% do total do universo da amostra, correspondendo a um total de 67 fragmentos (*Anexos – Fig. 72*). Estando presentes em praticamente todos os níveis, e encontrando a representação mais esmagadora no Nível 3 com 35 fragmentos.

Dentro desta tipologia há que referir que os mais representativos são, os esféricos simples (F.1 da tabela proposta), que representam 5% do universo da amostra, concentrando-se maioritariamente no Nível 3 com cerca de 11 fragmentos. Seguindo-se os esféricos achatados (F.5 da tabela proposta) que representam 4,27% do universo da amostra, referente a 20 fragmentos, onde no Nível 3 encontra o maior número de fragmentos, num total de 9 fragmentos. Os esféricos de asas mamiladas (F.2 da tabela proposta), representam cerca de 2,13%, referentes a 10 fragmentos, com maior representatividade no Nível 3, com apenas 6 fragmentos. Os pequenos esféricos (F.6 da tabela proposta), representam 1,3% do total da amostra em análise, correspondente a 6 fragmentos, representada maioritariamente no nível 5 com 3 fragmentos. E com números muito residuais, e os esféricos altos (F.4 da tabela proposta) que representam 1,2% do total da amostra em análise, e os esféricos de bordo exvertido (F.3 da tabela proposta) com 0,6% do universo da amostra. (*Anexos – Fig. 72*). Referir ainda, a presença de uma taça em calote fechada, pertencente ao Nível 5. Concluindo, verifica-se que será no Nível 3 que se encontra uma percentagem esmagadora de esféricos, que totalizam 52% do total desta tipologia presente na amostra em análise.

No que toca aos **globulares** (F.7 da tabela proposta), estes totalizam cerca de 2,1% do universo da amostra, correspondendo a 10 fragmentos. O Nível 3 contém a maior parte dos globulares, com cerca de 5 fragmentos, havendo ausências no Nível 0, 4 e 6 (*Anexos – Fig. 73*).

Os **potes** (F.8 da tabela proposta) representam 10% do universo da amostra em análise, correspondendo a 48 fragmentos. Nesse sentido, os potes de bordo não espessado (F.8.3 da tabela proposta), representam 6,20% da amostra total da análise, e corresponde a 29 fragmentos. Estando mais presente no nível 3 com 13 fragmentos. Segue-se os potes de bordo espessado externamente (F.8 da tabela proposta), representando 3% da amostra total da análise, correspondendo a 13 fragmentos, cuja maioria se encontram no Nível 3, com 10 fragmentos. Os potes de bordo espessado interna e externamente (F.8.1 da tabela proposta), e os potes de bordo espessado internamente (F.8.2 da tabela proposta), representam cada um, cerca de 0,6% da amostra total da análise, (*Anexos – Fig. 73*).

Também aqui, se nota uma maioria clara pertencente ao Nível 3, onde concentra 52% do total de potes existentes nesta análise (*Anexos – Fig. 73*).

Por último, e pertencente ainda ao mundo das formas fechadas (embora muitas delas não se fecham na realidade), o **recipiente de paredes rectas** (F.9 da tabela proposta), vai protagonizar apenas 1,7% do total do universo da amostra, correspondendo a 8 fragmentos, presente nos níveis 2,3,5 e 6 (*Anexos – Fig. 73*).

### 6.6.1 -A cerâmica decorada, presenças e ausências:

A cerâmica decorada pertencente a um conjunto, cuja cronologia abrange plenamente a segunda metade do 4º e o 3º milénio a.n.e, presencia certamente, aquilo que Ana Catarina Sousa afirma “(...) a uma proliferação de gramáticas decorativas que corresponde à criação de identidades regionais muito definidas.” (Sousa, 2010,p.241).

Naquilo que a autora refere como uma “*fragmentação estilística*”, será compreendido pela mesma, como um processo de segmentação social ao nível da interação regional, comum nesta cronologia transitória dos dois milénios, que será interrompida já nos finais do 3º milénio com o aparecimento do fenómeno campaniforme (*idem, ibidem*).

Referente aos tipos de decoração presentes nos conjuntos cerâmicos dos finais do 4º e 3º milénio a.n.e, encontram-se realidades distintas entre o Centro e Sul de Portugal (*idem, ibidem*). Onde a Sul de Portugal, e como avança Ana Catarina de Sousa, “(...) as cerâmicas são praticamente sem decoração, com abundantes aplicações plásticas “utilitárias”, os mamilos (...)”, contrastando com a Estremadura “(...)com uma sucessão de grupos decorativos e as Beiras com uma diversidade decorativa comparável à Estremadura.” (*idem, ibidem*)

Contudo, referente ao conjunto cerâmico em análise da Sala nº1, a presença de fragmentos cerâmicos contendo algum tipo de decoração, é bastante diminuta. Num total de apenas 20 fragmentos, que corresponde a 4,3% do total do universo do conjunto cerâmico da Sala nº1 em estudo.

Dentro das técnicas de decoração aqui presentes, podemos registar cinco técnicas decorativas diferentes. Cerca de 10% (correspondente a dois fragmentos), são decorações através de unguiações, enquanto as decorações efectuadas através da técnica de incisão, totalizam perto de 25% (cerca de cinco fragmentos) desse universo. A técnica da decoração denteada regista-se de forma vestigial, com apenas um fragmento, por fim as decorações através de caneluras que são maioritárias, correspondendo a 60% (correspondente a doze fragmentos), do total de fragmentos decorados.

As caneluras aparecem em cinco fragmentos de pratos, sendo que dois deles (G27-342, G27-428) pertencem ao Nível 3, e os restantes três (G26-4, G26-238, F26-1), pertencem ao Nível 5. Regista-se ainda a presença de caneluras numa taça (F26-1), pertencente também ao Nível 5, verificando-se também caneluras num pote (Cort.1 nº1) localizado no Nível 6. A decoração em caneluras presente nos fragmentos em análise localizam-se todas imediatamente abaixo do bordo.

Os mamilos, ou neste caso, as pequenas “pastilhas” são também parte do conjunto de técnicas usadas para decoração cerâmica no conjunto pertencente à transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, estando por isso presente no conjunto cerâmico da Sala nº1. Apenas tida como parte decorativa, as pequenas “pastilhas”, o que assistimos em relação à Sala nº1 é uma presença muito vestigial desses tipos de “pastilhas”, havendo apenas um fragmento cerâmico (G26 – 180) pertencente ao Nível 5, que sendo uma taça carenada, tem um mamilo “pastilha” sobre a carena, que evidencia uma óbvia característica decorativa e não funcional, se tivermos em conta as propostas avançadas por António

Carlos Valera, para este tipo de aplicações plásticas sob as carenas (Lago *et al*, 1998, p.87).

Ainda de referir o fragmento cerâmico com uma aguada vermelha bem forte com bandas a castanho avermelhado pertencente ao Nível 3, bem como um fragmento de cerâmica com decoração simbólica, um deles representando uma figuração da Deusa Mãe, onde estão presentes dois olhos em forma de sol, um nariz similar a um mamilo vertical alongado, a sua boca em relevo e pinturas faciais, ambas presentes no Nível 3 (Gonçalves, 1989a). Dentro deste “mundo” dos motivos mágico-simbólicos, identificamos um fragmento de cerâmica completamente “grafitada” possivelmente com conotações mágico-simbólicas (Este- 16) pertencente ao Nível 3.

Tendo em conta os cinco tipos de técnicas decorativas, podemos observar que na questão aos motivos utilizados, a sua diversidade caracteriza-se também pela escassez, onde nas técnicas decorativas realizadas através de ungulações (ambas referentes a bojos muito fragmentados) os motivos são praticamente impossíveis de se identificar, podemos considerar as próprias ungulações como motivos, até por que elas próprias aparentam formas de crescente, e ambos os casos, efetuam uma organização através de enfiadas grandes e profundas dessas mesmas ungulações.

Quanto às cerâmicas incisas, estas apresentam motivos perpetrados por traços retilíneos horizontais, que podem aparecer isolados ou em série. Ainda dentro desta técnica decorativa verifica-se os motivos em traço retilíneo oblíquo em séries.

Na decoração denteada, apenas se verifica um exemplar, cujos motivos se entendem por um cordão abaixo do bordo, com incisões verticais largas em séries.

A decoração através das caneluras em motivos horizontais, que podem surgir em sequência de bandas de duas ou mais caneluras, ou podem surgir isoladas. No que diz respeito à largura das caneluras, nos pratos e taça, as caneluras rondam na maioria os 3mm e o espaçamento de 5mm, já as caneluras presentes nos bojos, as larguras rondam entre os 7mm a mais pequena e os 25mm a maior, e o espaçamento ronda os 3 mm em ambas.

Técnica/ Nível	Ungulações	Incisa	Caneluras	Denteada	Aplicação de “pastilhas”/mamilos	Total
Nível 0	1	2				3
Nível 1		1				1
Nível 2	1	1				2
Nível 3		1	6			7
Nível 4				1		1
Nível 5			4		1	4
Nível 6		2				2
Total	2	5	12	1	1	21

*Fig. 6.1 - Tabela referente às técnicas decorativas presentes no Locus 1 da Sala nº1 e os níveis arqueológicos a que pertencem.*

Técnica/ Forma	Ungulações	Incisa	Caneluras	Denteada	Aplicação de “cordão plástico”	Total
Prato			5			5
Taça			1			1
Pote			1			1
Bojos	2	6	3		2	13
Bordo/ind.				1		1
Taça carenada					1	1
Total	2	5	12	1	1	22

*Fig. 6.2 - Tabela referente às técnicas decorativas presentes no Locus 1 da Sala nº1 e as formas pertencentes.*

## 6.7 - Análise macroscópica das cerâmicas

Efectou-se uma análise macroscópica ao conjunto cerâmico aqui estudado, tendo em conta os critérios de análise de pastas propostas por Ana Catarina de Sousa (Sousa,1996, p:58), de Victor S. Gonçalves (Gonçalves,1989c, p.147-148), e também de António Valera (Lago *et al*, 1998,p.32).

Adoptaram-se os parâmetros dos componentes não plásticos em relação à sua consistência, onde as pastas compactas são caracterizadas por revelar uma grande homogeneidade entre os componentes não plásticos, e uma forte consistência da pasta. As pastas friáveis, ou pouco-compactas, são pastas onde os componentes não plásticos (de granulometria média) se desagregam com facilidade, dando uma textura laminar. E por último as pastas médias são pastas que apresentam ambas características.

Neste sentido, e tendo em conta os critérios descritivos adotados, numa análise global ao conjunto cerâmico, optou-se por dividir os fragmentos quanto ao seu tipo de pasta, em cinco grupos principais.

Assim temos as pastas pertencentes ao **Grupo I** – que são pastas compactas, com os vários tipos de cozedura (segundo os critérios descritivos adoptados), geralmente em termos de tratamento de superfície, nos fragmentos pertencentes a estas pastas regista-se algum polimento, sendo os componentes não plásticos pouco abundantes e de dimensões finas. É de referir ainda que, os fragmentos pertencentes a este grupo contêm uma aguada. As pastas pertencentes ao **Grupo II** são pastas compactas, onde maioria dos fragmentos apresentam cozeduras redutoras, redutoras com arrefecimento oxidante e oxidante com arrefecimento redutor (segundo os critérios descritivos adotados). Geralmente em termos de tratamento de superfície, nos fragmentos pertencentes a estas pastas contêm algum polimento na superfície exterior, mas são alisadas na superfície interior. Por último os componentes não plásticos são pouco abundantes e de dimensões finas.

As pastas pertencentes ao **Grupo III** são pastas semi-compactas, onde maioria dos fragmentos apresentam cozeduras redutoras, bem como cozedura oxidante (segundo os critérios descritivos adotados). Por norma em termos de tratamento de superfície, nos fragmentos pertencentes a estas pastas não se regista nenhum tipo de alisamento, sendo os componentes não plásticos pouco abundantes e de dimensões finas.

As pastas do **Grupo IV** são pouco-compactas onde a maioria dos fragmentos apresentam cozeduras redutoras, e cozedura oxidante (segundo os critérios descritivos adoptados). Geralmente em termos de tratamento de superfície, os fragmentos pertencentes a estas pastas não contêm nenhum tipo de alisamento, os componentes não plásticos são abundantes e de dimensões grosseiras.

O último grupo de pastas são aquelas pertencentes ao **Grupo V**, que se caracterizam por serem pastas pouco-compactas. Neste grupo, a maioria dos fragmentos apresentam cozeduras redutoras, cozedura oxidante e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante (segundo os critérios descritivos adoptados), geralmente com tratamento de superfície através de um alisamento tosco. Os componentes não plásticos são abundantes e de dimensões finas.

Tomando em conta estes cinco grupos de pastas presentes, no decorrer da análise desta amostra em estudo, verificou-se que para as pastas pertencentes ao Grupo I, o nível

mais representativo será o Nível 5, onde estas representam 45% do total de fragmentos daquele nível (*Anexos – Fig. 77*). E que no universo total da amostra representa 13% (correspondente a 59 fragmentos), das pastas representadas em todo o universo em análise (*Anexos – Fig. 77*). Estando ausente porém nos níveis 0 e 1.

Para as pastas pertencentes ao Grupo II, verifica-se que a maioria se situa no Nível 3 com 81 fragmentos, onde representa 41% do total de fragmentos daquele nível, (*Anexos – Fig. 77*). No total dos fragmentos analisados, representa 25,2% (correspondente a 118 fragmentos), dos grupos de pastas presentes. Contudo estão completamente ausentes no Nível 4.

As pastas pertencentes ao Grupo III, também se situam maioritariamente no Nível 3, representando 18% do total desses fragmentos, (*Anexos – Fig. 77*). E perto de 19,2% (correspondente a 90 fragmentos), das pastas representadas em todo o universo em análise, estando completamente ausente do Nível 4.

Já as pastas pertencentes ao Grupo IV encontram-se em maior percentagem no Nível 3 onde representa 7% do total de fragmentos daquele nível, (*Anexos – Fig. 77*). E que no total dos fragmentos analisados representa 6,8% (correspondente a 32 fragmentos) dos grupos de pastas presente. Estando completamente ausentes nos níveis 1, 4 e 6.

Por último, as pastas pertencentes ao Grupo V são mais visíveis também no Nível 3, com percentagens a rondar os 29% do total de fragmentos daquele nível, (*Anexos – Fig. 77*). E que no universo da amostra representa 24,4% (correspondente a 114 fragmentos), das pastas representadas em todo o universo da análise. Estando completamente ausente no Nível 1.

Por fim, referir, que as pastas impossíveis de enquadrar nos grupos definidos totalizam perto de 11,8% do universo da amostra, num total de 55 fragmentos.

Em conclusão desta análise, pode-se observar que existem duas grandes percentagens de grupos de pastas presentes neste conjunto cerâmico da Sala nº1, e onde o Grupo II se destaca como o mais representativo com percentagens a atingir os 25,2%.

Outro grupo de pastas, que revela uma grande percentagem, é o Grupo V, com uma representação de 24,4% no universo da amostra. Ambas (grupo II e IV), encontram-se bem representadas no Nível 3, (*Anexos – Fig. 77*).

Parece-nos assim, que para as primeiras fases do povoado da Sala nº1, correspondente à Fase 1 (nível 6 e 5) o uso de pastas do Grupo I são bastante comuns no Nível 5, com alguma presença de pastas do Grupo V. O uso de pastas compactas de grande homogeneidade entre os elementos não plásticos, estão bem presentes no Nível 5, conjuntamente com algumas pastas pouco-compactas, ainda que estas estejam em maior número no Nível 6.

Na Fase 2 (Nível 4) também estão bem representadas as pastas do Grupo V, ainda que as pastas do Grupo I se apresentem com percentagens significativas, (*Anexos – Fig. 77*), registando uma ausência absoluta dos restantes grupos de pastas. Já no que toca à Fase 3 (Nível 3), e como referi anteriormente, temos a presença dos grupos de pastas mais representativos de toda a amostra, o Grupo II e V, (*Anexos – Fig. 77*).

Na Fase 4 (Nível 2), verifica-se a presença esmagadora de pastas pertencentes ao Grupo III, que são pastas semi-compactas que se desagregam com facilidade, (*Anexos – Fig. 77*).

Num aspecto mais analítico, observa-se que a relação entre os Grupos de Pastas e as formas dos recipientes cerâmicos presentes apresentam, ao nível dos pratos, percentagens homogêneas a rondar entre os 20 e os 25% pertencentes ao Grupo de Pastas II, III e V (Fig.6.3). Em relação aos pratos de bordo almendrado a percentagem mais elevada ronda os 41% pertencentes ao Grupo de Pastas II, embora se note alguma percentagem também elevada a rondar os 33% respeitantes ao Grupo de Pastas III, (Fig.6.3).

Nas taças a percentagem maioritária, cerca de 32% pertencente ao Grupo de Pastas V, embora se verifique percentagens entre os 23% e os 25% pertencentes aos Grupos II e III respetivamente. (Fig.6.3). As taças em calote apresentam nesta análise percentagens elevadas a rondar os 40% pertencentes ao Grupo de Pastas V. Já no que diz respeito às taças carenadas, estas parecem na sua maioria pertencerem ao Grupo de Pastas I, atingindo os 44% de fragmentos englobados nesse grupo de pastas, (Fig.6.3).

No que toca às formas fechadas, principalmente em relação aos esféricos, estes apresentam percentagens homogêneas a rondar entre os 31% e os 37% pertencentes aos Grupos de Pastas V e II. Os globulares apresentam percentagens equivalentes a rondar os 31% dentro dos Grupos II e V. Por fim, respeitante aos potes, verifica-se uma percentagem maioritária de 30% pertencente ao Grupo de Pastas III, e percentagens equivalentes a rondar os 25% para as pastas dos Grupos II e V.

Grupo Pastas / Formas	Grupo I	Grupo II	Grupo III	Grupo IV	Grupo V
Prato	7	12	11	4	10
Prato b/ almendrado	2	17	14	1	8
Taça	12	21	19	5	27
Taça em calote	4	9	4	3	13
Taça carena	12	7	2	1	5
Grande taça carenada	2	1		2	2
Pote carenado		1	1		2
Esférico	7	26	10	6	22
Globular	2	5	2	2	5
Pote	2	11	13	7	11
Recip. paredes rectas		2	2	1	1
Total	50	112	78	32	106

*Fig. 6.3 -Tabela referente aos Grupos de Pastas presentes no Locus 1 da Sala nº1 e as formas pertencentes.*

### 6.7.1- Tipo de Cozeduras

Para uma análise dos tipos de cozedura existentes, e tal como referido anteriormente nos critérios descritivos usados, teve-se em conta os critérios adoptados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77), bem como as apresentadas por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c). Tendo em conta a amostra em estudo optou-se por considerar apenas quatro tipos de cozedura, e não os seis patentes nos critérios adoptados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. Assim temos os fragmentos com cozeduras oxidantes com arrefecimento oxidante (designadas como oxidantes), cozeduras redutoras com arrefecimento redutor (designadas como redutoras), as cozeduras redutoras de arrefecimento oxidante (designadas como redutoras/oxidantes), e por último as cozeduras oxidantes de arrefecimento redutor (designadas como oxidantes/redutoras), devidamente descritas no subcapítulo 5.3 (Categorias e critérios descritivos).

Tomando em consideração este critério de análise consegue-se verificar que a cozedura redutora concentra a maior percentagem, perto de 35,5%, correspondente a 166 fragmentos, (*Anexos – Fig. 78*). As percentagens mais elevadas deste tipo de cozedura concentram-se no Nível 3, onde representa 26% do total de fragmentos desse nível, (*Anexos – Fig. 79*). Distanciando dos apenas 5% no Cabeço da Mina, ou dos 4% de Monte Novo. Não obstante é no Nível 5 que a sua representação se revela esmagadora com 46% do total de fragmentos desse nível. Ainda de referir que este tipo de cozedura, está presente em todos os níveis intervencionados, (*Anexos – Fig. 79*).

A cozedura oxidante, também assume uma posição relevante nesta amostra, com uma percentagem a rondar os 32%, correspondente a 150 fragmentos, (*Anexos – Fig. 79*).

Sendo as percentagens mais elevadas pertencentes ao Nível 3, onde representa 28% do total de fragmentos desse nível. Aproximando-se praticamente dos 22% do Povoado de Corte de João Marques, ficando longe dos resultados do Cabeço da Mina ou mesmo do Povoado de Monte Novo onde chega a atingir os 75% (Silva e Soares, 1976/77). E a par da anterior, esta cozedura oxidante, está presente em todos os níveis arqueológicos intervencionados.

A cozedura tipo redutora/oxidante apresenta percentagens a rondar os 20,9%, correspondente a 98 fragmentos, (*Anexos – Fig. 79*). O Nível 3 é mais uma vez o que apresenta a maior percentagem, com perto de 24 % do total dos fragmentos desse nível, chegando perto dos 29% deste tipo de cozedura presente no Cabeço da Mina (Silva e Soares, 1976/77), e no Povoado de Corte de João Marques (Gonçalves, 1989c), mas mais distanciado dos 19,7% do Povoado de Monte Novo (Silva e Soares, 1976/77).

Por último, a cozedura oxidante/redutora, apresenta apenas 9,2%, correspondente a 43 fragmentos, (*Anexos – Fig. 79*). Este tipo de cozedura está apenas presente no Nível 3, atingindo 21% do total de fragmentos desse nível, ficando ainda bem distante dos 45% presentes no Povoado de Corte de João Marques. É de referir também, que os fragmentos cujo tipo de cozedura foi impossível de definir ronda os 2,4%.

Assim e tendo em conta a análise efetuada anteriormente, pode-se observar que o Nível 3 concentra as percentagens mais altas das cozeduras oxidantes, cozedura redutora/oxidante e as cozeduras oxidantes/redutoras, de todo o universo de fragmentos

da amostra, bem como a presença de cozeduras redutoras mas em números inferiores. Isto revela a presença de uma variedade de fragmentos diversificados quanto ao tipo de cozedura que apresentam, onde a cozedura oxidante toma a dianteira conjuntamente com a cozedura redutora. É bom realçar que é também neste Nível 3 que se concentram as percentagens mais elevadas de todos grupos de pastas presentes na Sala nº1.

Cozedura/Formas	Oxidante	Redutora	Red/Oxd.	Oxd./Red.
Prato	22	16	9	2
Prato b/ almendrado	14	16	9	4
Taça	36	34	18	6
Taça calote	13	13	5	5
Vaso suporte		1		
Taça carenada	8	16	3	2
Gr. Taça carenada	3	2	2	
Pote carenado	1	1	3.1	1
Pq. Taça carenada	1			
Copo	1			
Taça calote fechada		1		
Esférico	19	30	17	6
Globular	5	8	3	1
Pote	13	8	14	9
Recp. paredes rectas	3	3		
TOTAL	139	149	80	36

**Fig. 6.4 -Tabela referente aos tipos de cozedura presentes no Locus 1 da Sala nº1 e as formas pertencentes.**

Numa correlação entre as análises dos tipos de cozedura presentes nos recipientes cerâmicos da Sala nº1, e as formas a que esses tipos de recipientes pertencem, verifica-se a seguinte realidade. Nos pratos a abundância é clara nas percentagens de 45% de cozeduras em ambiente oxidante, ainda que se note também uma percentagem elevada 33%, de cozeduras em ambiente redutor (Fig. 6.4). Já nos pratos de bordo almendrado, as percentagens são mais homogêneas com 37% de cozeduras em ambiente redutor e 33% em ambiente oxidante. Em relação às taças, estas apresentam fragmentos onde se notam também uma homogeneidade quanto às percentagens, sendo que 38% corresponde a cozeduras em ambiente oxidante, e 36% a cozeduras em ambiente redutor.

Realidade que acaba por ficar mais igualitária em termo percentuais no que toca às taças em calote, onde se verifica percentagens iguais a rondar os 36%, tanto nos fragmentos com vestígios de cozedura em ambiente oxidante, como em ambiente redutor.

As taças carenadas, apresentam fragmentos com uma clara percentagem, a rondar os 55% de cozedura em ambiente redutor, (Fig. 6.4). Nos esféricos observa-se que também a cozedura em ambiente redutor é a percentagem mais elevada, perto de 42% dos fragmentos. Tal como acontece com os globulares, onde essa percentagem sobe para os 47% (Fig. 6.4). Já os potes, a realidade parece ser outra, onde os fragmentos com vestígios de cozeduras em ambientes redutores com arrefecimento oxidante rondam os 32%, muito próximo dos 30% de cozedura oxidante também presentes nestes recipientes cerâmicos.

### 6.7.2- Tratamento das superfícies

Nesta análise, os fragmentos são classificados quanto ao seu tratamento de superfície externa (SUPE) e ao tratamento de superfície interna (SUPI), seguindo os critérios adoptados neste trabalho, e que vão ao encontro daqueles adoptados por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva (Silva e Soares, 1976/77) e Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 1989c).

Assim, e analisando primeiro a superfície externa (SUPE), verificamos que os alisamentos toscos são os mais frequentes, atingindo percentagens a rondar os 31,7% (correspondente a 148 fragmentos) do universo total da amostra, estando maioritariamente presentes no Nível 3 onde chegam a atingir os 39% do total de fragmentos desse nível, (*Anexos – Fig. 80*). Estão também presentes em percentagens elevadas no Nível 5, onde atingem os 26% do total de fragmentos deste nível.

As cerâmicas sem alisamentos da superfície externa, são as segundas mais representadas nesta amostra em análise, atingindo um total de 22% correspondente a 103 fragmentos, (*Anexos – Fig. 81*). No Nível 2 encontra-se a maior concentração, onde chega a atingir os 60% do total dos fragmentos deste nível, seguindo-se do Nível 3, onde atingem os 17% do total desse nível.

Na análise das superfícies internas (SUPI), verifica-se que as superfícies não alisadas concentram as maiores percentagens, chegando a atingir os 33,5% (correspondendo a 157 fragmentos) de todo o universo em análise. Este tipo de tratamento de superfície, verifica-se em maior número no Nível 2, onde atinge os 77% do total de fragmentos desse nível, (*Anexos – Fig. 82*). Atingem no Nível 5 percentagens que chegam aos 39% do total de fragmentos desse nível. De referir ainda, que este tipo de superfície, está presente em todos os níveis intervencionados.

As superfícies internas com alisamento, são as que se seguem em maior número de concentração, com percentagens a rondar os 21,8% correspondendo a 102 fragmentos, (*Anexos – Fig. 82*). Onde o Nível 3 apresenta as maiores concentrações, com 49% do total de fragmentos desse nível, seguindo-se de escassas presenças nos níveis 2 e 6, havendo mesmo uma total ausência nos restantes níveis.

Dentro destas análises dos tratamentos de fragmentos consoante as suas superfícies externas e internas, há que referir um número significativo de fragmentos em que é impossível a sua identificação. Assim para os tratamentos de superfícies externas, existe cerca de 13,2% de fragmentos impossíveis de identificar o seu tipo de tratamento da superfície externas, *versus* uns 13,7% de fragmentos impossíveis de identificar o seu tipo de tratamento da superfície interna, (*Anexos – Fig. 82*).

	Aguada		Polida		Alisada		Alisada Tosca		Não Alisada	
	SUPE	SUPI	SUPE	SUPI	SUPE	SUPI	SUPE	SUPI	SUPE	SUPI
Prato	6	3	4	7	4	4	20	5	13	21
Prato b/ almendrado	2	1	3	4	11	16	19	9	6	9
Taça	12	9	2	4	19	26	30	17	20	31
Taça calote	5	4	2	1	7	8	15	14	5	7
Taça carenada	1	5	1	6	5	2	6	5	3	8
Gr. Taça carenada	2	2			1		2	1		2
Pote carenado					1		3	3		1
Copo									1	1
Esféricos	5	2	8	3	19	22	27	21	11	22
Globulares	2	2			4	2	5	5	5	7
Pote	1	1	1	1	9	13	10	6	19	23
Recp. de Paredes rectas					2	1	1	1	3	4
Total	37	30	21	26	82	94	138	87	86	136

*Fig. 6.5 - Tabela referente aos tipos de tratamento de superfícies externas (SUPE) e de superfícies internas (SUPI) presentes nos recipientes cerâmicos do Locus 1 da Sala nº1 e as formas pertencentes.*

Numa conclusão prévia, pode-se afirmar que os fragmentos presentes no universo em estudo, aproximam-se das cerâmicas correspondentes ao Neolítico final, onde os alisamentos e espatulamento, bem como a presença de aguadas na superfície externa apresentam nestes conjuntos valores bastante expressivos em Xarez 12, (Gonçalves; Sousa e Marchand, 2013). No caso de Sala nº1, não assistimos a uma abundante presença de cerâmicas com tratamento de aguadas vermelhas, mas antes com aguada negra, havendo apenas a presença de um fragmento com uma forte aguada vermelha.

Na análise da cerâmica, verificamos que os tratamentos das superfícies externas dos pratos atingem percentagens perto dos 23% de alisamentos toscos, enquanto as suas superfícies internas a maioria da percentagem verificada, perto de 24 % não são alisadas, (Fig.6.5). Nos pratos de bordo almendrado, as suas superfícies externas apresentam 24% de alisamento tosco, e as suas superfícies internas perto de 20% são alisadas.

As taças quanto ao tratamento das suas superfícies externas apresentam perto de 18% com alisamento tosco, e as suas superfícies internas rondam perto dos 15% com alisamento, (Fig.6.5). Enquanto as taças em calote apresentam quer nas superfícies externas, quer nas superfícies internas percentagens que rondam os 22% de alisamentos toscos. Nas taças carenadas assistimos à mesma realidade com percentagens a rondar os 14% de alisamentos toscos nas superfícies externas e internas.

Nas formas fechadas, os esféricos apresentam também uma homogeneidade percentual quanto ao tratamento das superfícies, onde entre os 19% e os 16 % apresentam um alisamento tosco em ambas as superfícies, (Fig.6.5).

Os globulares apresentam nas superfícies externas um tratamento a rondar os 16% de alisamentos ou alisamentos toscos, e as superfícies internas perto de 22% sem alisamentos, (Fig.6.5). Finalizando, os potes apresentam as suas superfícies externas sem alisamento com percentagens a rondar os 23%.

Assim temos um conjunto cerâmico que para a Fase 1 do povoado, apresenta um tratamento da superfície externa feita através de uma aguada negra, atingindo mesmo uma presença bastante relevante, tal como a presença de superfícies com alisamentos toscos.

Tal vai ao encontro do tipo de tratamentos normativos para, e tal como referi anteriormente, cerâmicas do Neolítico final.

Na Fase 2 de ocupação do povoado, referente ao Nível 4, e tendo em conta a pequeníssima intervenção a que foi sujeito, observamos que os fragmentos cerâmicos apresentam aqui ao nível do tratamento das suas superfícies externas um alisamento tosco, bem como a presença de algumas superfícies com aguada.

Relativamente à Fase 3 de ocupação do povoamento, nota-se que o tratamento das superfícies externas dos fragmentos cerâmicos, é feito através de alisamento tosco, apresentando um número elevado deste tipo de tratamento, bem como um número significativo de tratamentos através de alisamento, estando também presente superfícies externas tratadas através de um polimento (que acabam por ser raras neste universo de fragmentos da Sala nº1). E tal como sucede no que diz respeito aos tipos de cozedura e grupos de pastas presentes, o Nível 3 correspondente à Fase 3 do povoado, apresenta todos os tipos de tratamentos de superfícies externas presentes neste universo cerâmico da Sala nº1.

Na Fase 4 de ocupação do povoado, as superfícies externas apresentam um tratamento na sua maioria não alisada, estando porém presentes, e embora em números escassos, a algumas superfícies alisadas, ou com algum alisamento tosco.

### **6.8 - Sala nº 1 e a sequência formal das cerâmicas:**

No decorrer deste trabalho, foi sempre minha intenção nortear estas análises formais e de matéria primas do conjunto cerâmico aqui exposto, para uma resolução sequencial e comparativa entre os níveis intervencionados, bem como em alguns *case studies* que pudessem encaixar formalmente nestas análises referentes ao povoamento da Sala nº1

Assim sendo, e tendo em conta estas análises, foi possível observar que a percentagem mais elevada do tipo de formas concentra-se nas formas abertas, onde chega atingir neste conjunto cerâmico da Sala nº1, perto de 47,9% do total das formas.

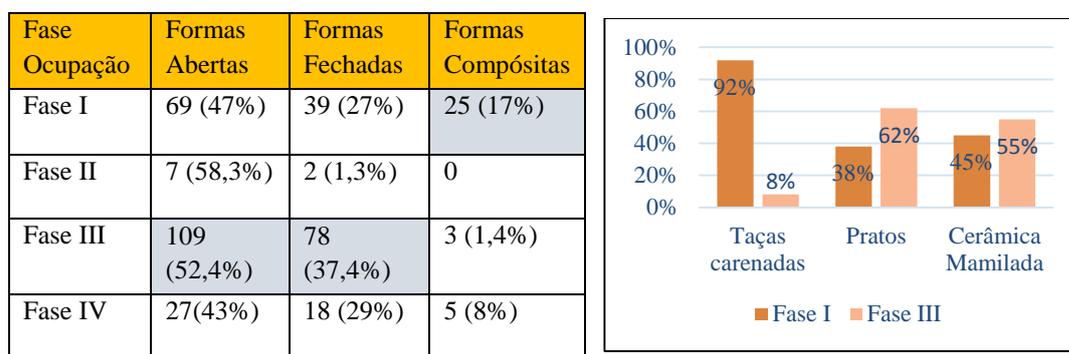
Já as formas fechadas chegam atingir os 31,4% do total de formas presentes deste universo em estudo. As formas compósitas atingem unicamente os 8,3% deste total do conjunto cerâmico da Sala nº1.

Analisando comparativamente as características formais das cerâmicas entre os níveis intervencionados, verificamos que em relação às formas abertas e às formas fechadas, estas concentram-se em percentagens mais elevadas no Nível 3, que concentra os 48,7% do total destas formas, enquanto as formas fechadas atingem os 53%. As formas compósitas, que atingem apenas escassas percentagens, concentram-se em maior número, no Nível 5, onde representam 61,5% do total dessas formas. (Fig.6.6).

Assim, e tentando fazer uma análise comparativa, observamos que na **Fase I** do povoado da Sala nº1 (correspondente aos níveis 5 e 6), assiste-se a uma percentagem

esmagadora da presença de formas abertas, perto de 47% dos fragmentos pertencentes a esta fase de ocupação. Dentro das formas abertas, e particularmente quando os pratos estão presentes os pratos de bordo espessado com percentagens a rondar os 8,8% das formas abertas presentes nesta fase de ocupação, havendo apenas 2% de pratos de bordo almendrado.

Ainda dentro das formas abertas, e relacionado com a Fase I de ocupação, verifica-se uma percentagem esmagadora de 37,5% pertencente a taças de bordo espessado e não espessado, do total de formas abertas nesta fase de ocupação, sendo de longe a tipologia mais presente dentro das formas abertas. As taças em calote também estão presentes nesta fase de ocupação, mas apenas em percentagens muito residuais, cerca de 4,7%.



*Fig. 6.6 – 6.6 (a) -Tabela referente aos recipientes cerâmicos nas várias fases de ocupação do Locus 1 da Sala nº1. E gráfico representante das percentagens existentes das taças carenadas, pratos e cerâmica mamilada nas Fases I e III.*

De salientar será também a verificação de quando analisada comparativamente com a Fase III, assistimos a um decréscimo das formas carenadas. Onde na Fase I estão presentes 92% do total destas formas, verificamos que na Fase III apenas estão presentes 8%. Acontecendo o oposto quanto aos pratos, numa relação de 38% do total dessas formas como pertencentes à Fase I, num claro acréscimo percentual verificado na Fase III com 62%.

As formas fechadas atingem os 27% dos fragmentos presentes na Fase I da ocupação da Sala nº1. Dentro das formas fechadas estão presentes os esféricos com 48,7% do total das formas fechadas pertencentes a esta fase de ocupação, os potes ocupam os 38,5%, e os globulares apenas os 10,2%, a referir ainda a presença de um recipiente de paredes rectas.

Em relação às formas compósitas, nesta Fase I de ocupação, elas atingem os 25%, em que as taças carenadas representam praticamente a totalidade destas formas, com uns esmagadores 88% do total destas formas.

Na **Fase II** de ocupação da Sala nº1 (correspondente ao Nível 4), as formas abertas estão melhor representadas, com percentagens a rondar os 58% do total de fragmentos pertencentes a esta fase de ocupação, seguindo-se das formas fechadas com 1,3%. Esta fase de ocupação por ter tao pouca expressividade ao nível da análise quantitativa (apenas 12 fragmentos) e percentual do universo total da amostra, e muito devido à escassez de

individualizações fruto da diminuta intervenção a que foi sujeito, acaba por entroncar os resultados, em realidades que poderão ser fictícias e que nos poderão conduzir em erro.

A **Fase III** de ocupação (correspondente ao Nível 3) concentra uma percentagem significativa de formas abertas, com 52,4% do total de fragmentos pertencentes a esta fase. Dentro destas, os pratos de bordo almendrado ocupam uns 21,1% do total de formas abertas, seguindo-se dos pratos de bordo espessado, com 7,3%. As taças de bordo espessado e não espessado também estão presentes com percentagens a rondar os 44% do total de formas abertas nesta fase de ocupação, e onde as taças em calote ocupam os 20% desse total. As formas fechadas totalizam cerca de 37,4%, que se constitui através de esféricos, onde concentram 51,2% do total de forma fechadas nesta fase de ocupação. Os potes atingem os 33,3% desse total de formas fechadas, seguindo-se de percentagens vestigiais de globulares com perto de 9% de formas fechadas.

Já as formas compósitas apresentam uns tímidos 1,4% nesta fase de ocupação, onde as taças carenadas (dois fragmentos) constituem praticamente todo o universo de formas compósitas.

Na **Fase IV** de ocupação da Sala nº1 (correspondente ao Nível 2), as formas abertas concentram perto de 42,9% do total de fragmentos pertencentes a esta fase de ocupação. Dentro destas, os pratos de bordos almendrados apresentam 18,5% das formas abertas, seguindo-se dos pratos de bordo espessado com 22,2%. As taças de bordo espessado e não espessado atingem os 25,9% do total das formas abertas presentes nesta fase de ocupação, e as taças em calote chegam aos 22,2%. As formas fechadas representam 28,6% nesta fase de ocupação, e inserem os esféricos, que atingem os 38,9% do total dessas formas, os globulares atingem os 16,7%, e os potes chegam aos 22,2%, percentagem que iguala os recipientes de paredes rectas. As formas compósitas atingem nesta fase de ocupação percentagens muito baixas, que rondam os 8% nesta fase de ocupação, sendo que as taças carenadas representam a totalidade destas formas.

Formas	Fase I	Fase II	Fase III	Fase IV	Total
Pratos	13	1	8	6	28
Pratos b/almendrado	8	4	23	5	41
Taças	33	2	48	7	90
Taças em calote	8	0	22	6	36
Taças Carenadas	22	0	2	5	29
Esféricos	19	1	40	7	67
Globulares	4	1	7	3	15
Potes	15	7	26	4	52
Recp. Paredes rectas	1	0	0	4	5

*Fig. 6.7 - Tabela referente às tipologias existentes referentes aos recipientes cerâmicos nas várias fases de ocupação do Locus 1 da Sala nº1.*

Tentando obter um resultado mais comparativo entre as várias realidades que foram sendo estudadas, e sempre com a dificuldade de enquadrar a realidade da Sala nº1, dentro das outras realidades estudadas referentes a estas cronologias transitórias entre o 4º e o 3º milénio a.n.e, consegue-se constatar que, na Fase I de ocupação da Sala nº1, as formas abertas são em maior número. As percentagens dos pratos de bordo espessado são

idênticas às da Torre do Esporão (Gonçalves,1991) onde estas atingem os 18%, e os pratos de bordo almendrado igualam também os 11,6% em ambos os povoados, bem como a percentagem de taças carenadas nesta Fase I da Sala nº1 iguala também o deste povoado de Torre do Esporão com 25%. É também similar ao número de taças carenadas na Fase II, II A e II B de Papa Uvas (Ruiz Mata, 1977), sendo que as Fases II e III correspondentes cronologicamente com os níveis 4, 5 e 6, situados nas Fases I e II do povoado da Sala nº1, (Gonçalves, 1991)

A **Fase III** da Sala nº1 é contemporânea da Estrutura 2 do Monte Novo dos Albardeiros, de Santa Justa (Gonçalves, 1989c) e Monte da Tumba (Silva e Soares, 1988). Ficando contudo, ainda longe das percentagens de formas abertas encontradas no povoado de Corte João Marques (Alto Algarve Oriental) com 68% (Gonçalves, 1989c, p.165). E mais ainda com os resultados obtidos na Fase I do Monte da Tumba, onde assume uma predominância bem mais significativa das formas abertas com 80%, perante uma escassa presença de formas fechadas. E se tomarmos em conta a camada 12 do Porto Torrão (nível inicial de ocupação Calcolítica) temos uma maior diferença com um total de 83% de formas abertas (Silva e Soares, 1986, p.109).Verificamos ainda, que em Santa Justa a amostra 1 revele perto de 48,5% de formas aberta, é de referir que as formas fechadas são maioritárias. Realidade essa que parece inverter na amostra 2 do mesmo povoado, onde as formas abertas progridem em prol de uma diminuição das formas fechadas (Gonçalves, 1989c, p.255).Na camada 12 do Castelo do Torrão as formas abertas são de 83.9% (Mataloto, 1997, p.25).

Contrapondo com os povoados do Alto Algarve Oriental, como Corte de João Marques, e Santa Justa (Gonçalves, 1989c, p.165), onde a cronologia do primeiro é claramente posterior ao nível 3 da Sala nº1, vemos uma discrepância entre formas abertas e fechadas bastante menor, onde as primeiras dominam com 68%. Já o povoado de Santa Justa na sua amostra 1, as formas abertas atingem apenas 48.5%, (Gonçalves,1989c).

Numa análise mais próxima, verifica-se que perante a amostra total de fragmentos correspondentes à Fase III de ocupação da Sala nº1, os pratos apresentam percentagens a rondar os 19,2%, igualando as percentagens de Corte de João Marques, e aproximando dos 15% da Amostra 1 de Santa Justa (*idem, ibidem*), notando-se também alguma proximidade com os 25% da Fase I de Moinho de Valadares (Valera, 2013b). De referir ainda que dentro desta tipologia, os pratos de bordo espessado é de 3,8%, aproximando dos 6,9% verificando-se em Monte Novo, mas ficando abaixo do verificado na Amostra 1 de Santa Justa, e de Corte de João Marques (Gonçalves,1989c).

Também se distancia da Fase I do Monte da Tumba e Monte Novo (acima dos20%), e muito mais abaixo das realidades encontradas no Cortadouro e da camada 12 do Castelo do Torrão, sempre superior a 40%. Os pratos de bordo almendrado, que representam aqui 11,5%, apresentam valores muito distantes de Monte Novo com 43% e Cortadouro com 21,7% (Silva e Soares, 1976/77), ou mesmo Porto Carretas com 21% (Soares, 2013)

As taças também estão presentes com percentagens a rondar os 33,7% do total de fragmentos desta fase de ocupação, igualando por pouco a Fase I do Monte da Tumba com 35,5% (Silva e Soares, 1988), bem como os 34% de Corte de João Marques

(Gonçalves,1989c), e aproximando-se também dos 38% da Fase I de Moinho de Valadares (Valera, 2013b). Ainda dentro desta tipologia, as taças espessadas, perto de 8,7%, surgem com números iguais ao que podemos observamos na Fase II do Monte da Tumba (8%), e conseguimos distinguir claramente uma aproximação na amostra 1 de Santa Justa (13,1%), Vale Pincel (10,8%), Monte Novo (11,6%) ou mesmo os 14,2% do Cortadouro (Silva e Soares, 1976/77), com as percentagens obtidas para esta Fase III de ocupação da Sala nº1. As taças em calote apresentam 10,6% do total de fragmentos desta fase de ocupação, ficando bem perto dos 9% registado em Porto Torrão (Soares, 2013), e aproximando-se dos 14% presentes em Corte de João Marques (Gonçalves, 1989c), mas ficando bem distante dos 27,9% das verificadas em Monte Novo e dos 34,7% do Cortadouro (Silva e Soares, 1976/77).

Os esféricos assumem percentagens (3,4%), que se aproximam dos números obtidos para a Fase I de Moinho de Valadares (Valera, 2013b), mas distanciam-se da amostra 1 de Santa Justa (Gonçalves,1989c) com 33,4% e da Fase II do Monte da Tumba com 25% (Silva e Soares, 1988). Já os globulares, que atingem na Fase III de ocupação da Sala nº1, perto de 12,5%, são muito próximos dos números da Fase I de Moinho de Valadares, onde atingem os 11%, (Valera, 2013b), não se distanciando-se muito dos 8% do Fosso 1 de Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004), mas ficando longe dos 29,9% pertencentes à Fossa 5 de Corça 1 (Valera *et al* 2010). Os potes atingem os 33,3%, bem longe dos 4,7% de Monte Novo (Silva e Soares, 1976/77).

No que se refere às formas compósitas, estas são escassas (correspondem apenas a três fragmentos), principalmente as taças carenadas, visto que cronologicamente este nível corresponde à Fase III do povoamento, dentro já da 1ª metade do 3º milénio, correspondente a um Calcolítico inicial, estas formas seriam já substituídas pelo uso do prato de bordo espessado. Mesmo assim assiste-se para esta fase de ocupação a percentagens de 8%, mais elevadas do que aquelas verificadas na Fase I B do Monte da Tumba com 5% (Silva e Soares, 1988), aproximando-se contudo dos 7,7% da Fase I do Povoado do Paraíso (Mataloto e Costeira, 2008). Ficando bastante distante dos elevados 46,9% verificados na Fossa 5 de Corça 1 (Valera, et al 2010).

Numa análise à realidade observável na Estremadura Espanhola (Enríquez N. 1990), foi possível constatar que em relação aos pratos existe uma diminuição da sua percentagem no decorrer do 3º milénio a.n.e, situação que parece estar ausente no Torrão, (onde as percentagens na camada 10 e 12 se mantêm). Tal como podemos observar no nível 1 de La Pacina (com cronologias situadas na 1ª metade do III milénio), e onde as formas abertas são de uma percentagem maioritária de 52,2% (Mataloto,1997, p. 25).No que toca às taças podemos concluir que são os recipientes mais frequentes na realidade do conjunto cerâmico da Fase III da Sala nº1 com 33,7%. E que ao analisar as realidades do nível I do Monte da Tumba com datações entre o final do 4º milénio e inícios do 3º milénio a.n.e (Silva e Soares, 1988), permitem supor a contemporaneidade deste com a do nível 3 da Sala nº1. Onde em termos de percentagem, podemos observar que os 35,5% correspondentes às taças pertencentes ao nível I do Monte da Tumba estão bem próximos dos 33,7% detetados no nível 3 da Sala nº1.

Teremos então, através desta análise, de colocar o conjunto do Nível 3 (Fase III) da Sala nº1, no mínimo numa posição pouco clara, onde parece ser uma realidade intermédia entre as realidades dos conjuntos cerâmicos de Porto Torrão e Monte da Tumba (com percentagens maiores de formas abertas) característicos de conjuntos cronológicos mais antigos, e os da amostra 2 de Santa Justa (onde as formas abertas caminham no sentido inverso às das formas fechadas) havendo mais percentagens de formas abertas na base da amostra, e no topo nota-se uma maior concentração de formas fechadas.

	Pratos	Pratos Espessado	Prato almendrado	Taças	Taças Espessadas	Taça Calote	Esféricos	Globulares	Potes	Taças carenadas
SL 1	19,2%	3,8%	11,5%	33,7%	8,7%	10,6%	3,4%	12,5%	33%	8%
Moinho Valadares	25%			38%			2%	11%		
M. Tumba Fase I	20%			35,5%						5%
M. Tumba Fase II					8%		25%			
C. Torrão	40%									
Cortadouro		40%	21,7%	14,1%	14,2%	34,7%	17,4%	3,2%		
Stª Justa Amostra 1	15%	12,7%		19,2%	13,1%	6,8%	33,4%		8,6%	
Corte J. Marques	19%	11,6%		34%	14,7%	14,3%	14,3%		0,7%	
V.Pincel 1					10,8%					
M. Novo		6,9%	43,2%	11,6%	11,6%	27,9%	5,8%		4,65	
P.Torrão Fosso 1							8%			
Corça 1 Fossa 5							29,9%			46,9%
P. Paraíso Fase I										7,7%
P.Carretas Fase I			21%			9%				

*Fig. 6.8 -Tabela das formas presentes nos povoados pré-históricos do Sul de Portugal, contemporâneos com a Fase III do Povoamento da Sala nº 1.*

Concluindo, temos assim as amostras de Moinho de Valadares, bem como a Fase I do Monte da Tumba, que constituem aproximações claras com os conjuntos presentes para a Fase III do povoado da Sala nº1. Ainda dentro desta análise, verifica-se que a amostra não se distancia em muito do Povoado de Corte de João Marques, mas ficando cada vez mais desigual com as realidades de Santa Justa (Gonçalves, 1989c), bem como da Fase II do Monte da Tumba, Cortadouro (Silva e Soares, 1976/77).

Certamente, estas poderão assumir antes de mais, um carácter cronológico. Esta amostra da Sala nº1 ao afastar-se da realidade dos materiais de povoados como os

descritos da Fase I do Monte da Tumba (que lhe é contemporâneo), principalmente por conter taças carenadas, ou da camada 12 do Castelo do Torrão, e mesmo da Fase II do Monte da Tumba, (sendo contudo notória a sua aproximação artefactual com as realidades registadas na amostra 1 de Santa Justa), poderá indicar, que estas diferenças se relacionam com uma exploração de diferentes recursos. Poderá existir na Sala nº1 uma alimentação menos à base de cereais e mais à base de leguminosas, explicando por isso um menor número de pratos, que como já vimos parece estar intrinsecamente ligados ao consumo de uma alimentação à base de cereais (Gonçalves, 1989c; 1995).

Mas tal como a análise desta fase de ocupação demonstra, estas possíveis explicações parecem ser contraditórias, pois se por um lado existe um número mais modesto de pratos (logo uma menor dependência de cereais), fica por explicar o elevado número de potes (normalmente associados ao armazenamento). Tal como esta escassez de pratos implicaria uma alimentação onde os cereais tivessem um papel menor, poderia deixar antever a presença de peixe, que não se confirmou na análise efetuada em 2013, havendo contudo uma quantidade larga de cervídeos e coelhos/lebres, bem como outros animais, que certamente deveriam ser confeccionados nos modos mais simples (cozidos, grelhados, ou mesmo em guisados compostos de algumas leguminosas).

Está mais ou menos claro, que a Sala nº1 parece assumir um carácter específico no que toca à forma como explorava os seus recursos naturais (implicando uma realidade artefactual diferente) quando comparada com outros povoados.

## CAPÍTULO 7. A SALA Nº 1 NO 4º E 3º MILÉNIO DO CENTRO E SUL DE PORTUGAL

Sendo a Sala nº1, um povoado localizado no Alentejo, e tendo em conta as inferências anteriormente referidas, é pertinente realçar que nas últimas duas décadas assistiu-se a um desenvolvimento assinalável no estudo da pré-história e das suas comunidades que ocuparam o Sul do território português durante o 4º milénio e 3º milénio a.n.e (Mataloto e Boaventura, 2009, p.33). Contudo, e apesar dessa intensiva realidade de escavações, algumas ainda pecam pela falta de uma publicação exaustiva dos dados.

No que diz respeito a datações por radiocarbono no Sudoeste da Península Ibérica, enquanto às assimetrias das mesmas, sendo que é desta região que provêm os mais recentes conjuntos de datações, resultados de intervenções de salvaguarda. No total estas análises perfazem perto de uma centena de datas, pertencentes a contextos habitacionais dentro do 4º e 3º milénio a.n.e (*idem, ibidem*, p.34).

Sítio	Localização em relação ao Guadiana	Tipo de Ocupação	Ref. Lab.	Contexto/ Amostra	Data BP	2δ cal BCE	Cronologia
São Brás	Direita	Fortificação	ICEN -44	Carvão	4410+/-140	3410-2830	Neolítico final
Casa Branca 7	Direita		Beta -220277	Osso	3640+/-40	2140-1900	
Sala nº1	Esquerda	Aberto	ICEN 444 ICEN 445 ICEN 447 ICEN 448	Osso Osso Osso	4490 +/- 100 BP 4490 +/- 80 BP 4490 +/- 110 BP 4140 +/- 110 BP	3498-2908 3369-2923 3508-2901 3011-2410	Neolítico Final  Calcolítico Inicial Calcolítico
Moinho de Valadares	Direita		Oxa – 12714 Oxa – 12715	Semente Carvão	4167+/-30 3726+/-29	2820-2630 2210-2030	Calcolítico
Monte Novo dos Albardeiros	Esquerda	Fortificado	ICEN 530 ICEN 529	Osso Osso	4060+/-80 3760+/-100	2890-2450 2470-1920	Calcolítico
Mercador	Direita		SAC -1933 SAC-1900	Osso Osso	3790+/-60 3720+/-80	2460-2110 2350-1890	Calcolítico
Porto Carretas	Esquerda	Fortificado	Beta 193744 Beta 193743	Carvão Carvão	4130+/-140 3840+/-60	3040-2290 2480-2130	Calcolítico
Miguens 3	Esquerda	Fortificado	WK – 18507 WK - 18508	Carvão Carvão	3934+/-33 3902+/-38	2500-2300 2480-2280	Calcolítico
Moinho Novo de Baixo 1	Esquerda		WK 18499	Carvão	4009+/-32	2590-2460	Calcolítico
Lameira 2	Esquerda	Aberto	WK 18503	Carvão	4174+/-32	2890-2830	Calcolítico inicial
Juromenha 1	Direito	Fossos	Beta 169264	Osso	4450+/-40	3380-3090	Neolítico final
San Blás	Esquerda	Fossos/ muralhas	s/r s/r	Carvão Carvão	4570+/-40 4030+/-40	3250-3100 2670-2460	Neolítico final Calcolítico
Pijotilla	Direita		Beta 121146 Beta 121145	Carvão Carvão	4360+/-50 4010+/-80	3110-2880 2770-2290	Neolítico final Calcolítico inicial
Monte do Tosco	Esquerda Directo	Fortificado	s.d	s.d.	s.d	s.d	Calcolítico
Xarez 12	Direita Directo	Aberto	s.d	s.d	s.d	s.d	Mesolítico Neolítico Antigo Neolítico final
São Lourenço	Direita Directo	Fortificado?	s.d	s.d	s.d	s.d	Calcolítico

Fig. 7.1 -Tabela representando os povoados do Neolítico final – Calcolítico localizados juntos ao Guadiana. Adaptações da Tabela de referencia de (Mataloto e Boaventura, 2009,p. 73)

Assim, numa leitura mais diacrónica das tendências de povoamento, e naquilo que diz respeito ao Sul do território português, assistimos que referente ao final do 5º milénio a.n.e, e a primeira metade do 4º milénio, o Neolítico Médio, essas tendências de povoamento são mal conhecidas. Este período intermédio de consolidação das sociedades camponesas seria importante para conhecer o processo anterior ao Neolítico final, sendo “(...) uma fase crucial para a compreensão da profunda transformação que a Paisagem do

Sul do território actualmente português irá conhecer, principalmente, nos meados e finais do 4º milénio a.n.e (...)” (Mataloto e Boaventura, 2009,p.55). Com o Neolítico final assiste-se a uma deflagração do povoamento cercado de fossos, e a uma crescente dimensão do Megalitismo (*idem, ibidem*).

Esta transformação de estratégias de povoamento que marcam a transição do 4º para o 3º milénio a.n.e, vai acabar por se traduzir no abandono de alguns povoados em prol da emergência de outros, com uma diversidade de soluções. Estas novas estratégias de povoamento parecem fazer emergir a tendência de ocupação em pequenas elevações, onde é possível obter alguma visibilidade da área circundante, deixando antever as características de estratégia de ocupação do território que vão culminar no aparecimento do povoamento fortificado (*idem, ibidem*, p. 57). Com o Neolítico final eclode finalmente no Sul de Portugal o fenómeno dos recintos de fossos, com sítios como Perdigões, Moreiros 2, Águas Frias ou Juromenha. Paralelamente encontramos sítios abertos como Foz do Enxoé ou Xarez 12, ou nas primeiras fases de Monte Novo de Albardeiros ou São Pedro. Para Sala nº 1 tudo indica que se tratasse de um sítio aberto.

Naquilo que parece ter sido a estratégia de povoamento entre a segunda metade do 4º e a primeira metade do 3º milénio a.n.e, assiste-se a uma intensa transformação e adaptação do território e da paisagem alentejana e estremenha, que parece corresponder ao arranque de uma produção agrícola intensa, que certamente modelou a paisagem circundante (Mataloto e Costeira, 2008, p.23), ao qual a o povoado da Sala nº1 deveria ter sido parte integrante.

Assim pode-se afirmar que, a segunda metade do 4º milénio a.n.e é marcada por instalações de pequenas e médias dimensões (1 a 3 ha), instalados junto a linhas de água em áreas aplanadas e perto de solos férteis e agricultáveis, sendo que na maior parte deles se notam geralmente uma ou mais linhas de fossos (*idem, ibidem*).

Nesta pressão que o território estaria a sofrer, estaria também ligada uma possível intensificação demográfica, geralmente a partir de meados do 4º milénio a.n.e. São também evidentes os indícios de tensão territorial, que vão ser marcantes na construção de estruturas de delimitação como os fossos, e muralhas de talude de terra e madeira que certamente os acompanhava (*idem, ibidem*).

Inicia-se contudo desde o final do 4º milénio a.n.e, uma transformação profunda nas malhas de povoamento que acabará por iniciar um processo de abandono dessas instalações referidas anteriormente, processo esse que parece ter sido generalizado nos finais do 4º milénio a.n.e, e alargou-se para Sul. E como todos os processos de alteração de modelos de ocupação, também este deverá ter iniciado nova dinâmica, que certamente criou as redes de povoamento que irão caracterizar a primeira metade do 3º milénio a.n.e. As mesmas que vão acompanhar a tendência de fundação de grandes aglomerados humanos na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e (*idem, ibidem*, p.24).

No caso da Sala nº1, através do conjunto de datações, principalmente da datação (ICEN 448: 3011- 2410 cal BC) correspondente ao nível 3, e do conjunto cerâmico presente, parece haver uma continuidade pelo milénio seguinte quer em termos de localização de implantação como, aparentemente, na morfologia da ocupação. Neste sentido, não é de todo impossível que neste processo reorganizativo de povoamento, houvesse uma tendência de agregação da população, fazendo emergir novas redes de povoados médios e grandes, controlando territórios mais amplos (*idem, ibidem*). A continuidade entre a ocupação Neolítico final – Calcolítico está presente em outros

contextos, nomeadamente em povoados fortificados com fases prévias abertas do Neolítico final (São Pedro ou Monte Novo dos Albardeiros) ou em recintos de fossos (como em Perdigões, por exemplo). Sala nº 1 destaca-se pela continuidade quer na localização quer no tipo de ocupação.

Nesta tentativa de concentrar os dados que aparentemente se possa ter sobre a margem esquerda do Guadiana, a verdade é que os mesmos escasseiam quando analisamos a ocupação do Neolítico final nesta área (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013, p.539). As investigações das últimas décadas deram a conhecer, um conjunto de povoamentos correspondentes às cronologias do Neolítico final – Calcolítico, mas faltamos ainda saber, referente ao Neolítico final, as plantas e áreas totais de ocupação, as estruturas, pois sem eles é difícil qualquer inferência sobre uma possível rede e possível hierarquização da mesma (*idem, ibidem*, p.540).

Contudo, e segundo as análises de Joaquina Soares para o povoamento de Porto das Carretas, nos finais do 4º milénio a.n.e, existe esboçada uma rede de povoamento à escala local, naquilo que a autora propõem como o território do *Triângulo da Luz*, (Soares, 2013, p.350). A autora refere que é perceptível nesse território, dois níveis hierárquicos, o povoado de fossos de Julia 4 e Luz 20, e o povoado de Moinho de Valadares 1. Estes povoados persistem durante o Calcolítico, mostrando, aquilo que a autora afirma, como sendo uma continuidade etnossociológica das populações da região, (*idem, ibidem*, p.351). Dentro desta proposta para o *Triângulo da Luz*, a autora avança, que serão estes tipos de povoados, nucleares inseridos numa paisagem agrária, que consistia a realidade do Sudoeste Ibérico nestas cronologias. Existira assim um sistema de povoamento aglomerado, constituído por novas dinâmicas de produção agrícola, (*idem, ibidem*,). Contudo, ainda dentro desta proposta, muitos dos povoados com dimensões entre os 0,5 e 3 há teriam sucumbiram no final do 4º milénio a.n.e, certamente devido ao colapso do equilíbrio do meio físico, conjugado pelo crescimento demográfico, (*idem, ibidem*,). Neste sentido, e tomando em conta as propostas avançadas por Joaquina Soares, os povoados de fossos fundados no decorrer do 4º milénio irão prolongar-se pelo 3º milénio, na qualidade de povoados centrais, como de resto parece ser o caso de Pijotila (Hurtado, 2008), Porto Torrão (Valera e Filipe, 2004), Perdigões (Lago *et al*, 1998) e Alcalar (Móran, 2010). Havendo mesmo, povoados como o caso de San Blas (Hurtado, 2004) ou Valencina de la Concepción (Costa Caramé *et al*, 2010), que atingiram o seu apogeu no terceiro quartel do 3º milénio a.n.e, (Soares, 2013, p.354).

Parece-nos que actualmente o que se vai configurando na realidade do Sudoeste Peninsular, são situações que o próprio António C. Valera define como “territórios de extensão média”, estruturados em redes de povoamento hierarquizado, (Valera, 2013, p. 436).

Francisco Nocete, parte também de dois modelos complementares, (Nocete, 2001), onde ambos clarificam a evolução dos sistemas em duas escalas diferentes, (Valera, 2013, p. 438). Onde numa das escalas é considerado as análises à escala local/regional, e outra é considerado as análises à escala inter-regional alargada. Sendo a partir daqui que o próprio passa a questionar a diferenciação tradicionalista entre o Calcolítico do Sudeste e o Calcolítico do Sudoeste, tomando como exemplo as áreas do Alto Guadalquivir e comparando-os com Valencina, Porto Torrão e Pijotila, (*idem, ibidem*).

No caso de Sala nº 1, podemos contextualizar o território nas duas escalas.

Em termos locais, devemos referir que na fase calcolítica, provavelmente Sala nº 1 permaneceu aberto mas o povoado São Lourenço é fortificado (Gonçalves, 1989c. p.382), localizando-se na sua proximidade. Possivelmente os dois sítios estariam associados, «dispensando» Sala nº 1 das muralhas. São Lourenço não foi escavado mas a dimensão diferenciada dos dois sítios parece indicar que Sala nº 1 seria um local «central».

Também devem ser referidos os prováveis fossos que aparentemente se identificam via foto aérea no povoado da Mangancha a escassos quilómetros da Sala nº1 e a abundância de estruturas negativas (fossas) recentemente detectadas em toda a Vidigueira. Fossos e muralhas conviveriam.

Consolidando todas estas inferências levantadas pela organização do território, e a convivência destas comunidades, parece-me pertinente trazer à luz a questão que vem sendo levantada por Victor S. Gonçalves (Gonçalves, Sousa e Marchand, 2013,p.539), e por António C. Valera, (Valera, 2013,p.445): seria o Guadiana uma fronteira? Qual o papel da Sala nº 1 junto ao Guadiana?

*“Normalmente entre o que está antes e o que vem depois há diferenças mais ou menos sensíveis, uma transmissão cultural sendo, por natureza e condicionantes, incompleta e de selectividade por vezes circunstancial, mas sempre efectiva.”*

Gonçalves, V. 2000/2001, p.275

## **CAPÍTULO 8. AS CONCLUSÕES POSSÍVEIS**

Estudar um sítio ou contexto arqueológico, é mais que estudar uma micro-realidade contida em quadrículas de 2x2 metros, ou numa série de sondagens que se podem intervencionar. É ter em conta, não só o que as intervenções nos podem dar em termos de vestígios arqueológicos, como compreendê-las no seu contexto, e tentar inferir o que o sítio arqueológico representa na sua realidade territorial e regional, dentro da sua contemporaneidade.

Tentando, ainda enquadrar Sala nº1, retomamos as leituras de Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 2004), relativamente à sequência Neolítico final / Calcolítico. O autor referia que nos anos 80, foi avançada a hipótese de distinguir o Neolítico final, do Neolítico Tardio, o que convenientemente dava segurança metodológica para os arqueólogos reporem um espaço entre os grupos de desenvolvimento lento (que continuavam Neolíticos) numa altura que já se afirmava a fase seguinte trazendo um Calcolítico inicial (*idem, ibidem*, p.351). Mas tal, e como o mesmo afirma na sua conclusão “(...) numa realidade que mal se conhece a fase correspondente ao Neolítico médio, e medriouamente se consegue algumas definições de um Calcolítico antigo, como é possível compreender o que existe e separa ambos?” (*idem, ibidem*),

Será nesta dificuldade, e naquilo que parece claro do advento destas sociedades metalúrgicas do cobre, e do aparecimento do metal como critério fácil para fasear o espaço entre o Neolítico e as realidades que se seguiram, que Víctor Gonçalves refere numa clara ruptura deste pensamento, quando aponta como tal, o resultado dos seus trabalhos no Alto Algarve Oriental (Gonçalves,1989c). Mostrando que as mudanças das sociedades calcolíticas não se podem resumir unicamente à metalurgia do cobre. Esta é somente parte de um complexo sistema apelidado de “Revolução dos produtos secundários” (Gonçalves, 2004a, p.352).

Assim esta “revolução dos produtos secundários” é centralizada no aparecimento de novas tecnologias, bem como na generalização das práticas agrícolas e na transformação de alimentos (farinação) ou do vestuário (fiação e tecelagem) (*idem, ibidem*). Nessa explosão de atividade comunitária, o crescimento expansivo dos povoados, acabou por implicar certamente movimentos de colonização interna (*idem, ibidem*). Levando estes grupos a utilizar espaços inadequados para as sociedades agropastoris, aquilo que Víctor Gonçalves refere como “enxameamento” (Gonçalves,1989c).

Para tal comprovação, os artefactos que conjuntamente com as estruturas (quando preservadas em registo arqueológico), continuam a ser o critério mais simples, recuperável e reconhecido para obter tal registo (Gonçalves, 2004a, p.352) - “(...) a Arqueologia pré-histórica, não pode culminar com a realidade artefactual, até porque as mudanças

estruturais nas sociedades humanas fazem-se a partir dos artefactos e também dos próprios vestígios da actividade humana.” (*idem, ibem*, p. 353)

O sitio arqueológico da Sala nº1, e tal como se verificou no presente trabalho e referida anteriormente, evidência uma sequência em continuidade, mostrando a dificuldade em separar culturalmente o Neolítico final e o Calcolítico.

A associação entre a sequência estratigráfica, cultura material e datações reveste-se de grande importância. A Fase I de ocupação de Sala nº 1 corresponde claramente à última metade do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e, integrável no Neolítico Final: para o Nível 6 temos a datação (ICEN 444: 3498-2908 cal BC) e para o Nível 5 a datação ICEN 445: 3369-2923 cal BC), ambas calibradas a 2 sigma. A Fase II, de abandono, ICEN-448: 3511-2902. Já a Fase III, com datações para o Nível 3 (ICEN 448: 3011-2410 cal BC), claramente pode ser integrável a uma fase calcolítica. Por razões estatísticas de amostragem e de clara diferenciação, importa comparar a Fase I (Nível 6 e 5) do Neolítico final com a Fase II (Nível 3) do Calcolítico.

Ao nível da cerâmica, a análise centra-se naturalmente nos fosséis directores: taças carenadas, pratos e formas mamiladas.

Na Fase I de ocupação as formas compósitas assumem papel preponderante, fundamentalmente compostas por taças carenadas. Estas formas compósitas da Fase I atingem uma grande diversidade de morfologias de carenas. As próprias taças atingem uma diversidade de formas quanto ao seu corpo (hiperboloide, troncocónico ou romboidal) e uma diversidade quanto à morfologia da própria carena (viva ou doce).

Nesse sentido, e quando comparado com a Fase III de ocupação da Sala nº1, respeitante ao nível 3, verifica-se um decréscimo percentual bastante significativo das formas compósitas, nomeadamente carenadas, representando apenas 8% de formas carenadas presentes na Fase III.

Se a par desta análise, elaborarmos o mesmo exercício, mas com os pratos, então conseguimos verificar o oposto. Na Fase I de ocupação assistimos a percentagens modestas, com 38 % do total de recipientes dessa tipologia ali presentes, verificamos um acréscimo quanto às percentagens presentes na Fase III, com 62%, praticamente duplicando a percentagem desta tipologia na relação Fase I *versus* Fase III.

Sendo esta a realidade, parece atestada a frequência elevada de taças carenadas nos níveis pertencentes à fase de ocupação do Neolítico final, bem como a convivência destas com os pratos de bordo espessado. O prato revela uma presença cada vez mais crescente na estratigrafia e cronologia, atingindo percentagens elevadas na fase de ocupação pertencente ao Calcolítico.

Alusivamente às cerâmicas mamiladas, estas representam neste conjunto analisado, uma diversidade quanto à sua forma (vertical, horizontal, ou perfurados). Não se regista porém uma confirmação que se trata de um fóssil director do Neolítico, final ou mesmo na fugaz transição para o Calcolítico inicial. Na realidade dos recipientes cerâmicos presentes no *locus 1* do povoado da Sala nº1, não só não se verifica as percentagens mais elevadas na Fase I pertencente ao Neolítico final, como estas pertencem à Fase III pertencente ao Calcolítico. Visto ser uma diferença não muito significativa (10%), parece-nos haver um pouco de distorção da realidade, muito devido à escavação não integral dos níveis pertencentes à Fase I. Esta escavação eventualmente nos poderia inverter estes resultados.

Visível, naquilo que torna possível essa dedução, a associação das taças carenadas (artefacto exclusivo do Neolítico final), com os pratos de bordo espessado que representam, que segundo Victor S. Gonçalves, é a prova artefactual de duas economias alimentares diferentes, repondo para os pratos uma alimentação de base cerealífera, implicando uma agricultura extensiva (Gonçalves,1989c).

Deve ainda ser referido que é na Fase III (Nível 3) que se verifica a presença de uma maior diversidade e quantidade de formas cerâmicas. Será ainda de registar que é neste nível que se encontra uma grande fogueira que tem associado a ela, um espólio rico de artefactos ligados ao Sagrado e aos rituais mágico-religiosos. Nesse espólio de artefactos mágicos-religiosos, são patentes duas figuras masculinas em terracota de dimensões pequenas, um recipiente com representação da imagem da Deusa-mãe, sendo um dos conjuntos mais completo na representação deste tipo (representação das sobrancelhas, dos olhos solares, o nariz, as narinas, a boca, o queixo, as pinturas/tatuagens), bem como duas falanges desbastadas e polidas, fragmentos de placas de xisto gravadas, e uma completa mas lisa (Gonçalves,1989b, p.11).

Vemos que será nos contextos do povoado da Sala nº1, pertencentes ao 3º milénio a.n.e, que surge o aparecimento de um novo conjunto artefactual ao nível do simbólico (motivos solares, falanges desbastadas), havendo porem uma continuidade da representação dos temas simbólicos anteriores nas placas de xisto recolhidas também nos contextos já pertencentes ao 3º milénio a.n.e (Gonçalves, 1989,c). Acaba por ser notória uma mudança do mundo espiritual, com o englobar de novos símbolos, evidenciando que as estruturas mentais evoluíram conjuntamente com as novas estruturas económicas (Gonçalves, 2003).

Quanto ao tipo de pastas usadas para a manufactura dos recipientes cerâmicos verifica-se que respeitante à fase I a maioria dos recipientes contem uma pasta compacta de grande homogeneidade entre os elementos não plásticos, designada na análise aqui efectuada, como pastas tipo Grupo I. Já respeitante ao recipientes cerâmicos da Fase III, verifica-se que a sua maioria contem uma pasta também ela compacta, com alguma homogeneidade e de elementos não plásticos finos pertencente às pastas tipo Grupo II. A análise comparativa evidencia haver algum cuidado quando ao tipo de pastas usadas na elaboração dos recipientes referentes à primeira fase de ocupação, a qual vai decaindo na terceira fase de ocupação do povoado.

Admitindo as quatro fases de ocupação de contextos domésticos do Sul de Portugal definidos por Rui Mataloto e Rui Boaventura (Mataloto e Boaventura, 2009, p.63), a fase III de ocupação da Sala nº1 encaixa-se no que os autores designam como Fase 3. Nesta, é notória a presença de bordos espessados e contentores carenados misturados nos estratos, e que a par com a Sala nº1, fazem parte desta fase, povoados como Monte da Tumba (Silva e Soares, 1987), Porto das Carretas (Soares, Soares e Silva, 2007) e São Pedro (Mataloto, 2010).

O estudo exaustivo do espólio cerâmico indica assim tendências, mas uma continuidade global.

Nos outros indicadores artefactuais, verifica-se idêntica situação: a metalurgia não corresponde a um factor diferenciador entre a Fase I e a Fase III pois é muito pouco significativa.

Também a fauna mamalógica estudada evidencia uma situação de continuidade ao nível da proporção - doméstico / selvagem, e do reportório faunístico. A questão da

revolução dos produtos secundários dificilmente se poderia referir com base na fauna de Sala nº 1, atendendo à escassez de ovinos-caprinos e de bovídeos, situação similar a São Pedro e Mercador. Apesar de não terem sido efectuados estudos etários de abate como os realizados para o Penedo do Lexim, nada indica a exploração intensiva de leite ou de tracção. A componente cinegética é assim muito importante, tal como sucede em outros contextos do Sul de Portugal integráveis no Neolítico final como Xarez 12, também junto ao Guadiana ou os sítios da Comporta.

Devemos assim considerar o conceito da Revolução dos Produtos Secundários em termos alargados, como estrutura económica baseada na agricultura intensiva, do início da revolução dos produtos secundários, e consequente aquisição de cobre e alargamento dos seus territórios (Gonçalves, 2004, p. 365). Esta economia diversificada leva ao consecutivo “enxameamento” das populações excedentárias, proporcionando o reforço do comércio inter-regional, as ditas “redes de povoamento” (*idem, ibidem*). Apesar da imensa fauna de animais selvagens, (cervídeos, javali, e cavalo), a abundância de pratos, e de contentores como as taças carenadas, indica o acto de consumo de preparados cerealíferos e leite e os segundos serviriam para guardar os excedentes desses ditos produtos cerealíferos (Gonçalves, 1989c). Também deve ser referida a abundância de pesos de tear.

A presença de algumas matérias-primas exógenas como o sílex indica dinâmica de redes de troca referente ao Centro e Sul de Portugal, que tem como base todo esse tecido social e de povoamento identificado (Sousa e Gonçalves, 2012, p.384). Nesse sentido, é crucial procurar saber que tipos de produto circulavam durante esta cronologia de finais do 4º milénio e durante o 3º milénio a.n.e nesta região, sempre com a noção que a par destes produtos, também circulariam novas soluções arquitetónicas, novas tecnologias e novos símbolos (*idem, ibidem*). Assim em termos de produtos, o sílex é a matéria-prima que vê a intensificação da sua circulação durante o 3º milénio a.n.e nesta região, principalmente no sentido Estremadura – Alentejo, o que contrariamente acaba por acontecer com os artefactos em pedra polida, nomeadamente os de anfibolito que provem das regiões alentejanas e circulam para territórios Estremenhos (*idem, ibidem* p. 386).

Nesta organização da estrutura económica destas comunidades parece que a aquisição da metalurgia do cobre, bem como o alargamento dos seus territórios, e as práticas de economias diversas, intensificam o “enxameamento” das populações excedentárias, reforçando o comércio inter-regional, (Gonçalves, 2004a. p.365).

Quanto à organização social, nota-se que o crescimento dos povoados, principalmente em áreas férteis, vai acabar por provocar “ (...) tensões prováveis entre pastores megalíticos e agricultores sedentarizados.” (*idem, ibidem*). A consequência destas tensões, tal como já referido anteriormente, entre grupos diferentemente organizados, vai originar nas modificações arquitectónicas ao nível do próprio povoamento, reflectidos nos dispositivos defensivos como os fossos ou muralhas, (*idem, ibidem*, p. 366).

Neste sentido o grande motor que acaba por engrenar praticamente toda a base económica destas cronologias dos finais do 4º e inícios do 3º milénio, passa a factor de diferenciação, tal como Victor S. Gonçalves refere: “A agricultura, associada à criação de gado, torna-se, assim, um factor de mudança, fazendo disparar o processo de

diferenciação social e projectando a Humanidade para um notável conjunto de realidades, impossível noutra contexto.” (*idem, ibidem*, p. 447).

Parece-nos agora, e tirando das conclusões de Victor S. Gonçalves (Gonçalves, 2004b), relembrando as próprias hipóteses já devidamente avançadas por Sherrat (Sherrat, 1981), em relação à revolução Neolítica e a própria “*Revolução dos Produtos Secundários*”, que se pode constatar que a primeira Revolução Neolítica, se verificou realmente em Portugal numa cronologia mais tardia, que certamente pela sua tardia concretização, coincide com as grandes transformações que a Revolução dos Produtos Secundários vão provocar, (Gonçalves, 2004b,p.452).

Em suma, e com a veracidade que o próprio autor repõe nestas inferências, os grandes povoados calcolíticos, as “quintas fortificadas” como Monte da Tumba ou Santa Justa, os recintos de fossos como Porto Torrão ou Perdigões ou os extensos povoados aparentemente abertos como Sala nº1, são de facto realidades que traduzem os vários momentos das alterações espaciais, que acabam por caracterizar os reflexos regionais da Revolução dos Produtos Secundários (*idem, ibidem*, p. 453).

Estruturada esta análise, das regiões que envolvem o povoado da Sala nº1, bem como a percepção das problemáticas que envolvem toda esta realidade que proliferava na transição do 4º para o 3º milénio a.n.e nesta região. Talvez seja presumível agora assumir a realidade do conjunto dos recipientes cerâmicos do povoado da Sala nº1, como pertencente a essa dinâmica constante.

Nesse sentido é de referir, e tendo em conta uma vez mais os vestígios que daqui provem, como fio condutor deste desvendar de realidades passadas. Que no *locus* 1 do povoado da Sala nº1 está comprovada uma sequência evidente de uma predominância artefactual, em que associa a taça carenada ao prato de bordo espessado na segunda metade do 4º milénio, e a continuação praticamente exclusiva do prato de bordo espessado na primeira metade do 3º milénio a.n.e (Gonçalves, 2003, p.288).

Parece-nos então assistir, nesta segmentação estratigráfica contida no *locus*1 do povoado da Sala nº1, a adaptações de formas cerâmicas, que tão convenientemente eram usadas pelas comunidades com profundas tradições neolíticas, que passam agora a readaptar essas formas ao que mais convenientemente lhes irá servir no seu quotidiano doméstico. Num mundo em mudança, a passagem do 4º e 3º milénio na Sala nº 1 indica continuidade na cerâmica, na economia e no tipo de ocupação.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- ANTUNES, A.S; MARTINS, A.; VILHENA, J. ;VÍRSEDA SANZ, L. e CORREIA, S. (2003) - Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva: antas da bacia do Degebe. In *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo V.S. – Muitas antas, pouca gente. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*; 25), p. 227 - 250.
- BALFET, H.; FAUVET, Marie-France; MONZÓN, S. (1992) – Normas para la Descripción de Vasijas Cerámicas. *Hors collection*. Centro de estudios mexicanos y centroamericanos. p.146
- BAPTISTA, A. M.; MARTINS, M. M. (1979) – *Gravuras rupestres do Vale do Guadiana: Notícia da sua descoberta*. Informação Arqueológica (1977-1978). Braga. 1, p. 17-18.
- BAPTISTA, L.M.G (2011a) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Malhada da Gata 6*. Arqueologia e Património. Relatórios entregues ao IGESPAR
- BAPTISTA, L.M.G (2011b) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Monte de Santa Marina 1*. Arqueologia e Património. Relatórios entregues ao IGESPAR.
- BAPTISTA, L.M.G (2011c) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Poço Novo 3*. Arqueologia e Património. Relatórios entregues ao IGESPAR.
- BAPTISTA, L.M. G e OLIVEIRA, M. (2008) – *Torre 4 - Relatório Aprovado*. IGESPAR
- BARREIRAS, N. (2012a) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Herdade das Fontes*. ProceSl S.A. Relatórios entregues ao IGESPAR.
- BARREIRAS, N. (2012) - *Plano de Trabalhos Arqueológicos. Monte da Comendadilha 3*. ProceSl. Relatórios entregues ao IGESPAR
- CAETANO, J.P. (1986) – *Vidigueira e o seu concelho*. Vidigueira: Câmara Municipal da Vidigueira.
- CALADO, M. (1995) – *A Região da Serra d’Ossa: Introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa. (edição policopiada)
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2001. (*Trabalhos de Arqueologia*; 19).
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia: resultados das escavações realizadas: 1983-1988*. Oeiras: Câmara Municipal, 1989.
- CARDOSO, J.L.; DETRY, C. (2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10,pp: 131 – 182;
- CARVALHOSA, A. B; CARVALHO, A.M. G. (1970) – Notícia Explicativa da Folha 43 B. Carta Geológica de Portugal. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa;
- CARVALHO, A. (2012) - *Relatório de trabalhos de minimização do Circuito Hidráulico de Pedrogão, Figueirinhas 1*. Relatórios entregues ao IGESPAR

COSTA, C. ; FERREIRA, A. (2012) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Figueirinha 1*. ProceSl S.A. Relatórios entregues ao IGESPAR

COSTA CARAMÉ, M. E.; DÍAZ-ZORITA BONILLA, M.; GARCÍA SANJUÁN, L.; WHEATLEY, D. W. (2010) - The Copper Age Settlement of Valencina de la Concepción (Seville, Spain): demography, metallurgy and spatial organization. *Trabajos de Prehistoria*, 67 (1), p. 85-117.

COUTO, R.; BAPTISTA, L. (2012) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Ribeira da Alcaria 5*. Arqueologia e Património. Relatórios entregues ao IGESPAR

DIAS, M. coord. (1995) – *Os mapas em Portugal – da tradição aos novos rumos da cartografia*. Lisboa: Edições cosmos. (Cadernos Penélope, 2)

DAVIS, S. (1980) – Late Pleistocene and Holocene equid remains from Israel. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 70: 289-312.

DAVIS, S. (1989) - Why did prehistoric people domesticate food animals? In bar Yosef, ofer; VANDERMEERSCH, B., eds. - *Investigations in south Levantine Prehistory*. Oxford, BAR International series 497, pp. 43–59.

DAVIS, S. (1992) - *A rapid method for recording information about mammal bones from archaeological sites*. London, HBMC AM Laboratory. report 19/92.

DAVIS, S.J.M.; MATALOTO, R. (2012) – Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.15. pp: 47-85;

Diniz, M. (1999) - Povoado Neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 95-126

DRIESCH, A. Von den (1976) – *A Guide to The Measurement of animal bones from Archaeological sites*. Institut für Paleoanatomie. University of Munich. pp: 111 – 136;

FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Vol. 1. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

FERNANDEZ Gomes, F.; OLIVA, D. (1985) – Excavaciones en el vacimiento de Valencina de la Concepción (Sevilha. El corte D “la Perrera”). *Noticiário Arqueológico Hispano*, 25.

FIGUEIREDO, M. (2011) - *Plano de trabalhos para sondagens manuais. Poço Novo 2*. Arqueologia e Património. Relatórios entregues ao IGESPAR

GOMES, S.A e Vieira, T.S. (2011) – *Relatório aprovado de escavação do Porto de Moura 2*. Relatórios entregues e aprovados pelo IGESPAR

GÓMEZ Granel, C. (2011) – *Relatório aprovado da escavação de Monte do Malheiro 2*. Relatórios entregues e aprovados pelo IGESPAR

GONÇALVES, V. S. (1987) – *Relatório de escavação do Alto da Mangancha*. Aprovado pelo IPA.

GONÇALVES, V. S. (1988-89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto N.Série:IX-X.p. 49-82

GONÇALVES, V. S. (1989a) – *Relatório de escavação de Emergência do povoado da Sala nº1*. Aprovado pelo IPA.

GONÇALVES, V. S. (1989b) – O povoado pré-histórico da Sala nº 1 (Pedrogão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1 (88). *Portugália*. Porto. Nova série:8. p.7 -16.

GONÇALVES, V.S. (1989c) – Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada. (*Estudos e Memórias*). Lisboa. INIC/UNIARQ. 2, Vol.1.

GONÇALVES, V. S. (1988-1989) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz. *Portugália*. Porto. Nova série 9-10p. 49-61.

GONÇALVES, V. S. (1990) – *Relatório de Escavação do Povoado da Sala nº1*. Aprovado pelo IPPAR.

GONÇALVES, V. S. (1990/91) – O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*. Porto. Nova série 11-12, p. 53-72.

GONÇALVES, V. S. (1993a) – A Revolução dos Produtos Secundários e a metalurgia do Cobre. In MEDINA, J. (dir) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p. 237-241.

GONÇALVES, V. S. (1993b) – As práticas funerárias nas sociedades do 4º e 3º milénios. O megalitismo. In MEDINA, J. (dir) - *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. 1, p. 247-301.

GONÇALVES, V. S. (1995) – *Relatório de Escavação do Povoado da Sala nº1*. Aprovado pelo IPPAR.

GONÇALVES, V. S. (2000-2001) – O trigo, o cobre, a lã e o leite: Um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephirus*. Salamanca. 53-54. p. 273-292.

GONÇALVES, V. S. (2002) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Alámo (Reguengos de Monsaraz): um ponto de situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. V. 5, n.2. p. 153-189

GONÇALVES, V. S. (2003) – *Sítios, horizontes e artefactos: leituras críticas de realidades perdidas : (estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)*. 2ª ed., rev. e aument. Cascais : Câmara Municipal, 2003.

GONÇALVES, V. S. (2004a) – Emergência e Desenvolvimento das Sociedades Agro-Metalúrgicas. In *História de Portugal*. João Medina (direc.). Victor S. Gonçalves (Coord.). Ediclube. Amadora. Vol.I. p. 351-457.

GONÇALVES, V. S. (2004b) – As Práticas Funerárias nas Sociedades do 4º e do 3º milénio. O Megalitismo. In *História de Portugal*. João Medina (direc.). Victor S. Gonçalves (Coord.). Ediclube. Amadora. Vol.I. p. 462-604.

GONÇALVES, V. S. (2005) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: 6 : duas figurações da Deusa na estrutura funerária calcolítica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.4:23 (2005) 197-229.

GONÇALVES, V. S.; CALADO, M. (no prelo) - Modalidades do povoamento calcolítico de terras de Portel e de Vidigueira. II Encontro de Arqueologia do Baixo Alentejo (Castro Verde, 1988). *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 2-3

GONÇALVES, V. S. ; CALADO, M. ; ROCHA, L. (1992) – Reguengos de Monsaraz : O antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10. p.391-412.

GONÇALVES, V. S. ; SOUSA, A. C. (2006) – Algumas breves reflexões sobre quatro datas 14c para o Castro da Rotura e o 3º milénio nas Penínsulas de Lisboa e Setúbal. *O Arqueólogo Português*, Lisboa. Série 4:24 (2007). p. 233-26

GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; MARCHAND, G. (2013) – Na Margem do Grande Rio. - Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana médio. *Memórias d’Odiana*. Estudos do Alqueva. EDIA.2ª Série. p. 615

GRANT, A. (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In B. WILSON, C. GRIGSON & S. PAYNE, Ageing and sexing animal bones from Archaeological sites.. Oxford: British Archaeological Reports – British series 109. pp. 91-108

HURTADO, V. (1991) – Informe sobre las excavaciones de urgência en “La Pijotilla”. Campaña de 1990, I Jornadas de Pré-história y Arqueologia en Extremadura, (1986-1990), *Extremadura Arqueológica*. Salamanca. Vol. II. p. 45-67

HURTADO, V. (1995) – Interpretación sobre la Dinámica Cultural en la Cuenca Media del Guadiana (IV – II milénio a.C.s A.N.E. «Homenaje a la Drª Milagro Gil-Mascarell Boscá», *Extremadura Arqueológica*. Salamanca.Vol.V p.53-80

KUNST, M. (1995) – Cerâmica do Zambujal - novos resultados para a cronologia da cerâmica calcolítica. In KUNST, M., ed. lit. - *Origens, estruturas e relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica: actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 1987*. Lisboa : IPPAR, 1995. (Trabalhos de Arqueologia; 7). p. 21-29

LAGO,M.; DUARTE,C.; VALERA,A.; ALBERGARIA, F.A.; CARVALHO, A.F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengo de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol.1 Nº1. p.46-152

LEISNER, Georg (1949) - Antas dos arredores de Évora. In *A Cidade de Évora*. Évora. 6:1516, p. 340, (1948);6:1718, p. 499528.

LEISNER, Georg e LEISNER, Vera (1959) - Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: der Westen. In *Madrider Forschungen*. Berlim: Walter de Gruyter & Co. (Madrider Forschungen, Bd. 1:2)

LIMA, J.Fragoso de (1944) – Antas da bacia do Guadiana. Dolmenes da Corte Serrão. In *Arquivo de Beja*. Beja. 1:3, pp. 246 – 249;

MANIQUE, Luís de Pina (1945) - Antas do Alentejo. In *Arquivo de Beja*. Beja. 2: 34, p. 215-217. Monte da Mangancha

MARTÍN de la CRUZ, J.M (1986) – Papa Uvas II, Aljaraque, Huelva, Campañas de 1981 a 1983. *Excavaciones Arqueológicas en Españã*. Ministério de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Madrid. Nº149.

MARTÍN de la CRUZ, J.M; MARTÍN, A.M.L (2004) - Visiones y revisiones de " Papa Uvas"(Aljaraque, Huelva). In *Recintos murados da pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço: conservação, restauro e valorização patrimonial de arquiteturas pré-históricas* . Faculdade de Letras. p. 285-306

MATALOTO, R. (1997) – *Sala nº1. Um Povoado do III milénio a.C. “na curva do Rio” – materiais cerâmicos do nível 3 do quadrado G.27 do locus 1 da Campanha 2(95)*. Trabalho de Seminário de Arqueologia. Lisboa. 2 vol. Policopiado.

MATALOTO, R. (2010) - O 3.º/4.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. *Actas do Coloquio Internacional – Transformações e Mudança no Centro e Sul de Portugal: O 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais. p. 263-295

MATALOTO, R.; BOAVENTURA, R. (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 12. Nº 2. p.31-77

MATALOTO, R.; COSTEIRA, C (2008) – O Povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11. Nº 2. p.5-27

MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; DAVIS, S.; CLEMENTE, R. e SANTOS, I. (2012) - O povoado do Paraíso: uma ocupação do IVº / IIIº milénios a.C. na região de Elvas: Balanço das intervenções 2009-2010. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almôdovar. p. 39-72

MORÁN, E. (2010) - O povoado calcolítico de Alcalar: organização do espaço e sequência ocupacional. In V. S. GONÇALVES; A. C. SOUSA (eds.), *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e UNIARQ*, p. 325-331.

MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2001) - Alcalar: estudo, salvaguarda e valorização de uma paisagem cultural do III milénio a.C. *Estudos/Património, 1*. Lisboa: IPPAR, p. 94-98.

MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2003) - O povoado calcolítico de Alcalar (Portimão) na paisagem cultural do Alvor no III milénio antes da nossa era. In S. OLIVEIRA JORGE (coord.), *Recintos murados da Pré-história Recente*. Porto: Universidades do Porto e Coimbra, p. 307-327.

NEVES, C.; MARTINS, A.; ANDRADE, A.M.; PINTO, A. e MAGALHÃES, B. (2013) – Estratégias de Povoamento das Comunidades do Neolítico Final e Calcolítico no Vale da Ribeira de Alfândão (Ferreira do Alentejo, Portugal). *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. p. 361-372.

NOCETE, F. (2001) – *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradiciones centro/periferia en el Valle del Guadalquivir*. Barcelona. Ediciones Bellaterra.

PARREIRA, R. (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa), relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.4:1.p. 149-168.

PARREIRA, R. (1990) – Considerações sobre os milénios IV e II a.C. no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Orientais*. Lisboa. Vol.1.p. 27-43.

PARREIRA, R. ; SARDICA, J.M. (1980) - *Relatório dos trabalhos de escavação efectuados na Anta do Zambujal*. Entregues ao Director-Geral do Instituto Português do Património Cultural.

PAYNE, S. (1973) – Kill-off patterns in sheep and goats. *Anatolian Studies*, 23. p. 281-303.

PAYNE, S & BULL, G.. (1988) – *Components of variation in measurements of pigs bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains*. *Archaeozoologia*, Vol.II/1,2: 27-66.

RIBEIRO, F.N (1973) - Resposta ao Ofício do Director-Geral dos Assuntos Culturais, sobre o conjunto Dolménico do Monte da Corte Serrão

RIBEIRO, L.; SANGMEISTER, E. (1967) – Der neolitische fündplatz von Possanco bei Comporta (Portugal), M.M 8. p.31-45

RODRIGUES, A.F. ; PINTO, M. A. (2008a) – *Relatório de prospeções na Sala nº1*. Aprovado pelo IGESPAR

RODRIGUES, A.F. ; PINTO, M. A. (2008b) – *Relatório de prospeções no Porto de Moura 2*. Aprovado pelo IGESPAR

RODRIGUES, A.F. ; PINTO, M. A. (2008c) – *Relatório de prospeções no Monte do Sobrado*. Aprovado pelo IGESPAR

RUIZ MATA, D. (1975) – Cerámicas del bronce del poblado de Valencina de la Concepción (Sevilha): los platos. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid. Vol.2. p. 123-149

SÉROINE- VIVIEN, M.R.(1982)- Introduction à l'étude des poteries préhistoriques. *Mémoire - Société spéléologique et préhistorique de Bordeaux*, . Bordeaux. N° 1. p.103

SHEPHERD, R (1980) - Prehistoric mining and allied industries. *Studies in archaeological science*. London ; New York : Academic Press, p. 257-265

SHERRATT, A. (1981) – Plough and pastoralismo: aspects of the secondary products revolution. Hoder et al (ed.) Cambridge University Press. p. 261-305

SILVA, C. T. (1987) – Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). In *Actas da Mesa Redonda sobre El Megalitismo en la Peninsula Iberica*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 85-93.

SILVA, A. C. (1994) – Problemática das indústrias macrolíticas do Guadiana um tema a não ignorar para uma maior aproximação ao estudo do povoamento pré-histórico no interior alentejano. In *Actas do Encontro sobre Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva, p. 71-89

SILVA, C. T. ; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3. p. 179-272.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) – Pré-História da área de Sines, trabalhos arqueológicos de 1972-77. Sines: Gabinete da Area de Sines, 1981

SILVA, C. T. ; SOARES, J. ; CARDOSO, J. L. (1995) – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e Leceia - elementos para um estudo comparado. In KUNST, M., ed. lit. - Origens, estruturas e relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica : *actas das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, 1987*. Lisboa: IPPAR, 1995. (Trabalhos de Arqueologia; 7). p. 159-168.

SOARES, A. M.M. (1992) – “O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja).” Notícia preliminar. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 291-314.

SOARES, A. M. M (1995) – Datação absoluta da estrutura Neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Vipasca*. 5. p.51-58

SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; CABRAL, J. M. P. (1994) – Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da Bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança. In *Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana. Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste. Huelva*: Grupo de Investigacion Arqueologica del Patrimonio del Suroeste, p. 165-200

SOARES, J. (2013) – Transformações Sociais durante o III milénio A.C no Sul de Portugal- O Povoado do Porto de Carretas. *Memórias d’Odiana*,. Estudos do Alqueva. EDIA.2ª Série. p. 572

SOARES, J. ; SILVA, C. T. (1992) – Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10. p. 37-88

SOUSA, A. C. (1998) - O Neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. Vol.11. p.275.

SOUSA, A. C. (2003) – O Neolítico final do Penedo do Lexim (Mafra). In GONÇALVES, V., ed. lit. - Muita gente, poucas antas. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2003. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. Vol 25. p. 307-337.

SOUSA, A.C. (2010) - *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. 2 vol. Policopiado.

SOUSA, A.C; GONÇALVES, V.S (2012) – In and Out. Tecnologias, símbolos e Cultura Material. Interações e Identidade Regionais no Centro e Sul de Portugal no 3º Milénio A.N.E. Congrès Internacional Xarxes al Neolític – Neolithic Networks Rubricatum. *Revista del Museu de Gavá*, 5 (2012). p.383-392.

SOUSA, C. ; DIAS, G.M.M. e NEVES, M.J. (2009) – *Relatório aprovado de Escavação ao sítio Torre 4*. Relatório entregue e aprovado pelo IGESPAR.

VALERA, A.C (2008) – O novo recinto de fossos calcolítico de Xanca (Cuba, Beja). *Revista Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. NIA-ERA. Nº 2 p.23-26.

VALERA, A.C. (2013a) – Cronologia dos Recintos de Fossos da Pré-História recente em território português. – *Revista Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. p. 335-343.

VALERA, A.C. (2013b) – As Comunidades Agropastoris na Margem Esquerda do Guadiana. 2ª Metade do IV aos inícios do II A.C. *Memórias d’Odiana*. Estudos do Alqueva. EDIA.2ª Série. p. 575

VALERA, A.C. (2013c) – Cronologia Aboluta dos Fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de Estruturas Negativas “Tipo Fosso”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. ERA Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica. Vol.9 Lisboa. p. 7-11.

VALERA, A.C (s.d) – *A Margem Esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio A.C.* Síntese do estudo sobre o Bloco 5 do plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico da construção do Alqueva. Pp.136 – 210.

VALERA, A.C; GODINHO, R.; CALVO, E.; BERRAQUERO, F. J.M. ; FILIPE, V.; SANTOS, H. ( 2014) - “Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa).” *Actas do IV Colóquio Arqueológico de Alqueva*. Beja, 2010.

VALERA, A. C.; FILIPE, I. (2004) - O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*. Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri. Nº.6. p.28-61.

VALERA, A. C. e FILIPE, V. (2010) - Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. NIA-ERA Arqueologia, Lisboa. Nº5. p.49-5

VALERA, A. C. e FILIPE, V. (2012) – A Necrópole de Hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. ERA Arqueologia/Núcleo de Investigação Arqueológica. Lisboa. Nº8. p.29-41

VASCONCELLOS, José de Leite de (1918) - Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve). In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1ª série: 23, p. 104138.

VIEIRA, T. (2012) - *Plano de Trabalhos Arqueológicos. Barranco da Ordem 2*. ProceSl. Relatórios entregues ao IGESPAR.

#### CARTOGRAFIA:

- IGE - INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXERCITO (1994) - Carta Militar 1/25000, folha nº511. Série M888. 3ª edição
- IGC - INSTITUTO GEOGRÁFICO E CADASTRAL (1970) - Carta Geológica de Portugal 1:50 000, folha nº 43B.
- IGE - INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXERCITO (1966) -Carta dos Solos de Portugal 1:50 000, 43B. Base Cartográfica reduzida da Carta Militar de Portugal.
- IGE - INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXERCITO (1966) - Carta de Capacidade dos Solos de Portugal, 1:50 000. na folha 43B. Base Cartográfica reduzida da Carta Militar de Portugal.